

José Manuel Alvarez Seara

**CUIDADOS INFANTIS, BRINCADEIRAS E GÊNERO: ESTUDO
EM UM BAIRRO DE MONTEVIDÉU, URUGUAI**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Jaison José Bassani

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Karina Batthyány

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Alvarez Seara, José Manuel
CUIDADOS INFANTIS, BRINCADEIRAS E GÊNERO : ESTUDO EM UM
BAIRRO DE MONTEVIDÉU, URUGUAI / José Manuel Alvarez Seara ;
orientador, Jaison José Bassani ; coorientadora, Karina
Batthyány. - Florianópolis, SC, 2015.
127 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em
Educação Física.

Inclui referências

1. Educação Física. 2. Educação Física. 3. Gênero. 4.
Infância. 5. Brincadeiras. I. Bassani, Jaison José. II.
Batthyány, Karina. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. IV.
Título.

José Manuel Alvarez Seara

**CUIDADOS INFANTIS, BRINCADEIRAS E GÊNERO: ESTUDO
EM UM BAIRRO DE MONTEVIDÉU, URUGUAI**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre em Educação Física”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física.

Florianópolis, 06 de novembro de 2015.

Prof. Dr. Luiz Guilherme Antonacci Guglielmo
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Jaison José Bassani
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Giovani de Lorenzi Pires
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Michelle Carreirão Gonçalves
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Richter
Universidade Federal de Santa Catarina

Para Diana, Maria, Manuel, Germán y Eudosia.

It's the friends you can call up at 4 a.m.that matter.
(Marlene Dietrich)

RESUMO

O presente trabalho de dissertação se propôs a pesquisar, desde uma perspectiva de gênero, brincadeiras e jogos que fazem pais, mães e pessoas adultas com seus filhos nos tempos de cuidados infantis no âmbito doméstico e em espaços públicos de um bairro urbano periférico da cidade de Montevidéu, capital e principal cidade do Uruguai. Trata-se de um trabalho que se pretende interdisciplinar, em que se articulam estudos de Sociologia de gênero e de Educação Física sobre infância, cuidados, brincadeiras, tempo livre e lazer. Como colocam Reina e Cea (2005), a brincadeira pode ser um veículo no qual estereótipos ou padrões de gênero são aprendidos por meio da experiência, em que crianças experimentam, de forma tradicional e eficaz (MAUSS, 2003, p. 407), comportamentos masculinos e femininos. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa está delimitada como um estudo de casos múltiplos, em um bairro da região Oeste de Montevidéu, que possui certas características singulares, como a de possuir diversas formas de moradia no território (assentamentos, cooperativas, diversos tipos e padrões de residências), a falta de iluminação pública nas ruas, falta de sistema de esgoto, carência de serviços públicos e pouca oferta de transporte público de passageiros quando comparada com outros bairros e regiões da capital uruguaia. Parte-se de dados quantitativos e qualitativos, produzidos a partir da consulta a estatísticas oficiais sobre a composição das famílias no Uruguai e da realização de entrevistas em profundidade e de técnicas etnográficas de observação e análise. Foram entrevistadas 15 pessoas (8 mães e 5 pais), que possuíam filhos entre 0 e 10 anos, e 2 funcionárias de um CAIF – Centro de Atendimento a Infância, instituição presente no bairro pesquisado e que atende crianças menores de 4 anos de idade e suas famílias. Nossos resultados mostram um tensionamento dos estereótipos generificantes vinculados às brincadeiras que pais e filhos realizam no âmbito doméstico como parte do tempo destinado aos cuidados e interrogarmos se as brincadeiras podem não reproduzir padrões heteronormativos.

Palavras-chave: Gênero. Infância. Brincadeiras. Montevidéu.

ABSTRACT

This research low gender perspective, to look into the games to do parents and adults with children on childcare time, in your houses and public areas in a neighborhood of Montevideo, capital city of Uruguay. This investigation expect to interdisciplinary, try to assemble studies of Gender Sociology and Physical Education about childhood, childcare, games and leisure. Because authors Reina & Cea (2005) say, the game could be a expression of gender estereotipes to be learned by experience, childhood experiment in a traditional and effective way (MAUSS, 2003, p. 407), behaviors female and male. Also in relation with methodology, the investigation is delimited by a multiple case studies, in a neighborhood of west Montevideo, with singular characteristics, such as different types of housing (slums, cooperative housing and different types of residence), as well as lack of street lighting, lack of sanitation services, lack of public government services and a little offer of public transport in comparison with other neighborhood of Uruguayan capital city. This investigation is based in quantitative and qualitative data, produced from the inquiry of oficial statistics about family composition in Uruguay, implementation of in-depth interviews and ethnographic techniques for observation and analysis. It were interviewed 15 people (8 mothers and 5 fathers), who had children between 0 and 10 years, and 2 agents of a CAIF – Centre of Assist Child and Family-, institution presenting on the neighborhood investigated, who attend minor childhood of 4 years and yours families. Our results indicate a tensioning of gender stereotypes related with games by parents and children in their homes as part of time of care and we wonder if games can not be reproduce patrons heteronormative.

Keywords: Gender. Childhood. Games. Montevideo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
Objetivo geral	21
Objetivos específicos	21
CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA E ROTEIRO DE ENTREVISTAS	23
1.1 Matriz analítica e metodologia.....	23
1.2 Contexto, espaços e o bairro	29
1.3 Sobre os/as entrevistados/as.....	33
CAPÍTULO 2 – CUIDADOS INFANTIS: ELEMENTOS CONCEITUAIS	44
2.1 Gênero, cuidados e cuidados infantis.....	44
2.2 Divisão sexual do trabalho, carga global do trabalho, trabalho remunerado e trabalho não remunerado	52
2.3 Bem-estar, proteção social e sistema nacional de cuidados	58
2.4 Infância e brincadeira.....	61
CAPÍTULO 3 – BRINCADEIRAS NO LAR: REPRODUÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO HETERONORMATIVOS	66
CAPÍTULO 4 – BRINCADEIRAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS: PRECARIEDADE, INSEGURANÇA E SEGMENTAÇÃO	92
CAPÍTULO 5 – À GUIA DE CONCLUSÃO: BRINCADEIRAS PODEM NÃO REPRODUZIR PADRÕES HETERONORMATIVOS?	102
REFERÊNCIAS	114
ANEXO A - Termino de consentimiento libre y esclarecido	122
ANEXO B - Roteiro de entrevista 1	124
ANEXO C - Roteiro de entrevista 2	128

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de dissertação se propôs a pesquisar, desde uma perspectiva de gênero, brincadeiras e jogos que fazem pais, mães e pessoas adultas com seus filhos nos tempos de cuidados infantis no âmbito doméstico e em espaços públicos de um bairro urbano periférico da cidade de Montevideu, capital e principal cidade do Uruguai. Trata-se de um trabalho que se pretende interdisciplinar, em que se articulam estudos de Sociologia de gênero e de Educação Física sobre infância, cuidados, brincadeiras, tempo livre e lazer.

Neste trabalho procuramos pesquisar a relação entre pessoas adultas e crianças com foco nas brincadeiras realizadas durante o tempo de não trabalho e de cuidado com os filhos. Como colocam Reina e Cea (2005), a brincadeira pode ser um veículo no qual estereótipos ou padrões de gênero são aprendidos por meio da experiência, em que crianças experimentam, de forma tradicional e eficaz (MAUSS, 2003, p. 407), comportamentos masculinos e femininos. Os estereótipos de gênero são, como afirmam Reina e Cea (2005), preconceitos sexistas que são reforçados no âmbito familiar, escolar e social. De modo mais específico, nosso foco recaiu sobre a relação entre adultos e crianças com ênfase nas brincadeiras que fazem juntos, do ponto de vista do que os adultos propõem, permitem e proíbem em termos de brincadeiras e jogos com seus filhos e filhas no lar e em espaços públicos do bairro Flor de Maroñas, de Montevideu.

A pesquisa está delimitada como um estudo de casos múltiplos, em um bairro da região Oeste de Montevideu que possui certas características singulares, como ser a de possuir diversas formas de moradia no território (assentamentos, cooperativas, diversos tipos e padrões de residências), a falta de iluminação pública nas ruas, falta de sistema de esgoto, carência de serviços públicos e pouca oferta de transporte público de passageiros quando comparada com outros bairros e regiões da capital uruguaia. Parte-se de dados quantitativos e qualitativos, produzidos a partir da consulta a estatísticas oficiais sobre a composição das famílias no Uruguai e da realização de entrevistas em profundidade e de técnicas etnográficas de observação e análise. Foram entrevistadas 15 pessoas (8 mães e 5 pais), que possuam filhos entre 0 e 10 anos, e 2 funcionárias de um CAIF – Centro de Atendimento à

Infância,¹ instituição presente no bairro pesquisado e que atende crianças menores de 4 anos de idade e suas famílias. As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto e outubro de 2014, na cidade de Montevidéu, Uruguai. Durante esse período, também foram observados espaços públicos do bairro, como praças, parques e centros comunitários em diferentes horários do dia, procurando descrever atividades, brincadeiras e passeios que crianças e adultos/as realizavam conjuntamente nesses espaços.

O interesse por esse tema de pesquisa nasceu de um conjunto de questões pessoais, acadêmicas e profissionais. Elas vão desde minha trajetória de formação tanto em Educação Física quanto em Sociologia, com ênfase, nesta última, na Sociologia de gênero, temática que trabalho desde o ano de 2007, passando pela Especialização em Gênero e Políticas Públicas que concluí em 2014 na Universidad de la República (UdelaR), e chegando até minha atuação profissional como professor do Instituto Superior de Educación Física (ISEF) da Universidad de la República desde o ano de 2008. No âmbito do ISEF, atuo vinculado ao Departamento de Educação Física, Tempo Livre e Ócio (EFTLyO), especificamente como professor adjunto titular na sede de Maldonado na disciplina de *Los juegos infantiles desde una perspectiva de género y diversidad sexual* e como professor assistente na disciplina PRADO II (*Práctica docente na e com a comunidade*), na sede de Montevidéu. Minha atuação nessa última disciplina se desenvolve dentro de um Espaço de Formação Integral (EFI), em um bairro urbano da região Oeste de Montevidéu, onde também se desenvolveu a presente pesquisa. Ainda no âmbito institucional, a presente dissertação vincula-se à atividades que desenvolvo como integrante do grupo de pesquisa *Estudios sobre el Tiempo Libre, Ocio y Género*, inscrito na Comisión Sectorial de Investigación Científica (CSIC-UDELAR), no Uruguai. No mesmo

¹ O Plano CAIF é um programa nacional de atenção à população infantil em situação de extrema pobreza. Surge em 1988 e suas modalidades de intervenção contemplam as seguintes dimensões: desenvolvimento infantil integral; fortalecimento familiar; promoção da saúde; melhoria da situação alimentar e nutricional; e desenvolvimento e participação comunitária. Sua ação se baseia em um trabalho conjunto entre o Estado e a sociedade civil organizada (ONGs) (SALVADOR, 2007). Em um primeiro momento, o plano se dirigia às crianças de 4 e 5 anos. Contudo, com a extensão da cobertura escolar de nível inicial, se destina atualmente para crianças menores de 4 anos e suas famílias. As instituições integrantes desse plano estão presentes em bairros urbanos que apresentam altos índices de pobreza.

sentido, a pesquisa está diretamente vinculada ao mencionado Departamento EFTLyO do ISEF-UDELAR, e se articula, por meio da orientação da professora Dra. Karina Battyány, do Departamento de Sociologia da Facultad de Ciencias Sociales da UDELAR, com o novo Sistema Nacional de Cuidados (SNC) no Uruguai, política pública em implantação no país nos últimos anos, e com a Linha de Pesquisa *Infância, Educação e Sociedade*, do Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea, do Centro de Ciências da Educação da UFSC, a partir da orientação do professor Dr. Jaison José Bassani, do programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina (Brasil). O presente trabalho está inscrito também em um contexto mais amplo de intercâmbio acadêmico, no âmbito da Educação Física, entre o ISEF-UDELAR, do Uruguai, e os Programas de Pós-graduação em Educação Física e em Educação da UFSC, do Brasil, assim como em um convênio de colaboração entre Brasil e Uruguai financiados pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e pela UDELAR.

A opção, portanto, pela realização da pesquisa no bairro em questão se deve tanto a essa vinculação institucional, como professor do ISEF que atua em projetos de ensino, pesquisa e extensão naquele território, quanto à perspectiva de melhor compreender como famílias de um determinado contexto sociocultural compreendem o papel das brincadeiras como parte do tempo de cuidado e de educação de seus filhos.

Do ponto de vista teórico, a pesquisa tem uma perspectiva de gênero, dimensão que nos ajuda a visualizar as desigualdades que se dão entre mulheres e homens em nossa sociedade. A perspectiva de gênero configura-se também como uma categoria relacional. Centrar-se no estudo das relações de gênero e amplia a análise sobre mulheres e homens como categorias isoladas, dando um passo na direção de uma perspectiva analítica que considera a análise das inter-relações mais amplas entre homens e mulheres (BATTHYÁNY, 2009).

Nesse sentido, Batthyány (2004) coloca que os cuidados e as responsabilidades familiares, principalmente o cuidado de crianças e pessoas dependentes, levanta o questionamento acerca da posição das mulheres e sua igualdade nos diferentes âmbitos da sociedade, mas principalmente na família e no trabalho. Esse elemento questiona o acesso à cidadania social das mulheres, já que não é um grupo homogêneo, e suas responsabilidades familiares nos cuidados vão depender da classe social, idade, estado civil e lugar de residência (BATTHYÁNY, 2004).

O conceito de cuidado pode ser relacionado com a revisão do conceito de bem-estar social, desde a perspectiva de gênero. O cuidado é reconhecido como uma atividade laboral importante que contribui ao bem-estar social, um trabalho que sempre é emoldurado por relações de subordinação, nas quais a mulher, na maioria das vezes, é quem se responsabiliza (ou é responsabilizada) por esses cuidados, procurando o conforto cotidiano, em contraposição ao homem que, na maioria dos casos, está ausente nessas tarefas (TORNOS, 2008).

As mulheres efetuam e destinam mais tempo em praticamente todas as tarefas de cuidado infantil. Além disso, concentram sua participação naquelas tarefas que demandam cotidianidade, sistematicidade de horários e cuja realização é compulsória. Os homens, por sua vez, se envolvem menos nos cuidados, e sua participação maioritária se dá nas tarefas que não demandam um desenvolvimento cotidiano e que são mais flexíveis na dedicação de tempo (BATTHYÁNY, 2004).

Entre os diferentes tipos de cuidado que realizam as pessoas corriqueiramente, se encontram os cuidados com as crianças (cuidados infantis), nos quais se inserem as práticas alimentares, de higiene, de saúde, bem como brincadeiras, jogos e passeios, que ocupam juntos um tempo considerável, e quando se estabelece uma importante relação entre adultos e crianças.

Batthyány, Genta e Perrota (2013) expressam que é importante considerar o cuidado como um direito e colocam o debate em relação a como incorporar a complexidade dessa dimensão em uma lógica de direitos, no âmbito das políticas públicas, que se relacionam com a igualdade de oportunidades, tratamento e trajetórias:

[...] O direito ao cuidado deve ser considerado num sentido de um direito universal de toda a cidadania, desde a dupla circunstância de pessoas que precisam de cuidados e que cuidam, a saber, desde o direito a dar e a receber cuidados. (BATTHYÁNY; GENTA; PERROTA, 2013, p. 11).

Outro antecedente importante para a presente pesquisa é o trabalho realizado por Lucía Scuro (2009) no Uruguai sobre “pobreza e desigualdades de gênero”, que ajuda a visibilizar as desigualdades que se relacionam com as dos cuidados infantis. Neste sentido, como manifesta Faur (2014), o cuidado infantil é um território em que as históricas

desigualdades de gênero são acentuadas, em especial entre a população mais pobre, como bem coloca a autora, com o risco de reproduzir desigualdades socioeconômicas.

Também foram importantes antecedentes para este trabalho tanto as pesquisas sobre o Uso do Tempo no Uruguai, que desde o ano de 2003 vem levantando dados sobre essa dimensão da vida dos indivíduos e suas famílias, quanto os documentos de trabalho e pesquisas que vem sendo realizadas sobre o novo Sistema Nacional de Cuidados (SNC), política pública de cuidados que, como dito, está em implementação no Uruguai.

Em outro sentido, é de fundamental importância para o presente trabalho o que levantam Reina e Cea (2005) em sua pesquisa sobre brincadeiras e gênero, ao identificar outras pesquisas já realizadas sobre as relações de gênero e infância, que confirmam que meninos e meninas demonstram comportamentos, preferências, competências, atributos de personalidade mais apropriados para o seu sexo, seguindo, desde bem pequenos, normas e padrões estabelecidos social e culturalmente.

Nessa direção, ganha destaque também a discussão realizada por Caldas-Coulthard e Van Leeuwen (2004) sobre como os brinquedos (e os textos e imagens que acompanham esses objetos materiais) são semioticamente significativos no que se refere às relações de gênero na infância, e indagam como alguns de seus significados são produzidos. Esses autores dizem que os brinquedos são um “microcosmo do mundo adulto” e sempre significam alguma coisa:

[...] esta alguma coisa é sempre inteiramente socializada, constituída pelos mitos ou pelas técnicas da vida adulta moderna. Brinquedos representam, basicamente, as instituições de nossas sociedades: o Exército, a Radiodifusão, os Correios, a Medicina (maletas de médico em miniatura, salas de cirurgia para bonecas), a Escola, o Salão da Cabeleireira (secadores para fazer permanente), o Transporte (trens, Citroens, Vedettes, Vespas, postos de gasolina) e a Ciência (Brinquedos espaciais, ferramentas, etc.). (CALDAS-COULTHARD; VAN LEEUWEN, 2004, p. 13-14).

Em outro sentido, Norbert Elias (1989), falando do tempo livre e do lazer, expressará que há poucas sociedades humanas, para não dizer

nenhuma, sem um equivalente de nossas atividades recreativas: sem danças, simulacros de combate, números acrobáticos ou musicais, invocações cerimoniais de espíritos, enfim, sem instituições sociais que, por assim dizer, proporcionam alívio emocional contra balanceando as tensões e os esforços da vida ordinária com suas sérias lutas, perigos, riscos e coações.

No âmbito escolar, Elena Gianni Belotti (1975) contribui também para a reflexão sobre as relações de gênero na infância, ao investigar a educação escolar de meninas na Itália. A autora relata observações desde os primeiros anos de vida da criança, analisando o comportamento dos adultos a seu respeito, as relações que estabelecem com ela nas diversas idades, o tipo de exigências que lhes são feitas e a maneira como lhes apresentam as expectativas que envolvem o fato de pertencer a um sexo e não a outro.

Ao buscar conhecer as causas sociais e culturais das diferenças entre os sexos, Belotti (1975) afirma que se pode descobrir sua gênese em pequenos gestos cotidianos que chegam a passar despercebidos, e em reações automáticas, cujas origens e objetivos se repetem sem ter consciência de seu significado, porque se interiorizam no processo educacional.

Outro antecedente importante na temática é trabalho de Alex Branco Fraga (1995) que pesquisa sobre as concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes.

Em outro sentido, existem pesquisas sociológicas com perspectiva de gênero que se referem ao lazer em diferentes países. Uma quantidade numerosa de pesquisas sociológicas nas quais se analisa o lazer desde essa perspectiva põem em evidência as desigualdades entre homens e mulheres. É o caso, por exemplo, segundo Mc Phail (2006), dos trabalhos realizados por Susan Shaw (1985), Betsy Wearing (1988) e Rosemary Deem (1986), entre outras, que evidenciam tanto a desigualdade quanto as estratégias que mulheres mobilizam para se contrapor às restrições impostas por esses papéis sociais (MC PHAIL, 2006). Nesse mesmo registro, as pesquisas que vem realizando Ximena Ureta Sosa (2014) no tema do tempo livre e ócio no Uruguai, são importantes para a presente pesquisa.

As produções teóricas antecedentes são fundamentais para este trabalho, assim como fontes primárias de outras pesquisas e os dados oficiais sobre a condição das famílias no Uruguai, possibilitando uma reflexão sobre as brincadeiras que fazem as pessoas responsáveis pelos cuidados infantis nos lares e espaços públicos.

A partir desses elementos aqui sumarizados, a presente pesquisa procurou, desde uma perspectiva de gênero, e tomando como campo de investigação o bairro Flor de Maroñas, localizado na região Oeste da cidade de Montevidéu, Uruguai, observar e responder às seguintes questões: que pessoas e quanto tempo destinam para cuidar, brincar, jogar e acompanhar crianças, dentro e fora do lar (em espaços públicos)? Quais são as brincadeiras que fazem as crianças? Que brincadeiras fazem crianças e pais/mães juntos? Que tipo de atividades se propõe às crianças de acordo com o gênero do adulto/a cuidador/a? Existem papéis e estereótipos de gênero que determinam as distintas brincadeiras?

Para responder a essas questões, propusemos os seguintes objetivos gerais e específicos:

Objetivo geral

Compreender as percepções que têm mães, pais e adultos/as responsáveis a respeito das práticas de cuidado com as crianças, especialmente de brincadeiras e jogos que realizam com seus filhos entre 0 e 10 anos de idade no ambiente doméstico e nos espaços públicos de um bairro urbano da cidade de Montevidéu, Uruguai.

Objetivos específicos

Indagar sobre as brincadeiras e o cuidado de crianças (de 0 a 10 anos) no âmbito do lar e nos espaços públicos de um bairro de Montevidéu;

Indagar sobre as percepções de mães e pais de um bairro de Montevidéu sobre as brincadeiras na educação e cuidado dos filhos;

Compreender a relação existente entre as brincadeiras e a transmissão de papéis de gênero às crianças por parte de mães e pais.

Na sequência, o texto está organizado em cinco capítulos, que tem o propósito também de englobar as reflexões finais do trabalho, além das referências, ao final. No primeiro capítulo, dividido em três seções, abordaremos a matriz analítica utilizada para dar conta das dimensões principais que foram investigadas, assim como explicitar nossas opções metodológicas e a fundamentação que dá sustentação às nossas escolhas, procurando também apontar acertos e desacertos que foram se colocando no decorrer do trabalho. Nesta parte do trabalho também apresentaremos as pessoas entrevistadas e descreveremos o contexto (o bairro Flor de

Maroñas) no qual a pesquisa foi realizada. O segundo capítulo, intitulado *Cuidados infantis: elementos conceituais*, está estruturado em quatro seções e destinado à discussão dos principais conceitos presentes nesta investigação, como gênero, cuidados infantis, divisão sexual do trabalho, a relação entre trabalho remunerado e não remunerado e cuidados infantis. Também discutiremos, na parte final do capítulo, os conceitos de infância e brincadeira. Serão mobilizados, ao longo do texto, como se verá, dados oriundos também das entrevistas realizadas com as pessoas investigadas. Na sequência, temos o terceiro capítulo, denominado *Brincadeiras no lar: reprodução dos papéis de gênero heteronormativos*, em que mostraremos, a partir dos dados produzidos nas entrevistas, quais são as brincadeiras que fazem as pessoas adultas com seus filhos e filhas, no tempo de cuidados infantis. Enfatizaremos a relação entre brincadeiras e gênero, procurando estabelecer especificamente os nomes das brincadeiras, onde elas acontecem dentro do lar, e a relação com o gênero das pessoas que intervêm no momento do brincar. No capítulo seguinte, cognominado *Brincadeiras nos espaços públicos: precariedade, insegurança e segmentação*, serão apresentados e discutidos os dados relativos tanto às entrevistas quanto à observação participante das brincadeiras que adultos e crianças realizavam juntos nos espaços públicos do bairro investigado, mas também em outras regiões da cidade de Montevideú. E, por último, no capítulo final intitulado *À guisa de conclusão: brincadeiras podem não reproduzir padrões heteronormativos?*, vamos tratar do que pode ser considerado, no âmbito desta pesquisa, como um tensionamento dos estereótipos generificantes vinculados às brincadeiras na infância. Conforme veremos, não se trata da descrição de brincadeiras propostas pelos/as adultos/as dentro e fora dos lares nas quais se buscasse, deliberada ou inconscientemente, romper com estereótipos de gênero. O que faremos é retomar alguns fragmentos de entrevistas já anteriormente destacados, em outros capítulos, outros que até então não haviam sido mencionados, para (re)discuti-los à luz do conceito de *profanação*, de Agamben (2007), e também do conceito de *heterossexualidade normativa*, de Judith Butler (2002).

CAPÍTULO 1 - METODOLOGIA E ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Neste capítulo abordaremos a matriz analítica utilizada para dar conta das dimensões principais que foram investigadas, assim como explicitar nossas opções metodológicas e a fundamentação que dá sustentação às nossas escolhas, procurando também apontar acertos e desacertos que foram se colocando no decorrer do trabalho. Apoiados em aspectos teóricos da Sociologia urbana e de fontes como as do Instituto Nacional de Estadísticas e Censos do Uruguai (INE), também descreveremos as instituições e os bairros envolvidos na pesquisa, mostrando a estratégia que utilizamos para chegar nas/os entrevistadas/os – para a qual foi fundamental a ajuda de vizinhas/os e professores/as da UDELAR que trabalham na zona localizada –, incluindo a apresentação do roteiro de entrevistas e a caracterização das pessoas entrevistadas (pais, mães e funcionárias do CAIF).

1.1 MATRIZ ANALÍTICA E METODOLOGIA

Para permitir a sistematização das informações que pretendíamos recolher nas entrevistas em profundidade com pais e responsáveis de crianças de 0 a 10 anos de idade, construímos previamente uma matriz que procurou descrever e articular os principais conceitos teóricos a fim de orientar tanto a construção do roteiro de entrevista quanto a operacionalização da sistematização dos dados para o desenvolvimento das análises e interpretações. A matriz, como se pode ver na sequência, está composta por três dimensões principais, subdimensões e parâmetros para se ter em conta nas entrevistas com os sujeitos investigados.

Tabela 1 – Matriz analítica

Dimensões	Subdimensões	Parâmetros
Trabalho e cuidados infantis	Trabalho remunerado e não remunerado Cuidados infantis Reparto de cuidados entre homens e mulheres Lembranças dos cuidados Orientações do cuidado	Trabalho remunerado e não remunerado que fazem as pessoas. Cuidados infantis dentro do trabalho não remunerado. Pessoas que fazem os cuidados no lar e nos espaços públicos. Quem cuidava os adultos/as na infância? Quais são as orientações que tem para realizar os cuidados, se tomam estas dos médicos, educadores ou outros?
Brincadeiras e Gênero	Brincadeiras permitidas Brincadeiras proibidas Brincadeiras pais-meninos/as Brincadeiras mães-meninos/as Brincadeiras e lembranças Brincadeiras e brinquedos Brincadeiras no lar Brincadeiras nos espaços públicos Brincadeiras não heteronormativas	Quais são as brincadeiras permitidas pelos adultos? Quais são as brincadeiras proibidas pelos adultos/as? Brincadeiras que fazem pais com os meninos e brincadeiras que fazem pais com meninas. Brincadeiras que fazem mães com meninos e mães com meninas. Brincadeiras que faziam adultos/os na infância, comparações com as brincadeiras que agora fazem com seus filhos. Brincadeiras e brinquedos, texturas, cores e personagens. Brincadeiras feitas no lar, lugares permitidos e proibidos, organização das brincadeiras no lar. Brincadeiras nos espaços públicos. Brincadeiras que não respondem a padrões heteronormativos.
Tempo livre, lazer, ócio e gênero	Tempo livre, lazer, ócio e trabalho Tempo livre, lazer, ócio e gênero	Tempo livre dos adultos/as e crianças. Tempo livre dos homens e mulheres.

Fonte: Pesquisador.

Na dimensão trabalho e cuidados infantis procuramos indagar sobre o trabalho remunerado e não remunerado que fazem as pessoas e olhar para diferenças segundo o gênero. Consideramos o cuidado infantil como parte do trabalho não remunerado e, nesta pesquisa, procuramos obter dados de quem realiza maioritariamente este trabalho no lar e nos espaços públicos, bem como saber quais são os acordos familiares para a realização desse tipo de trabalho. Dentro dos cuidados infantis se perguntou por quem alimenta as crianças no lar, coloca-as para dormir, leva-as para a escola, passeia e permanece com elas no lar e espaços públicos quando não estão em outras instituições, como a escola, por exemplo.

Na dimensão brincadeiras e gênero procuramos fazer um percurso historiográfico das pessoas adultas, focalizando as brincadeiras que faziam quando crianças, chegando também a questionar sobre quais brincadeiras e jogos eles/as realizam com seus filhas/os na atualidade, procurando diferenciar aquelas que são feitas segundo o gênero com meninos e meninas, assim como indagar sobre o mundo das brincadeiras e dos brinquedos. Nesta dimensão surgiram brincadeiras que não possuem, segundo nosso ponto de vista, um padrão heteronormativo e que irão constituir, como se verá mais adiante, em um capítulo específico desta pesquisa.

Com as dimensões tempo livre, lazer e ócio pretendíamos lançar um olhar sobre as práticas realizadas durante o tempo de não trabalho, com uma perspectiva de gênero, procurando indagar sobre os tempos livre, de lazer e de ócio das pessoas em conjunto com as crianças. No entanto, tanto em função de opções metodológicas inadequadas que tomamos para produção de informações sobre esta dimensão, como a observação de espaços públicos como praças, parques, ruas etc. do bairro investigado durante os meses de inverno em Montevideu, quanto também pela baixa frequência de respostas das pessoas entrevistadas relativas aos parâmetros estabelecidos, optamos por não realizar análises específicas dos poucos dados recolhidos sobre esta dimensão e procurar as bases para aprofundar o tema em outro momento.

Do ponto de vista da metodologia empregada, a presente pesquisa pode ser caracterizada como um estudo de casos múltiplos que combinou dados quantitativos, extraídos de estatísticas oficiais sobre a situação das famílias no Uruguai, em geral, e, em Montevideu, especificamente no bairro de Flor de Maroñas, localizado na periferia Oeste da cidade. Utilizamos também uma técnica qualitativa de entrevistas (semiestruturadas) e uma proposta etnográfica de observação

participante. A opção por estratégias metodológicas que priorizem a produção de dados qualitativos se justifica, no âmbito do presente trabalho, na medida em que nos permitiu conhecer e visibilizar, de forma detalhada, quais eram as brincadeiras que adultos/as e crianças faziam juntos, quanto tempo destinavam para essa dimensão do cuidado infantil e indagar sobre o porquê, na perspectiva dos/as adultos/as, essas brincadeiras eram realizadas com as crianças.

Ajudou-nos a compreender esse desenho de pesquisa a definição que dá Coller (2000) a respeito do estudo de caso: um caso é um objeto de estudo com fronteiras (materiais e simbólicas) mais ou menos claras, que analisa um contexto determinado e que se considera relevante conhecer seja para verificar, ilustrar ou construir uma teoria ou parte dela, seja por seu valor intrínseco.

O estudo de caso se caracteriza ainda por ter como objeto um fenômeno contemporâneo, em um contexto real e cotidiano, onde o fenômeno não pode ser manipulado. Está destinado, em grande medida, a por a prova uma teoria desenvolvida. A partir de uma teoria complexa e estruturada é possível deduzir com precisão comportamentos e fenômenos concretos. O estudo de um ou vários casos permite colocar sobre tensão o caráter heurístico e analítico da teoria em questão (COLLER, 2000). Esta pesquisa é inspirada na metodologia de estudo de caso múltiplo, na medida em que busca colocar a prova uma teoria desenvolvida, segundo a qual as brincadeiras reproduzem estereótipos de gênero, e está delimitada em um contexto específico, como é o caso do bairro de Flor de Maroñas, que reúne certas características de complexidade que foram esboçadas na introdução e vão ser mais bem descritas na sequência do texto (ALVES-MAZZOTTI, 2006).

Foram utilizados também, como dito, dados quantitativos de pesquisas realizadas com perspectiva de gênero, como são as Encuestas (inquéritos) do uso do Tempo (EUT) no Uruguai, bem como dados do INE (Instituto Nacional de Estadística), entre outras fontes semelhantes.

As entrevistas em profundidade serviram, como dizem Delgado e Gutiérrez (2011), para a reconstrução de ações passadas, o estudo das representações sociais (estereótipos, normas) e as interações que se observam entre os atores sociais (BATTHYÁNY, 2011). Trata-se de um instrumento de obtenção de informação, mediante uma conversação profissional, com uma ou várias pessoas, para um estudo analítico de pesquisa social. Segundo o critério de saturação, que diz que uma unidade de análise nova não permite conhecer melhor o processo ou objeto que se estuda, delimitamos o número de entrevistas que foram realizadas, de

modo a determinar a quantidade de unidades de análises se devem escolher para saturar as hipóteses ou categorias analíticas.

Fizeram parte desta pesquisa 15 pessoas adultas de ambos os sexos, com idades entre 20 e 56 anos, pais (oito mães e cinco pais) ou responsáveis (duas funcionárias do CAIF) pelo cuidado de crianças de crianças de 0 a 10 anos de idades, todas residentes ou que trabalham, como no caso das funcionárias do CAIF, no bairro urbano Flor de Maroñas. Os sujeitos da pesquisa foram selecionados por meio de uma “amostra motivada”, intencional, ou “amostra teórica”. Define-se como amostra teórica uma coleta de dados para gerar teorias ou explicações daquilo que o pesquisador recolhe, codifica e analisa em seus dados, e decide onde encontrar e como coletar dados para o desenvolvimento de sua pesquisa. Esse processo de produção de dados é regido pelas escolhas teóricas, seja material ou formal (COLLER, 2000). Nesse sentido, os sujeitos não foram selecionados aleatoriamente, como se representassem exemplarmente a um universo, mas escolhidos por razões legítimas relevantes de acordo com as opções teóricas e metodológicas da pesquisa. Mais especificamente, a seleção dos sujeitos foi realizada de forma não probabilística, por meio da técnica metodológica “snowball” (bola de neve) (BIERNACKI; WALDORF, 1981), também conhecida como “cadeia de informantes” (PEROND et al. 2003), na qual os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes com características semelhantes (no nosso caso, casais com filhos com idade entre 0 e 10 anos residentes no bairro Flor de Maroñas), que por sua vez indicam novos participantes e assim por diante, até que o objetivo proposto seja alcançado. Foi considerado, para o desenvolvimento deste trabalho, que mulheres e homens não conformam grupos homogêneos e suas responsabilidades, profissionais e domésticas, dependem da classe social, idade, estado civil e local de residência. Por isso a importância de gerarmos uma mostra que reunia homens e mulheres que, apesar de viverem no mesmo território (bairro Flor de Maroñas), entre outros aspectos, pertenciam a diferentes extratos sociais, idades, etnias e ocupações profissionais.

A técnica de observação participante pode ser aplicada para o estudo de todas as atividades e grupos de seres humanos. Para esta pesquisa especificamente, foi utilizado esse tipo de técnica para complementar e contrastar com as entrevistas e questões visíveis entre a percepção e as ações e relacionamentos dos sujeitos investigados. A observação participante executa sua tarefa de pesquisa de "dentro" das realidades humanas que pretende abordar. É o principal instrumento de

trabalho da etnografia, por exemplo, e apoio para gerar as "impressões" do pesquisador que são "registradas" no chamado diário de campo. Trata-se um registro contínuo e cumulativo de tudo o que acontece e é captado pelo pesquisador.

Como foi dito anteriormente, buscamos observar as brincadeiras que fazem adultos/as e crianças nos lares e nos espaços públicos do bairro Flor de Maroñas, da cidade de Montevideu, Uruguai. Nesses espaços públicos observamos os cuidados e apoios às crianças por parte dos adultos/as, motivo pelo qual utilizamos a técnica de observação participante nos espaços públicos mais importantes daquela localidade, como a praça do bairro, praças ou quadras menores que existem no território, ruas e esquinas. Também observamos os espaços indicados pelos entrevistados, em função da proximidade de suas residências ou pela frequência que declararam utilizá-los para estar com seus filhos. As observações foram realizadas entre os meses de agosto e outubro de 2014, mais sem uma periodicidade ou frequência específica de dias e horários, estratégia que se relevou mais tarde pouco produtiva em relação aos objetivos propostos.

Visando facilitar o contato com as famílias, apresentamos antecipadamente o projeto de pesquisa ao Serviço de Aconselhamento, Consulta e Coordenação Territorial (SOCAT)² do bairro (do qual o PIM³ e os serviços de Psicologia e o curso de Educação Física do ISEF/ UDELAR participam), à mesa de integração do EFI⁴ do bairro que coordena o PIM, à Faculdade de Psicologia, ao ISEF e ao curso de Serviço Social da Faculdade de Ciências Sociais, todos da UDELAR, e ao *Plan*

² O SOCAT tem como objetivo promover o desenvolvimento da comunidade através da participação de moradores e instituições públicas e privadas que têm em comum o fato de trabalhar ou viver no mesmo território. É o principal centro de referência Infamilia-MIDES, integrando organizações locais, locais próprios e outras ações em coordenação com o Ministério do Desenvolvimento Social (MIDES). Em cada zona, uma equipe técnica está trabalhando para estabelecer vínculos e ações no território através de visitas e do conhecimento da comunidade.

³ O PIM é um programa com uma abordagem territorial que integra as funções de ensino e aprendizagem, pesquisa e extensão e busca a inserção de disciplinas curriculares e cursos de várias faculdades e escolas universitárias em sua plataforma de trabalho de campo.

⁴ EFI, espaço integral, envolve práticas que articulam o ensino curricular, pesquisa, atividades de extensão e o meio social na formação de graduação, promovendo e incorporando abordagens interdisciplinares.

Juntos (Projeto de autoconstrução de casas encaminhado em um primeiro momento pelo poder executivo, cujo presidente, no momento da pesquisa, era José Mujica), que atuava em um assentamento do bairro, no qual existia um acordo e parceria de trabalho com a Comissão Setorial de Extensão da UDELAR, órgão responsável por grande parte das atividades de extensão realizadas por estudantes e professores dessa instituição naquele território. Essa foi a estratégia que encontramos para que professores e estudantes que atuam em diferentes projetos e, sobretudo, os moradores do bairro conhecessem o projeto e nossos propósitos, facilitando o contato com as famílias dispostas voluntariamente a serem entrevistadas.⁵

1.2 CONTEXTO, ESPAÇOS E O BAIRRO

As entrevistas foram realizadas nas residências das pessoas, todas moradoras do bairro Flor de Maroñas. Nesse bairro existem várias subdivisões, às vezes limitadas por apenas dois ou três quarteirões, que são autorreferenciadas pelos/as moradores/as locais e recebem denominações distintas.

Segundo De Certau, Giard e Mayol (1999, p. 12), o bairro “es pues, en el sentido estricto del término, un objeto de consumo que se apropia el usuario, mediante la apropiación del espacio público”. Nesse sentido, coincidindo com o que manifestam os autores acima, o bairro é apropriado pelas pessoas que moram nele, fato que se expressa, entre outros aspectos, nos nomes que eles atribuem àquele espaço e que não são oficiais e nem figuram nos mapas da cidade, como forma de apropriação e identidade. Para os autores, no bairro o espaço urbano não só é lugar de conhecimento, mais também de reconhecimento.

Pode-se observar no território investigado que uma parte dele está consolidado, mais bem urbanizado, com lares que têm construções de alvenaria e possuem jardins, provenientes da época na qual havia grandes fábricas naquela zona. Essa parte do bairro é chamada por alguns moradores como de “arriba” (“de cima”). Trata-se de uma denominação que possui um duplo sentido, geográfico e simbólico, pois está localizado na parte mais alta do território, mas é também onde estão localizadas,

⁵ Nossos sinceros agradecimentos não só aos/às moradores/as entrevistados, por nos deixarem entrar em suas casas, responder às perguntas, mas também aos/as professores/as e estudantes da Prática Docente em e com a comunidade do ISEF-UDELAR de Montevideú e aos vizinhos/as dos bairros investigados que nos ajudaram na procura de pessoas para serem entrevistadas.

como dito, as residências com um padrão mais elevado de construção. Existe outra parte do bairro que não está urbanizada da mesma forma que a região “de cima”, e nela ficam os assentamentos irregulares de diversos tipos, com construções precárias, subdivisões em “microbairros” de duas quadras cada, que não possuem iluminação pública, nem ruas pavimentadas, nem sistema de coleta de esgoto.

Pode-se sentir nesses bairros, se você não é conhecido, uma espécie de tensão caminhando pelas suas ruas, quase que sentindo o olhar em você. Nos assentamentos que ficam próximos de uma canhada d’água existem ruas internas estreitas, mas nas quais passam carros (apenas um por vez), motos, bicicletas e pessoas andando. Como se pode observar também em outros dos assentamentos deste bairro, nessa região vemos galinhas, porcos, cavalos, carros de cavalos (usados para coleta de lixo reciclável) e crianças pelas ruas. Nas margens dos assentamentos vemos também caçambas basculantes, onde as pessoas deixam resíduos de todos os tipos, e onde também, às vezes, se podem ver pessoas de todas as idades dentro delas. Ao lado dos assentamentos tem um grande terreno descampado que se adentra em uma zona rural em plena cidade de Montevidéu, a capital do país. Esses assentamentos mencionados são chamados “irregulares”, porque são assentamentos de pessoas em terrenos que não são próprios, e onde não se tem, na maioria das vezes, título de propriedade. Existem também muitos casos em que os moradores estão em tratativas de regularizar sua situação com a prefeitura de Montevidéu.

A descrição fornecida acima remete à imagem, como evoca Castells (1998), de uma *cidade dual*. Uma cidade como Montevidéu, capital do país, com edifícios enormes, praças bonitas, arborizadas e iluminadas, shoppings e um vibrante movimento das populações, de um lado, e, de outro, a mesma cidade que tem traços de uma marcada pobreza, falta de iluminação pública (um dos elementos-chave para que as pessoas possam se sentir mais seguras ao andarem a noite pelas ruas), falta de transporte público de passageiros, falta de investimento na manutenção de infraestrutura, espaços públicos e praças abandonadas. Às vezes, tem-se a sensação de que não se trata da mesma cidade. Mas nem seria preciso percorrer grandes distâncias para se perceber essa dualidade da qual nos fala Castells (1998), pois ela já é evidente no mesmo bairro que estamos investigando, uma vez que, além das diferenciações mencionadas acima, também vemos, lado a lado, um depósito de uma empresa multinacional de importação com forte segurança e uma casa quase em ruínas, ou um carro BMW e uma carrocinha puxada por um cavalo onde estão crianças

e adultos que voltam de fazer reciclagem nas ruas de outros bairros da cidade.

Para Veiga (2001), as mudanças produzidas no Uruguai desde os anos de 1990, quando se assistiu a um aumento da pobreza e das desigualdades sociais, abarcadas no termo globalização, trouxeram transformações notórias no meio urbano, tanto físicas, sociais como também nas ideias que movem as condutas e as relações das pessoas e os grupos entre si e com o ambiente doméstico. O efeito conjunto e signo comum dessas tendências são a cidade dual e a desagregação profunda e multifacetada da cidade como âmbito de convivência. Por outro lado, talvez pudéssemos perguntar-nos se essas transformações são apenas da época dos anos de 1990, como afirma Veiga (2001), se não haveria também em anos e décadas anteriores um fluxo de pessoas para esses assentamentos e para a periferia de Montevideú.

No atual cenário em que se desenvolvem nossas sociedades, existem redes globais que articulam indivíduos, segmentos da população, regiões e cidades, ao mesmo tempo em que se excluem outros tantos indivíduos, grupos sociais ou territórios. Nossos países estão atravessados por uma lógica dual, em que se criam redes transnacionais de componentes dinâmicos da globalização, ao mesmo tempo em que se segregam e excluem grupos sociais no interior de cada região ou cidade. Pode-se dizer que o mundo, no início do novo milênio, implica transformações estruturais nas relações de produção, cujas manifestações mais claras se deixam perceber no aumento da desigualdade e da exclusão social e a fragmentação do emprego (CASTELLS, 1998).

O espaço urbano é um âmbito eminentemente público. A cidade, que foi historicamente o lócus onde teve lugar a vida pública, transformou-se, através do tempo, na cidade cosmopolita moderna, que conforma o espaço onde as pessoas produzem as condições para o desenvolvimento de suas vidas privadas.

Montevideú e sua área metropolitana experimentaram intensas modificações urbanas desde o começo dos anos de 1990, em função de diversos fatores vinculados à globalização, à integração regional, às mudanças tecnológicas, ao aumento dos serviços, às novas pautas de consumo e às novas formas de investimento e gestão territorial. Neste contexto, surgem dinâmicas como a criação de novas centralidades, constituição de novos espaços associados ao lazer, urbanizações privadas e grandes equipamentos públicos. Por outra parte, na periferia de Montevideú, onde se localiza o bairro Flor de Maroñas, verifica-se um

crescimento demográfico significativo, caracterizado por uma predominância de setores de classe baixa (VEIGA, 2001).

Contudo, o Uruguai caracteriza-se, no contexto latino-americano, como uma sociedade com níveis de equidade e integração sociais relativamente altos. Além disso, diversos elementos e tendências recentes permitem identificar “novas clivagens sociais”, que reforçam a crescente fragmentação econômica, social e cultural que se manifesta em nossa sociedade durante os últimos anos (VEIGA, 2001).

Para Veiga (2001), o incremento da segregação residencial implica em fenômenos como: estratégias de localização de diferentes classes sociais no espaço urbano, decadência dos espaços públicos e a expansão da criminalidade, que influenciam a “exclusão social na cidade”.

O bairro onde se desenvolveu a pesquisa é um dos tantos bairros da periferia de Montevidéu, onde se pode observar a falta de espaços públicos e de manutenção e conservação dos existentes, falta de infraestrutura, como iluminação pública, por exemplo, e onde os vizinhos recordam como em outros tempos a praça do bairro era um local de encontro.

Montevidéu se divide atualmente em “comunas”, e o bairro Flor de Maroñas esta localizado na comuna H, que é uma das comunas com menor renda per capita de Montevidéu (INE, 2014).

No território onde vivem as pessoas entrevistadas para esta pesquisa existem poucos espaços públicos: são apenas duas praças, uma localizada no limite do bairro consolidado e outra localizada dentro de um complexo habitacional. Nessa praça do bairro consolidado há um teatro que funciona durante todo o ano com oficinas abertas à comunidade e no qual, no verão, ocorrem apresentações de espetáculos do carnaval uruguaio e de música a preços populares. Existem também espaços abertos ou campos de grama na região, sendo que o mais utilizado pelos moradores locais fica próximo de uma distribuidora de energia elétrica, com cabos de alta tensão passando nas proximidades.

Uma das características do território investigado, como mencionamos anteriormente, é a falta de iluminação pública nas ruas de uma parte do bairro (na parte dos assentamentos), o que provoca baixa circulação de pessoas durante a noite. O bairro Flor de Maroñas, em outra época, teve grandes fábricas e empresas com muitas pessoas trabalhando. Na atualidade, sobraram apenas os “esqueletos” do que outrora foram essas fábricas, e cujas edificações são agora usadas por empresas como armazéns de mercadorias, grandes estacionamento de ônibus urbanos, todas elas com pouco pessoal trabalhando em suas instalações. Nos últimos anos tem sido frequente também a instalação nessa parte do

território de diversos tipos de cooperativas (FUCVAM, Plan Nacional de Vivenda), já que ainda existem amplos terrenos na região. Existem no bairro duas policlínicas de saúde básica, com atendimento médico administrado pelos próprios vizinhos/as.

Montevideú, como coloca Garcia Canclini (2010), se perfila como uma dessas cidades que expressam uma tensão que se vive em geral nos países periféricos, entre impulsos na participação mais competitiva em um mercado mundial de inovações tecnológicas, culturais e sociais, geralmente voltadas para o exterior, e, por outro lado, políticas governamentais que segmentam cada vez mais desigual e assimetricamente as populações dentro dos seus limites. Permite-se que 5% a 10% dos cidadãos se vinculem às inovações internacionais e se beneficie de viver nas grandes cidades, enquanto a maior parte da população, cada vez mais em situações degradadas, é excluída ou semi-incorporada de modo discriminatório (GARCÍA CANCLINI, 2010).

1.3 SOBRE OS/AS ENTREVISTADOS/AS

Como foi dito, entrevistaram-se pessoas adultas responsáveis pelo cuidado das crianças em famílias de um bairro de Montevideú, residentes em um grupo de casas em contexto urbano, e que possuíam filhos de até 10 anos de idade. Delimitamos essa faixa etária em função do “ciclo de vida de expansão”, caracterizado pela idade das crianças menores (0 a 10 anos), que impõe aos adultos maiores restrições de tempo e maior disponibilidade e energia para o cuidado dos filhos. Objetivando um maior detalhamento e diversidade dos sujeitos entrevistados, dividiu-se a amostra em 3 grupos, em função da idade dos filhos, a saber: de 0 a 2, de 3 a 5 e de 6 a 10 anos. Para demarcar a temporalidade social, as visitas às residências onde moram os/as entrevistados/as aconteceram em dias diferentes, tanto durante a semana (dia de trabalho) quando nos finais de semana (dia de não trabalho). As entrevistas foram realizadas entre os meses de agosto a outubro de 2014, e se chegou ao ponto de saturação quando haviam sido realizadas 15 entrevistas. Tal ponto de saturação foi identificado pela repetição das respostas por parte dos entrevistados em relação às dimensões e objetivos do trabalho. Deve-se ter em conta que o presente trabalho, ao se caracterizar como um estudo de casos múltiplos, não pretende generalizar suas conclusões.

Todas as entrevistas foram realizadas nos lares onde as pessoas moravam, a exceção de uma que foi feita no CAIF do bairro. Os nomes

dos/as entrevistados foram alterados ao longo do trabalho para preservar as suas identidades.

Segundo mencionamos anteriormente, a população-alvo da pesquisa foram pessoas adultas encarregadas do cuidado de crianças entre 0 e 10 anos de idade, subdivididas em três grupos, adultos/as a cargo de crianças de 0 a 2, adultas/os com crianças de 3 a 5 anos e, o último grupo, adultas/os responsáveis por crianças entre 6 e 10 anos de idade. A utilização dessa subdivisão do campo se fundamenta no fato de que crianças com idades distintas demandam maiores ou menores tempos e práticas de cuidados, dado que se confirmou nas entrevistas e na teoria.

As pessoas entrevistadas aceitaram de comum acordo fazer parte da pesquisa, por meio da assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido. As entrevistas foram realizadas individualmente com os/as depoentes (homens ou mulheres), com exceção de duas situações nas quais as pessoas foram entrevistadas com outro familiar presente: o caso de uma família na qual a entrevista feita com o marido aconteceu só na presença dele e, quando foi o momento de entrevistar a esposa, ela pediu que ele estivesse presente. E o segundo caso foi o de um casal, muito jovem, em que a entrevista, por motivos de logística, só pôde ser feita com ambos ao mesmo tempo.

Para ajudar na reconstrução dos processos envolvidos na produção dos dados para a pesquisa, descrevemos a seguir aquilo que poderíamos caracterizar como um dia típico de entrevistas. Primeiro, era preciso agendar previamente a entrevista pelo telefone ou pessoalmente no bairro, combinar o dia e o horário, de manhã ou à tarde, pegar o ônibus 402 no bairro La Comercial, perto do terminal de ônibus de Tres Cruces, um lugar central na cidade de Montevideu, fazer o percurso de ônibus, com duração de cerca de 30 minutos, percorrendo diferentes pontos da cidade, atravessando bairros, ruas e avenidas, até chegar a um ponto de ônibus, que ficava a cerca de 700 metros do bairro Flor de Maroñas. Depois, era preciso andar até as casas, percorrendo diferentes zonas do bairro, nas quais era possível ver casas construídas com diversos materiais e tamanhos. O bairro Flor de Maroñas tem construções de todos os tipos: desde fábricas semiabandonadas até um polo tecnológico, casas populares construídas pelo governo nos anos de 1990, habitações que ainda não foram concluídas pelo governo da República (*Plan Juntos*), casas que estão sendo recentemente erguidas pelo governo municipal de Montevideu, casas construídas por meio de diferentes tipos de cooperativismo, assentamentos irregulares, casas antigas, com pátios e jardins, localizadas, como dito, na parte consolidada e mais antiga do

bairro. A sensação que se tem é de que sempre tem gente chegando ao bairro.

Quando chegávamos a um lar éramos recebidos pela pessoa a ser entrevistada. Geralmente, no momento da entrevista, as crianças estavam no lar, brincando com outra pessoa ou com o/a entrevistado/a. As pessoas ofereciam algo para beber que, por suposto, aceitávamos com gosto, e nesse primeiro momento explicávamos, de forma resumida, como aconteceria a entrevista. Líamos juntos o termo de consentimento, esperávamos a aceitação por parte do/a entrevistado/a – nenhuma das pessoas previamente contatadas se recusou a participar da pesquisa e de assinar o referido termo –, e começávamos a entrevista. Em alguns casos tivemos que esperar a pessoa a ser entrevistada chegar à casa, geralmente vinda do trabalho, e nesse momento, ainda com o gravador desligado, ouvíamos histórias pessoais e familiares, enquanto as pessoas faziam parte das tarefas cotidianas do lar, como cozinhar ou limpar. Às vezes a televisão estava ligada para que as crianças ficassem assistindo. Em algumas ocasiões foi preciso interromper parcialmente a entrevista, seja por conta de uma ligação telefônica, seja porque a(s) criança(s) procurava(m) a pessoa entrevistada (pai ou mãe), ou porque a criança “fugia” para fora do lar e o/a depoente tinha que procurá-la(s), assim como outras situações semelhantes.

As entrevistas, na sua grande maioria, foram realizadas nas respectivas residências dos/as depoentes (com exceção da entrevista realizada com as funcionárias do CAIF). Todos os lares eram edificadas com materiais de construção (madeira e alvenaria), não possuíam, na maioria dos casos, pintura no interior ou no exterior, o chão era de cimento, sem cerâmicas, ou seja, de material áspero. Apesar da simplicidade das construções, os lares eram equipados com fogão, geladeira, mesa, banheiro, televisão e alguns possuíam lava-roupas. Cabe destacar que entrevistamos pessoas que moravam em diferentes áreas do território investigado: a) na parte consolidada do bairro; b) em uma região com casas construídas pela cooperativa FUCVAM⁶; c) na parte denominada de “Complejo Maroñas”, construída nos anos de 1990 pelo

⁶ As cooperativas de casas no Uruguai têm uma longa trajetória. Existem diferentes tipos de cooperativas e a FUCVAM é uma cooperativa de casas de ajuda mútua, na qual as pessoas podem acessar a uma habitação com uma renda menor e autoconstruí-la com ajuda e financiamento de longo prazo (Disponível em: <fucvam.org.uy>. Acesso em: 15 jun. 2015).

governo federal; e d) na parte do bairro ainda em construção através pelo Plan Juntos⁷ (2012-2015), que até pouco tempo fora assentamento. Nessa última região entrevistamos pessoas que moravam em uma parte do bairro em que é permitido ter animais domésticos, como porcos, galinhas, vacas, cavalos etc. Por conta disso é que, em algumas das entrevistas, podíamos ver esses animais andando próximos de nós e em outros lares isso não aconteceu.

A maioria das pessoas entrevistadas é de classe social “baixa” e “média baixa”, nas quais a renda mensal individual flutua entre “nenhuma renda” (quatro mulheres entrevistadas), 5 mil pesos uruguaios (cerca de 180 dólares americanos) e 15 mil pesos uruguaios (500 dólares americanos). Pode-se evidenciar também uma notória diferença na renda entre homens e mulheres. Em todas as entrevistas realizadas, as mulheres recebem salários menores que os homens, e as mesmas têm também um nível de escolarização mais baixo, assim como quatro das mulheres entrevistadas não têm trabalho remunerado e nem recebem outra fonte de renda própria. Diferentemente, todos os homens entrevistados possuíam alguma fonte de renda própria. No caso das mulheres entrevistadas que possuem alguma fonte de renda, os trabalhos que realizam são majoritariamente no âmbito das tarefas de limpeza doméstica de outros lares, trabalho remunerado que, ainda hoje, no Uruguai, e apesar de uma forte campanha publicitária e controle por parte do Banco de Previsión Social – BPS (organismo governamental de seguridade social), não tem, na maioria dos casos, benefícios sociais, por ser um trabalho que é pago fora da legalidade (se paga por hora trabalhada, sem os benefícios sociais do BPS), e, além disso, recebem baixa remuneração pela tarefa realizada.

Desde uma perspectiva de gênero, o recebimento de renda própria aporta às mulheres um maior poder de decisão e de disposição de recursos econômicos no lar em que vivem (MILOSAVLJEVIC, 2007). Esse indicador permite visualizar as diferenças que limitam a autonomia econômica das mulheres. As mulheres, devido a sua alta participação e tempo destinado às tarefas não remuneradas, têm maiores dificuldades para dispor de recursos financeiros próprios e serem independentes

⁷ O *Plan Juntos* é uma iniciativa do poder executivo que se iniciou no mandato do Presidente Mujica, em que ele mesmo doava parte de seu salário como presidente para a construção e erradicação de assentamentos irregulares, promovendo a autoconstrução de casas por parte de pessoas com ajuda de financiamentos, e na construção com ajuda de parte do sindicato de trabalhadores da construção do Uruguai (Disponível em: < juntos.gub.uy >. Acesso em: 15 jun. 2015).

economicamente (SCURO, 2009). Por outro lado, é preciso também ponderar a existência de outros fatores que se deve ter em conta também quando se pensa na autonomia, independência e participação feminina na família e na sociedade. Claro que aspectos materiais e econômicos são decisivos, mas também se deve considerar o peso que aspectos simbólicos e culturais, em que incidem fundamentalmente as relações de poder (hierarquias sociais), têm na determinação de um maior ou menor acesso das pessoas, segundo seu sexo, aos recursos (materiais, sociais e culturais).

Parte das famílias entrevistadas tem uma quantidade de filhos/as maior que a média do Uruguai. Constatamos que as mulheres ou casais entrevistados têm média de 3,77 filhos, enquanto que, no Uruguai, segundo o último Censo do ano 2011, mulheres de até 49 anos possuem uma média de 2,5 filhos/as nascidos vivos (INE, 2011).

O clima das entrevistas foi cordial e tranquilo, e, como dito, sempre fomos muito bem recebidos nas residências. Orientados por um roteiro especificamente desenvolvido para esta finalidade, procuramos desenvolver um modo de entrevista semiestruturada com possibilidade de respostas abertas nas quais íamos desenvolvendo uma conversa fluída com as pessoas entrevistadas. Contudo, em alguns momentos, pela timidez das pessoas entrevistadas e também pela minha inexperiência na técnica de entrevista, não foi possível manter essa conversa fluída, como desejável, por isso o tempo de duração das entrevistas variou consideravelmente, conforme Tabela 2, abaixo.

Seguindo o roteiro previsto das entrevistas, todas foram realizadas nos períodos matutino e vespertino, sempre em comum acordo com os/as entrevistados/as, também em função, como dito, da falta de iluminação pública no bairro à noite. Informalmente também conversamos com vizinhos/as, que nos contaram histórias que não foram gravadas, mas anotadas no diário de campo, e também ficaram gravadas em nossa memória. Houve dias em que as entrevistas nos deixavam sem alento, por causa da dureza dos relatos ouvidos, mas também ouvimos histórias alegres, de superação de dificuldades e que nos dotavam de discretas esperanças. Foi um vai-e-vem de deslocamentos e sentimentos que pessoalmente gostamos muito de experimentar, porque, ao fazer entrevistas e manter uma conversa com as pessoas, na qual elas nos contavam parte de suas vidas, tratou-se também de uma forma de conhecer outros modos de viver. Nesse sentido, tratou-se de uma experiência formativa, em sentido lato, que valeu muito a pena. No diário de campo fizemos também anotações das características estruturais e

materiais dos lares, algumas já relatadas, como cores, texturas, cheiros e que observamos para além das entrevistas.

As entrevistas foram gravadas utilizando telefone celular marca LG-T375 e posteriormente transcritas. Para a análise das entrevistas transcritas, utilizamos o programa *ATLAS TI*, versão 5.

Na sequência, na Tabela 2, abaixo, apresentamos uma descrição geral das pessoas entrevistadas, lembrando que os nomes são fictícios:

Tabela 2 – Perfil geral das pessoas entrevistadas

Entrevistadas/os	Idade dos filhos/as	Idade	Tempo da Entrevista	Nível educativo	Data de entrevista	Tipo de lar	Renda aprox. do/a entrevistada/o (em Pesos uruguaios)
Norberto	3, 5 e 8 anos (meninas)	35	35min.:42s	1ano de liceu	3.9.14	Biparental	15.000
Nádia	3, 5 e 8 anos (meninas)	29	38min.:01s	Primaria completa	3.9.14	Biparental	5.000
Juan	2 (menino), 5 e 9 anos (meninas)	30	19min.:49s	Secundaria completa	4.9.14	Biparental	15.000
Luciana	2 (menino), 5 e 9 anos (meninas)	26	17min.:23s	Ciclo básico completo	4.9.14	Biparental	5.000
Carolina	3 (menino), 8 e 11 anos (meninas)	35	27min.:42s	Primeiro ano liceu incompleto	12.9.14	Biparental	Entre 5.000 e 10.000
Alicia	10 (menina), 21 e 23 (homens) 25 e 27 anos (mulheres)	48	17min.:39s	Secundária completa	12.9.14	Biparental	10.000

Julieta	9, 12, 16, 18 (meninas), 2, 6, 17, 20 anos (meninos)	37	19min.:29s	4 anos da escola primária	17.9.14	Ampliada	Sem renda própria
Milena e Diego	3 e 1 anos (meninas), 1 mês (menino)	21 (M), 20 (H)	12min.:19s	Primaria completa	17.9.14	Ampliada	Sem renda própria a mulher 5.000 (homem)
Marcelo	2 (menino), 5 anos (menina)	33	23min.: 32s	1 ano de Cecap	17.9.14	Biparental	10.000
Estefânia	2, 4 e 10 anos (meninos)	31	20 min.	3 ano de liceu	1.10.14	Biparental	Sem renda própria
Betina	1 (menino), 5 e 7 anos (meninas)	24	26min.:59s	1 ano de liceu incompleto	3.10.14	Monoparental	Sem renda própria
Jorge	1 (menino), 4, 6 e 8 anos (meninas)	30	30min.:52s	Ciclo básico completo	3.10.14	Biparental	10.000
Inês e Cecília	Funcionárias do CAIF	56 e 45	1h:29 min.:00s	Universitária (Inês) e terciária (Cecília)	1.10.14	Biparental	Entre 15.000 e 20.000

Fonte: Pesquisador.

Pode se observar do quadro acima que as pessoas entrevistadas têm as seguintes características:

- Norberto tem 35 anos, mora em lar biparental e tem 3 filhas, de 3, 5 e 8 anos de idade, trabalha, e seu lar é construído de material e está localizado na parte consolidada do bairro, recebe renda aproximada de 15.000 pesos uruguaios, estudou até o 1º ano do nível secundário, é casado.

- Nádia tem 29 anos de idade, tem 3 filhas, de 3, 5 e 8 anos de idade, trabalha fazendo tarefas domésticas em outro lar e tem uma renda aproximada de 5.000 pesos uruguaios, mora num lar biparental, na parte consolidada do bairro, e é casada.

- Juan tem 30 anos de idade, mora em uma casa construída por cooperativa de ajuda mútua, lar biparental, tem 3 filhos, um menino de 3 anos e duas meninas de 5 e 9 anos, trabalha no seu lar, tem completado os estudos secundários, e tem uma renda aproximada de 15.000 pesos uruguaios. É parte dos moradores que chegaram faz pouco tempo ao bairro.

- Luciana tem 26 anos, mora em uma casa construída por cooperativa de ajuda mútua, a casa é de material, mora em um lar biparental, tem 3 filhos, um menino de 3 anos de idade e duas filhas de 5 e 9 anos de idade, trabalha fazendo tarefas domésticas em outro lar e tem uma renda aproximada de 5.000 pesos uruguaios. Não tem finalizada escola a secundária, tem completo o ciclo básico do nível secundário de educação, e é parte das novas vizinhas do bairro.

- Carolina tem 35 anos, mora no bairro em uma construção de material, tem um filho de 3 anos e duas filhas de 8 e 11 anos, trabalha fazendo tarefas domésticas, tem uma renda aproximada de 6.000 pesos uruguaios, terminou o 1º ano do nível educativo secundário, mora em lar biparental.

- Alicia tem 48 anos, mora na parte do bairro consolidado, em uma construção de material, finalizou os estudos secundários, tem uma renda aproximada de 10.000 pesos uruguaios, tem uma filha de 10 anos e duas mais de 25 e 27 anos, e dois filhos de 21 e 23 anos, trabalha fazendo bolos e ajuda na escola do bairro na cozinha como voluntária, mora em lar biparental e é casada.

- Julieta tem 37 anos, 8 filhos, 4 meninas de 9, 12, 16 e 18 anos de idade, e 4 meninos de 2, 6, 17 e 20, está solteira atualmente, tem escola primária incompleta, e mora com parte de seus filhos em um lar autoconstruído com ajuda do Plan Juntos, não trabalha atualmente, o lar tem 2 quartos e uma sala com cozinha.

- Milena tem 21 anos, 2 filhas de 3 e 1 ano, e 1 filho de 1 mês, mora em um lar extenso, com a mãe de seu namorado e com outros irmãos e irmãs dele, não tem trabalho atualmente, tem o ciclo primário educativo completo, mora em um lar autoconstruído com ajuda do Plan Juntos.

- Diego tem 20 anos, 1 filho de 1 mês, mora em um lar extenso, com sua companheira, sua mãe e suas irmãs e irmãos. Trata-se de lar autoconstruído com ajuda do Plan Juntos, tem escola primária completa, faz trabalhos temporários, pelos quais recebe renda aproximada de 5.000 pesos uruguaios.

- Marcelo tem 33 anos, um filho de 2 anos e uma filha de 5 anos que não mora com ele, tem 1 ano do CECAP, que é um programa para jovens que não querem fazer os estudos secundários, ele fez curso de carpintaria por um ano, mora em lar autoconstruído com ajuda do Plan Juntos, é classificador de resíduos (trabalha como catador de lixo reciclável na rua), e faz trabalhos temporários à noite como vigia/segurança, tem renda aproximada de 10.000 pesos uruguaios.

- Estefânia tem 31 anos, 3 filhos, de 2, 4 e 10 anos de idade, mora com seu atual companheiro e com seu filho de 2 anos em um lar autoconstruído com ajuda do Plan Juntos, atualmente não trabalha de forma remunerada, não tem renda, trabalha como voluntária no CAIF do bairro, estudou até o 3º ano da escola secundária.

- Betina tem 24 anos, 3 filhos, um menino de 1 ano e duas meninas de 5 e 7 anos, atualmente mora sozinha com as crianças em lar autoconstruído com ajuda do Plan Juntos, atualmente não trabalha, não tem renda própria, tem escola primária completa.

- Jorge tem 30 anos, tem 1 menino de 1 ano, e mora com sua atual companheira, que tem 3 filhas, de 4, 6 e 8 anos. Mora em um lar autoconstruído com ajuda do Plan Juntos, tem ciclo básico completo de secundária (até o 3º ano), trabalha no seu lar com a produção de produtos derivados de frango e suíno, tem uma renda aproximada de 10.000 pesos uruguaios.

- Inês e Cecilia são funcionárias do CAIF, Centro de Atendimento a Infância, que atualmente é uma cooperativa de trabalho, a primeira delas tem formação universitária e segunda formação terciária, de magistério. Ambas não moram no bairro, mais trabalham nele há anos, o CAIF fica em um edifício perto de assentamentos irregulares do bairro, recebem renda aproximada de entre 15.000 e 20.000 pesos uruguaios cada.

Da leitura da tabela acima também se pode observar que das mulheres entrevistadas, excetuando as funcionárias do CAIF, só uma tem o ciclo secundário finalizado, as demais têm escola primária completa e uma das entrevistadas chegou até 4º ano da primária. Os dados

evidenciam um baixo nível educativo das pessoas entrevistadas, apesar de os homens terem uma maior escolarização do que as mulheres que investigamos. Também se observa que existem quatro mulheres que não recebem renda própria. Os lares entrevistados são em sua maioria biparentais, seguido pelos lares extensos e só um monoparental, em que mora uma mulher sozinha com suas crianças. As idades compreendidas das pessoas entrevistadas vão dos 20 até os 56 anos.

Nesse sentido, excetuando as funcionárias do CAIF, pode-se dizer que as pessoas entrevistadas recebem rendas médias e baixas por seu trabalho, que é precarizado e subalterno, com a característica de que as mulheres recebem menores salários que os homens em todos os casos. Contudo, por tratar-se de um estudo de caso, as comparações devem ser feitas com sumo cuidado, procurando não generalizar os dados.

É importante mencionar que na incursão que fizemos no campo de pesquisa entre os meses de agosto e outubro de 2014, anteriormente referida, não obtivemos dados relevantes por meio da observação participante, pois praticamente não encontramos adultos/as, pais e/ou mães e crianças brincando, jogando ou passeando pelas ruas e espaços do bairro, sendo os dados extraídos fundamentalmente das entrevistas. Há que se considerar, contudo, que foi um período (agosto, setembro e outubro) no qual fez muito frio nesse ano de 2014 em Montevidéu, com clima chuvoso, úmido e geralmente com bastante vento também, o que certamente coloca obstáculos consideráveis para o uso de espaços ao ar livre.

CAPÍTULO 2 – CUIDADOS INFANTIS: ELEMENTOS CONCEITUAIS

No presente capítulo, vamos conceituar os termos gênero, cuidados infantis, divisão sexual do trabalho e analisar a relação entre trabalho remunerado e não remunerado e cuidados infantis. Também discutiremos, na parte final do capítulo, os conceitos de infância e brincadeira. Serão mobilizados, ao longo do texto, como se verá, dados oriundos também das entrevistas realizadas com as pessoas investigadas.

Observa-se nas entrevistas realizadas, que os cuidados infantis são feitos quase em sua maioria pelas mulheres, tanto na atualidade quanto na história pessoal das/os entrevistadas/os. Esse aspecto sugere uma concordância com o estabelecido teoricamente em relação à divisão sexual do trabalho (DST), em que as mulheres são confinadas historicamente na realização destas tarefas, observando-se também um forte mandato do dever ser nas mulheres entrevistadas em relação aos cuidados infantis. Em geral, era “natural” para elas que esse trabalho fosse desempenhado pela mulher.

Também é de vital importância em relação à DST, observar que as mulheres entrevistadas são as que ganham menores salários em relação aos homens, tendo, inclusive, entrevistadas que não trabalham no mercado laboral e cuidam de seus filhos/as todos os dias.

Vamos trazer também, no final do capítulo, elementos para discutir o Sistema Nacional de Cuidados, política pública que, como dito, está sendo implementada no Uruguai, bem como também o conceito de infância.

2.1 GÊNERO, CUIDADOS E CUIDADOS INFANTIS

A perspectiva de gênero é uma dimensão que nos ajuda a visualizar as desigualdades existentes entre homens e mulheres em nossa sociedade, como manifesta Aguirre (1998, p.18) na seguinte citação:

[...] se utiliza para aludir a las formas históricas y socioculturales en que hombres y mujeres interactúan y dividen sus funciones, estas formas varían de una cultura a otra y se transforman a través del tiempo. Bajo esta acepción el género es una categoría que permite analizar papeles, responsabilidades, limitaciones y oportunidades diferentes de hombres y mujeres en diversos

âmbitos tales como una unidad familiar, una institución, una comunidad, un país, una cultura.

No mesmo sentido, Batthyány (2004) vai expressar que o cuidado e as responsabilidades familiares, principalmente o cuidado de crianças e pessoas dependentes, coloca o interrogante acerca da posição das mulheres e sua igualdade nos diferentes âmbitos da sociedade, mas principalmente na família e no trabalho. Este elemento questiona por sua vez o acesso à cidadania social das mulheres, já que não se trata de um grupo homogêneo e suas responsabilidades familiares nos cuidados vão depender de uma série de outras características socioculturais.

Fraser (1997) dirá que o caráter doméstico dos cuidados é a base para sua exclusão dos direitos dos cidadãos. Nesse sentido, a ausência de um conceito de cidadania que reconheça a importância dos cuidados e as responsabilidades domésticas para a sociedade pode incorrer, como salientado anteriormente, em reprodução das desigualdades sociais. Limitar as responsabilidades dos cuidados apenas à esfera privada, tornando-o um assunto privado, faz com que seja difícil torná-lo um objeto de direito real.

As conclusões dos parágrafos precedentes se repetem em quase todas as pessoas entrevistadas. Poder-se-ia argumentar que as mulheres historicamente foram as que cuidaram dos/as filhos/as próprios e alheios, e esse padrão se repete até o presente.

[...] Mi madre, solo mi madre y mi hermana más grande (Luciana, 26 anos, 2 filhas e 1 filho).

[...] Si, mi madre y mi abuela las que estaban siempre (Juan, 30 anos, 2 filhas e 1 filho).

Kabeer (2006) e outras pesquisadoras ressaltam que a esfera não remunerada dos cuidados é a parte invisível que mantém “a ponta do *iceberg*”, que é a esfera visível da economia formal, e negligenciando a relevância do trabalho não remunerado como a base de suporte para a atividade econômica de um país.

Faur (2014), por sua vez, vai considerar o cuidado como uma categoria de análise das políticas sociais. Em relação ao que fazem ou deixam de fazer as famílias com o cuidado infantil vai ser parte de uma interação explícita ou não a respeito do papel do Estado. A autora vai enfatizar que esta relação é aumentada quando observamos os arranjos que fazem as classes baixas, já que seu bem-estar depende, em maior medida, das políticas de assistência do Estado.

É justamente nesse quadro que o novo conceito de cuidado – como objeto de política pública – está ancorado, vinculado à revisão do conceito de bem-estar social, conforme enfatizamos anteriormente, focalizando as desigualdades e assimetrias entre homens e mulheres em relação ao tipo e frequência dos cuidados no âmbito familiar e que, como diz Batthyány (2004), expressa uma divisão sexual do trabalho nos lares em relação aos cuidados, que é tanto de ordem quantitativa quanto qualitativa.

Apesar dos avanços nos últimos anos no âmbito dessa discussão, inclusive nos âmbitos acadêmico e político, ainda se está longe de chegar a um consenso na definição do conceito de cuidado. As pesquisadoras holandesas Trudie Knijn e Monique Kremer (1997 apud BATHYÁNY, 2004, p. 50-51) definem o cuidado como:

[...] la provisión diaria de atención social, física, síquica y emocional a las personas. Para estas autoras, esta provisión de cuidados puede asumir distintas características: a. por trabajo remunerado o no remunerado; b. sobre la base de un acuerdo o de forma voluntaria; c. de forma profesional o basado en obligaciones morales.

No mesmo sentido, Batthyány, Genta e Perrota (2013) expressam, por um lado, que é importante considerar o cuidado como um direito e colocam em debate, por outro, a dificuldade em incorporar a complexidade do cuidado à lógica dos direitos, que se relaciona com a igualdade de oportunidades, tratamento e trajetórias.

Além disso, poderíamos acrescentar para além das questões socioeconômicas, também há as de ordem cultural, que, como se sabe, jogam também um grande peso na constituição dos papéis e funções sociais no âmbito familiar. É nessa direção, por exemplo, que poderíamos interpretar aqui as observações sobre os limites dos fatores econômicos que Luc Boltansky (2004) indica por meio do conceito de *cultura somática*, ao enfatizar que as regras não são idênticas nos diversos grupos sociais, e que existe um “código de boas maneiras”, um código apreendido inconscientemente, que nos pressiona a atuar de certa maneira, e que somente pode ser observado nos corpos e práticas corporais dos membros de diferentes grupos sociais.

[...] Más yo, porque son más materno para dormir, él (esposo) hace dormir a las grandes cuando puede

y yo al chiquito (Luciana, 26 anos, 2 filhas e 1 filho).

Nas entrevistas também fizemos uma pergunta aos pais e mães sobre se eles/as tomavam algum exemplo ou “modelo” para os cuidados de seus filhos/as, e nos encontramos com diferentes respostas, como a que vamos transcrever em seguida:

[...] siempre, como los dos más o menos gracias a dios nos cuidaron nuestros *padres normales*, digamos. *Ahora si hay casos extremos*. Pero si, nosotros tomamos si, porque dentro de todo bien (Norberto 35 anos, 3 filhas; grifos nossos).

O modelo, como se vê, provém do modo como seus “pais normais” os criaram. Não temos certeza do que exatamente o entrevistado quis dizer com “pais normais”. Achamos que a expressão pode estar ligada à religião (católica) e seus preceitos, porque no momento seguinte da entrevista Norberto falou que frequentava a igreja. Achamos, contudo, que o entrevistado se refere a um modelo de pai, *homem trabalhador*, e de mãe, *mulher dona de casa*, reproduzindo o que Hirata e Kergoat (2000) chamam de divisão sexual do trabalho. Por outro lado, pode ser possível que o entrevistado também estivesse fazendo menção, justamente porque contrapõe o passado dos “pais normais”, “graças a Deus”, aos “casos extremos” do presente, às tensões entre um Estado laico que habilita diretos civis em um panorama democrático, como os relacionados ao aborto e ao casamento entre pessoas de mesmo sexo, de um lado, e, de outro, questionamentos de um grupo de pessoas que pertencem a setores mais conservadores da sociedade (inclusive religiosos) e que não admitem ou possivelmente discordam dessas leis recentemente aprovadas no cenário uruguaio. Não se trata, evidentemente, de um juízo de valor sobre a assertiva do entrevistado, mas de considerar essas tensões entre cuidados com as crianças e um padrão de “normalidade”, o que pode trazer consequências para o processo de implementação do novo Sistema Nacional de Cuidados (SNC) no Uruguai, o qual, por conta do seu caráter de política pública, necessitará expressar a pluralidade das formas conjugais na atualidade e os modos de educação dos filhos associados a esses novos costumes.

No que diz respeito ainda à divisão sexual do trabalho não remunerado no ambiente doméstico, pode-se observar no módulo “Uso do Tempo e Trabalho não remunerado no Uruguai”, da Pesquisa Contínua

de Lares elaborada pelo Instituto Nacional de Estadísticas (INE), em 2007, que, em relação à distribuição de trabalho doméstico não remunerado nos lares, 28% das pessoas pesquisadas realizam tarefas de cuidados, e no que concerne aos cuidados infantis, as mulheres dedicam cerca de 17 horas semanais de cuidados, enquanto os homens dedicam apenas 9 horas na semana. O que representa que as mulheres despendem quase o dobro de tempo a mais nos cuidados infantis em relação aos homens.

Tabela 3 – Taxa de participação e média de tempo dedicado às atividades de cuidado infantil por sexo e por atividade

Atividades de cuidado infantil	Mulheres		Homens		Diferencia M/H	
	Taxa partic.	Tempo média	Taxa partic.	Tempo média	Taxa partic.	Tempo média
Amamentação ou alimentação	12,8	8.7	5,7	3.5	7.1	5.2
Banhar ou ajudar a vestir-se	20,2	4.7	6,4	2.5	13.8	2.2
Levar ao creche, jardim ou escola	12,2	2.5	5,4	2.0	6.8	0.5
Ajudar com as tarefas escolares	12,7	4.3	4,7	3.2	8.0	1.1
Brincar	20,8	8.7	18,1	7.0	2.7	1.7
Levar de passeio	7,1	6.2	4,6	4.8	2.5	1.4
Total de cuidado infantil	29.9	17.7	21.7	9.7	8.2	8.0

Fonte: Tomado do livro “Las bases invisibles del bienestar social. El trabajo no remunerado en Uruguay”. Capítulo 1 Uso del tiempo y desigualdades de género en el trabajo remunerado. Em base ao modulo de Uso do Tempo e trabalho não remunerado. Encuesta (Inquéritos) continua de Hogares, setembro 2007. (AGUIRRE, 2009).

Ainda segundo os dados dessa pesquisa, no que se refere aos cuidados infantis, observam-se, especialmente nos lares biparentais, a

predominância do papel das mulheres e, sobretudo, das mães no cuidado dos filhos, em todas as tarefas e para todas as idades das crianças.

Contudo, estas tarefas são mais intensivas e consumidoras de tempo quanto menores foram as crianças, sendo que são mais demandante e com menor cobertura universal de atendimento em instituições públicas as crianças menores de 3 anos. Nos lares onde elas moram, as pessoas dedicam 40 horas semanais para o cuidado das crianças. Quando o menor dos filhos tem de 4 a 5 anos, a quantidade de tempo reduz para 23 horas e continua descendendo nos lares quando a idade das crianças menores é superior a 6 anos (BATTHYÁNY, 2009). No ano 2013, se realizou novamente a pesquisa sobre “Uso do Tempo” dentro da Encuesta (Inqueritos) Continua de Hogares (ECH). Observou-se, na análise preliminar dos dados, que a taxa de participação das mulheres no trabalho de cuidado das crianças de 0 a 12 anos, na totalidade do país, é de 31,5%, enquanto que os homens têm uma taxa de participação de 21,7%, ou seja, quase 10% menos de participação do que as mulheres no trabalho de cuidado das crianças (INMUJERES, 2014).

Nádia, uma de nossas entrevistadas, ao responder a pergunta sobre quem na sua casa é responsável pela tarefa de alimentar as crianças (no caso, 3 filhas entre 3 e 8 anos de idade), confirma esses dados, ao enfatizar que

[...] Mayoritariamente yo, pero porque él [esposo] no está de noche, simplemente por eso, por el horario, porque no está en ninguna de las dos comidas ponele, pero si no lo mismo. (Nádia, 29 anos, 3 filhas).

No mesmo sentido, Soledad Salvador (2011) expressa que é maior o tempo de cuidados que precisam as crianças menores:

[...] que los niños más pequeños son los que requieren de más tiempo de cuidado no remunerado dentro del hogar (39.4 horas semanales en promedio) y que las mujeres realizan el 60% de estas tareas mientras que sus parejas realizan entre el 15 y el 20%. (SALVADOR, 2011, p. 86).

Em outra direção, Soledad Salvador (2011) evidencia uma situação crítica nos lares de famílias de camadas intermediárias, onde se pode observar uma jornada dupla das mulheres desse segmento social, que

acumulam tanto a carga de trabalho não remunerado (TNR) quanto a de trabalho remunerado (TR):

[...] las brechas más importantes en Trabajo no Remunerado (TNR) entre hombres y mujeres se dan en los extremos de los estratos sociales: en sectores de menores ingresos se opta por el trabajo remunerado (TR) de uno de sus miembros y el no remunerado del otro, mientras que en sectores de altos ingresos, donde se contrata servicio doméstico con frecuencia diaria y una alta dedicación del hombre al TR, se amplía la diferencia respecto de los estratos medios. Los sectores medios evidencian la menor brecha del TNR entre hombres y mujeres, aunque sigue siendo significativa y la carga global de trabajo (TNR+TR) es muy alta. (SALVADOR, 2011, p. 86).

É evidente que as possibilidades de acesso a serviços de ajuda ou cuidado estão condicionadas pela idade das crianças e pelo nível socioeconômico dos lares. Contudo, se coloca a seguinte interrogação: como fazem os lares que apresentam uma forte fragmentação social para cobrir a demanda dos cuidados infantis? A pesquisa de Batthyány, Genta e Perrota (2013), na qual observam e analisam o *dever ser* do cuidado e as possibilidades de articular trabalho com cuidados, chega às seguintes considerações:

[...] En el “deber ser” del cuidado para las madres predomina la obligación del cuidado directo, mientras que en el “deber ser” del cuidado de los padres predomina el garantizar el cuidado. Se evidencia la división sexual del trabajo, que otorga a las mujeres el rol de cuidadoras y a los varones el de proveedores económicos del hogar. Este “deber ser” del cuidado impacta sobre la dedicación de tiempo de varones y mujeres a esta tarea y hace que ellas dediquen más horas de cuidado directo, tal como lo han evidenciado las encuestas de uso del tiempo. El cuidado infantil es gratificante para la mayoría de la población, siendo más frecuente en las mujeres. Los varones mencionan más que las mujeres que el cuidado infantil es una obligación. (BATTHYÁNY; GENTA; PERROTA, 2013, p. 43).

Uma das entrevistadas manifesta esse “dever ser” na resposta à pergunta de quanto tempo ela dedica ao cuidado das/os filhas/os:

[...] Es difícil de medir porque estas todo el día en el entorno, vas haciendo, es difícil de medir, ser madre es estar las 24 hs. con ellos (Luciana, 26 anos, 2 filhas e 1 filho).

Existe um tempo diferencial de cuidados infantis para os homens. Como manifesta um de nossos entrevistados, Jorge, que possui 4 filhos entre 1 e 8 anos de idade, a responsabilidade pelos cuidados infantis cabe a ele maioritariamente aos domingos, além de uma fração de tempo durante os demais dias da semana:

[...] Ahora parte de la mañana y parte de la tarde verdad, y el tiempo que más le dedico es el fin de semana, ósea el domingo, que es el único día que no trabajo (Jorge, 30 anos, 1 filho e 3 filhas).

Nas trajetórias laborais existe um impacto diferencial do cuidado segundo sejam mulheres ou homens, e, de modo geral, as mulheres estão mais dispostas do que eles a flexibilizar e/ou abandonar seu trabalho para se ocupar dos cuidados:

[...] asimismo los roles de género tradicionales condicionan a las mujeres a trayectorias laborales discontinuas, lo cual impacta en diferenciales de ingreso en el presente y futuro. La autonomía económica de las mujeres es un elemento a fomentar por medio de las políticas de cuidado. (BATTHYÁNY; GENTA; PERROTA, 2013, p. 57).

O impacto diferencial do cuidado para as mulheres também pode ser encontrado nos casos por nós pesquisados. As mulheres entrevistadas que trabalham fora realizam, na maioria dos casos, como dito, trabalhos domésticos em outras residências, como cozinhar, limpar, arrumações, cuidar de crianças e/ou idosos etc., tudo pelo mesmo salário, sem condições laborais justas, sem contribuição para a previdência social e sem benefícios sociais. Nenhuma das entrevistadas que trabalhavam em tarefas domésticas em outras residências possuíam contratos de trabalho, e recebiam seus pagamentos sem registros, o que dificulta a possibilidade

de recolhimento dos impostos relativos aos serviços sociais e/ou para a aposentadoria. Nesse sentido, no caso da necessidade de faltar a um ou vários dias de serviço, por conta, por exemplo, do adoecimento de um dos filhos, não há possibilidade de contar com a seguridade social e é preciso fazer arranjos e acordos para repor os dias de ausência. E, geralmente, são as mulheres as que mais se prontificam e se dispõem a faltar ao trabalho para cuidar de uma criança ou adulto dependente em casa. Também nos casos em que há algum familiar que possa ajudar as famílias nesse momento, são geralmente mulheres as que ficam no lar dando esse suporte. Esse nos parece ser um ponto-chave na discussão de políticas de cuidados infantis e também no cálculo entre trabalho remunerado e não remunerado. Autores como Duran (2000) sustentam que há uma contribuição indispensável para a economia de um país por parte de pessoas, mulheres em sua maioria, que realizam trabalhos de forma não remunerada e possibilitam, com isso, que trabalhadores/as possam seguir fazendo seus labores formais e remunerados (DURAN, 2000). Neste sentido observamos uma divisão sexual do trabalho e uma discriminação de trabalhos mal-remunerados e sem controle pelo Estado para as mulheres pobres.

2.2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, CARGA GLOBAL DO TRABALHO, TRABALHO REMUNERADO E TRABALHO NÃO REMUNERADO

Em nossa sociedade, se atribui a mulheres e homens um papel determinado, no qual os homens estão e são mais visíveis no âmbito público e as mulheres ficam invisibilizadas no âmbito privado. Isso, de certa forma, conformaria, material e simbolicamente, uma divisão sexual do trabalho (DST), a qual já nos referimos acima. Autoras como Hirata e Kergoat (2000) expressam que nas sociedades industriais é, em primeiro lugar, atribuição dos homens o trabalho produtivo e às mulheres caberia o trabalho doméstico. Aos homens são atribuídos funções sociais e trabalhos que geram acesso direto aos recursos materiais, incluindo, entre eles, o dinheiro. Em contrapartida, às mulheres é atribuído o labor doméstico, embora este não produza nenhum acesso direto nem ao dinheiro, nem a outros bens materiais. Isto significa a separação supostamente *natural* de âmbitos específicos de trabalho para homens e mulheres, conforme nos referimos anteriormente:

[...] Todo el día, toda la noche, es entre los dos, pero los cuidados siempre él (esposo) tiene un poco

menos porque está trabajando, es tiempo completo (Nadia, 29 años, 3 hijas).

[...] Es que estoy todo el día con ellos, estoy limpiando y estoy con ellos porque están constantemente atrás mío, a veces cuando tengo que hacer mandados los deixo con mama [abuela], pero están constantemente conmigo. (Betina 24 años, 1 filho e 2 filhas).

Durante décadas, um número considerável de estudos sociológicos tem se centrado sobre a reconceitualização da noção de trabalho. Propõem-se considerar a soma de todas as formas de trabalho, na medida em que essas formas servem de base à sociedade para fornecer meios de subsistência e bem-estar de seus membros. Esta nova concepção do conceito de trabalho começou a se referir à carga de *trabalho global*, resultado da soma da carga do trabalho remunerado e do trabalho não remunerado, sendo que esse último foi e ainda é muitas vezes invisível pela sociedade (MARUANI, 2001).

O trabalho remunerado (TR) é aquele que se faz por um salário e uma retribuição monetária em troca. Existe um mercado de trabalho ao qual se deve aceder. O trabalho não remunerado (TNR), que se produz no âmbito doméstico, se diferencia do trabalho remunerado, especialmente do assalariado, em muitos elementos importantes, como por exemplo, a inexistência de um contrato, a não ser aquele implícito que vincula os membros das famílias e lares (DURAN, 2000).

Segundo dados do INE (Instituto Nacional de Estadística) do Uruguai, no ano 2008, o tempo total destinado ao trabalho não remunerado era de 73,8%, o que inclui o tempo de trabalho doméstico (cuidados infantis, alimentação, roupas, limpeza, arrumações, agricultura de subsistência, *pet care* e cuidados com as plantas) (SCURO, 2009).

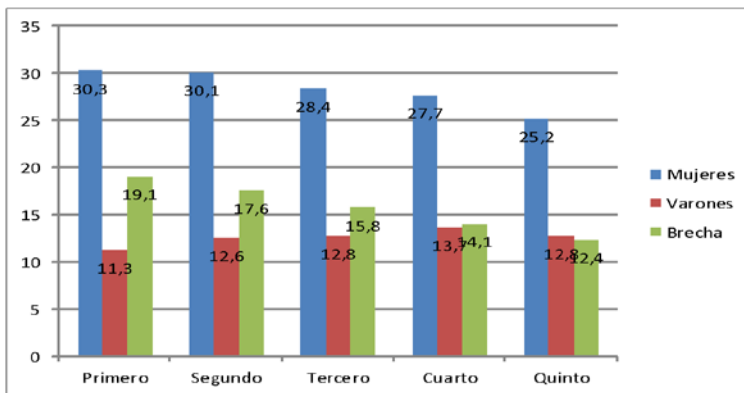
Existem diferenças significativas que surgem na hora de analisar a quantidade de tempo dedicado ao trabalho doméstico. Scuro (2009) afirma que as mulheres trabalham 28,6 horas semanais em média de TNR, e que os homens, em contrapartida, perfazem um total de 12,5 horas. Por enquanto, as mulheres dedicam o dobro de tempo em relação aos homens no que se refere ao trabalho doméstico.

Na sequência, se pode evidenciar como um dos homens entrevistado justifica a repartição de tarefas no lar, reforçando o entendimento que manifestam Hirata e Kergoat (2000) sobre a divisão sexual do trabalho: *“como quien dice sin querer, nos fuimos acostumbrando a que ella es la que mas cocina y esas cosas, yo lo que*

pasa es que no ando muy bien para la cocina, me entiendes, alguna cosa hago pero no, pero ta medio que inconcientemente hicimos un acuerdo” (Norberto, 35 anos, 3 filhas). Em outro trecho da entrevista, Norberto reafirma essa divisão, afirmando que “[...] *por lo general yo hago el tema del mantenimiento y la construcción de la casa y ella hace lo de la casa, yo la ayudo y ella me ayuda, pero por lo general es como que ella hace eso [tarefas domestica] y yo hago esto otro me entiendes, como que se fue dando a través de estos añitos”* (Norberto, 35 anos, 3 filhas).

Olhando para o gráfico abaixo, podemos dizer que, em termos de tempo gasto em tarefas domésticas, se encontram diferenças em relação à participação nessa dimensão do trabalho. Os homens apresentam menor variabilidade, sendo que o total dos homens pesquisados dedica 12,5 horas semanais ao trabalho doméstico, enquanto que, entre as mulheres, encontram-se diferenças que dependem da renda dos membros que compõem a família (SCURO, 2009).

Gráfico 1 – Média de horas semanais dedicadas ao trabalho doméstico por sexo e quintil de renda



Fonte: Tomado do livro *Las bases invisibles del bienestar social. El trabajo no remunerado en Uruguay*, Aguirre (2009) Capitulo 3 *Pobreza y desigualdades de género*, Lucía Scuro (2009). Com base no módulo de Uso do Tempo e trabalho não remunerado. Encuesta (Inquéritos) Continua de Hogares, setembro 2007. (AGUIRRE, 2009).

Scuro (2009) coloca que o trabalho doméstico que fazem as pessoas na casa para o bem-estar do coletivo de seus membros é de 21,7 horas semanais, sendo que as mulheres dedicam 28,6 horas a este tipo de trabalho, com uma variação que vai das 30 horas semanais cumpridas por

mulheres com a menor média de renda familiar (primeiro quintil em relação à renda per capita) a 25 horas das mulheres do quinto quintil de renda familiar. Por outro lado, o tempo médio de dedicação dos homens em todos os quintis, como mencionado anteriormente, é de 12,5 horas, o que nos dá uma diferença (“*brecha*”) em torno de 16 horas semanais em comparação com as mulheres.

É possível observar que as mulheres que moram em lares com menor média de renda familiar são as que mais tempo dedicam ao trabalho doméstico, e as que têm maiores diferenças (*brechas*), enquanto as que se enquadram no quinto quintil dedicam 5 horas a menos em comparação às primeiras.

Devemos ter em conta que essas cifras também condizem com o grupo de mulheres que pesquisamos no bairro, e que vivem majoritariamente em lares do primeiro e segundo quintil. No mesmo sentido, as mulheres do primeiro quintil, além de serem aquelas com maior carga de trabalho, são as que enfrentam a maior diferença de gênero na realização das tarefas domésticas. Scuro (2009) afirma que as relações de gênero nos lares mais pobres parecem mais inequitativas e colocam as mulheres em uma posição de maior subordinação. Pode-se observar que a diferença entre as mulheres e os homens dos lares do primeiro quintil de renda familiar chega a quase 20 horas semanais. Se isso se traduz no horário de uma jornada laboral no mercado de trabalho, de segunda a sexta-feira, como coloca Scuro (2009). Estamos falando de uma jornada de 4 horas a mais de trabalho que as mulheres fazem em relação aos homens, em cinco dias da semana.

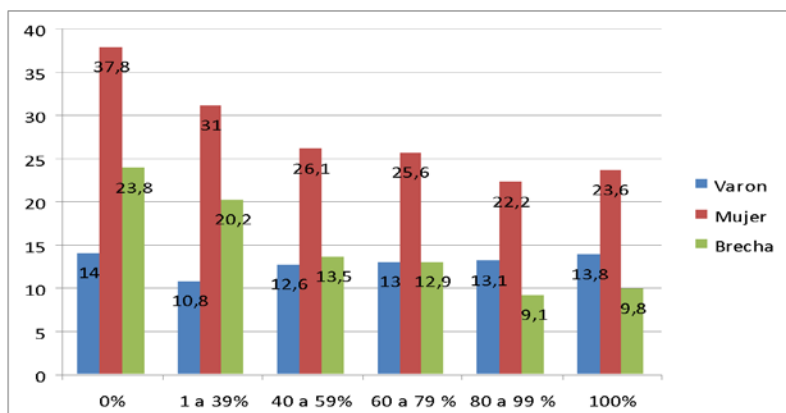
Scuro (2009) afirma que a diferença entre a quantidade de horas dedicadas ao trabalho doméstico pelas mulheres do primeiro em relação ao quinto quintil está vinculada com a capacidade que as últimas possuem, em função da maior disponibilização de recursos materiais, de substituição das atividades, já que elas não deixam de existir na medida em que se sobe na hierarquia social. Mesmo considerando que 25 horas semanais é uma carga importante de tarefas domésticas, ainda assim ela é menor do que a do primeiro quintil, de modo que a autora pode afirmar que é evidente que as mulheres que estão na parte superior dessa estatística podem comprar no mercado diversos serviços ou produtos que substituem seu tempo na realização das tarefas domésticas (SCURO, 2009).

Quando as mulheres têm uma fonte de renda própria, constata-se que elas dedicam menos tempo ao trabalho doméstico. Porém, é possível visualizar uma diferença de 5 horas semanais de menor dedicação ao trabalho doméstico entre as mulheres com renda própria. No primeiro

quintil se visualiza uma diferença de 2 horas semanais, e no quinto quintil essa diferença duplica-se, chegando a 4 horas semanais. Essa diferença, como afirma Scuro (2009), poderia estar ligada ao fato de que mulheres que tem maior autonomia econômica e pertencem a lares não pobres possuem melhores condições financeiras, produzindo uma “desfamiliarização” do trabalho doméstico, através de sua substituição por trabalho assalariado doméstico e compra de alimentos prontos e industrializados (SCURO, 2009).

A porcentagem de renda que aportam as mulheres ao lar é um indicador pertinente para a análise da autonomia econômica. Scuro (2009) afirma que este dado indica como o maior aporte monetário das mulheres confirma a menor carga horária de trabalho doméstico.

Gráfico 2 – Média de horas semanais dedicadas ao trabalho doméstico, por porcentagem de contribuição das mulheres para a renda familiar



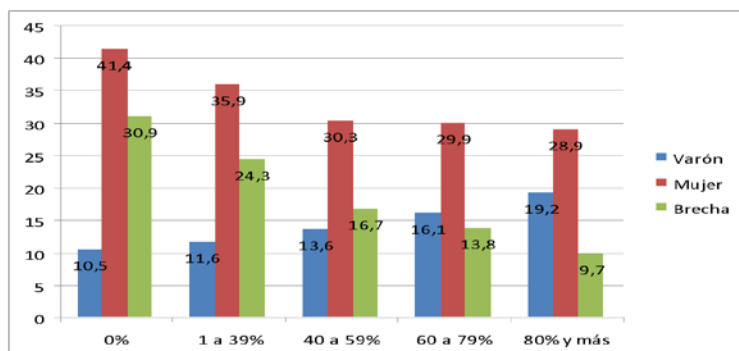
Fonte: Tomado do livro *Las bases invisibles del bienestar social. El trabajo no remunerado en Uruguay*, Capítulo 3 *Pobreza y desigualdades de género*, Lucía Scuro (2009). Em base ao módulo de Uso do Tempo e trabalho não remunerado. Encuesta (Inquéritos) Continua de Hogares, setembro 2007. (AGUIRRE, 2009).

Na figura acima é possível visualizar que os homens dedicam ao trabalho doméstico 12,8 horas semanais em média, não apresentando variações significativas em função dos aportes monetários das mulheres, e que as mulheres diminuem significativamente sua dedicação ao trabalho doméstico na medida em que aumentam sua participação monetária na renda do lar (SCURO, 2009). No mesmo sentido, é relevante ter em conta

que tanto nos lares em que as mulheres não fazem aportes monetários quanto naqueles em que elas aportam mais de 80% ou a totalidade dos recursos familiares, o tempo destinado pelos homens ao trabalho doméstico é o mesmo: média de 14 horas semanais (SCURO, 2009).

Ainda sobre essa comparação, é importante ter em conta o que Scuro (2009) adverte: nos lares biparentais, a diferença entre horas dedicadas às tarefas do lar por mulheres e homens parece acentuar-se, observando-se uma menor equidade neste tipo de lar. A autora afirma que a estrutura dos lares tem um papel central na identificação das situações de maior carga de trabalho doméstico, e de fato os lares biparentais (que constituem 50% dos lares pobres e 9 das residências que investigamos nesta dissertação), é onde se observam as maiores desigualdades de gênero em relação ao tempo destinado ao trabalho doméstico (SCURO, 2009).

Figura 3 – Média de horas semanais dedicadas ao trabalho doméstico, por porcentagem de contribuição das mulheres para a renda familiar. Lares biparentais



Fonte:
Tomado do livro *Las bases invisibles del bienestar social. El trabajo no*

remunerado en Uruguay, Capítulo 3 *Pobreza y desigualdades de género*, Lucía Scuro (2009). Em base ao módulo de Uso do Tempo e trabalho não remunerado. Encuesta (Inquéritos) Continua de Hogares, setembro 2007. (AGUIRRE, 2009).

Se expressa aqui uma divisão sexual do trabalho nos lares em relação às tarefas domésticas, tanto quantitativa quanto qualitativamente, sendo os lares biparentais do primeiro e segundo quintil os mais desiguais.

[...] Todo el día, yo siempre estoy con ellos (resposta de quanto tempo dedica ao cuidado dos/as filhos/as) (Milena, 21 anos, 2 filhas e 1 filho).

[...] Prácticamente todo el día, cuando no están en la escuela prácticamente todo el día, lo que yo no estoy trabajando (Estefania, 31 anos, 3 filhos).

2.3 BEM-ESTAR, PROTEÇÃO SOCIAL E SISTEMA NACIONAL DE CUIDADOS

Neste item vamos abordar os conceitos de bem-estar, proteção social e Sistema Nacional de Cuidados (SNC), conceitos importantes na relação que tem os cuidados infantis na sociedade e sua importância neste trabalho que aborda as brincadeiras que fazem as pessoas adultas com crianças no tempo de cuidados infantis.

Batthyány (2009) vai dizer que a intervenção do Estado pode gerar condições propícias para a redistribuição das responsabilidades dos cuidados, e promover a “desfamiliarização”. No mesmo sentido, Batthyány (2004) coloca que o regime de bem-estar conservador é o predominante na Europa continental e tem como características básicas a mistura de divisões de status corporativistas nos sistemas de seguridade social e familiarismo, e que o familiarismo refere-se à combinação da proteção social centrada no homem, chefe de família, e o caráter central da família como responsável pelos cuidados e pelo bem-estar de seus membros.

Para Batthyány (2004), o regime de bem-estar socialdemocrata que se pratica nos países nórdicos (Dinamarca, Noruega e Suécia) se caracteriza pelo universalismo de suas políticas sociais (todos têm os mesmos direitos e subsídios), por uma cobertura de riscos ampla e por níveis de subsídios altos. Nesse sentido, ele se distinguiria do modelo do restante da Europa continental em função do seu esforço por “desmercantilizar o bem-estar” e por minimizar a dependência do mercado, possibilitando um sistema de cuidados infantis de qualidade e universalista.

Neste sentido, Jane Lewis (1992 apud BATTHYÁNY, 2004) vai criticar a correlação positiva que Esping Andersen estabelece entre bem-estar e trabalho remunerado, dizendo que Andersen direciona seu olhar apenas para o provedor homem e não considera o trabalho não remunerado, isto é, os serviços de bem-estar prestados pelas famílias, em especial pelas mulheres (BATTHYÁNY, 2004).

Moser (1998) neste sentido vai colocar um primeiro problema em relação às categorias conceituais do planejamento de gênero, nos quais se desviou o foco do papel da mulher dentro da família e das

responsabilidades reprodutivas da mulher para uma preocupação universal por programas orientados à assistência e centrados na família, para os quais a maternidade seria a função mais importante da mulher no desenvolvimento, com um enfoque que se sustenta justamente neste papel reprodutivo da mulher, deixando de lado outros temas que para Moser exigem esclarecimento. A autora critica a visão tradicional do planejamento das políticas públicas, que é vista como um jogo supostamente neutro e universalmente global de procedimentos técnicos.

Neste sentido, concordamos com Batthyány (2004), quando afirma que a desmercantilização não tem o mesmo significado para homens e mulheres, porque a participação das mulheres no mercado de trabalho não significa que deixem de fazer tarefas não remuneradas e que podem escolher entre fazê-las ou não. Dessa forma, a ausência dos serviços prestados pelas famílias não se remedia com a inclusão da esfera familiar como provedora do bem-estar, mas que é necessário considerar as relações entre os indivíduos que compõem as famílias para saber como se repartem os trabalhos nessa esfera. Neste sentido, afirma Batthyány que:

[...] las diferentes corrientes teóricas coinciden en que los sistemas de protección social fueron contruidos sobre la base de ciertos supuestos de relaciones de género, y sobre el hecho de que esos sistemas mantienen o intentan mantener las relaciones de género imperantes. Los puntos de divergencia se encuentran en torno a la naturaleza positiva o negativa del rol del Estado en este asunto. La contribución de las mujeres a los ingresos del hogar no corresponde aún a situaciones de coprovisión económica. Si bien la familia de dos ingresos tiende a convertirse en la norma, no lo es necesariamente la familia de coprovisión económica (BATTHYÁNY, 2004, p. 55).

Batthyány (2004) coloca ainda que é necessário problematizar as intervenções do Estado, porque através dessas intervenções, sejam elas diretas ou indiretas, a maioria das políticas públicas para o setor reforçou a divisão sexual do trabalho, sem que se discuta essa divisão em que os homens estão presentes no trabalho produtivo e remunerado, enquanto as mulheres estão subordinadas ao trabalho reprodutivo e não remunerado.

Para Batthyány (2004), o Estado, por meio de políticas familiares, fiscais e de proteção social, participa diretamente no modelo familiar em que o homem é o provedor principal dos recursos de subsistência familiar.

O processo de surgimento do cuidado como problema público, sua inclusão na agenda política e no programa de governo no Uruguai ocorre a partir de 2008, com as primeiras mesas de diálogo da Rede de Gênero e Família, que são antecedentes do processo de desenho do Sistema Nacional de Cuidados. Contudo, é no ano de 2010, através da resolução 863/010, na qual se estabelece a conformação de um grupo de trabalho interministerial, que se passa efetivamente a desenhar este sistema com perspectiva de gênero e geracional (AGUIRRE; FERRARI, 2014). Fazem parte deste grupo o Ministério de Saúde Pública, o Ministério de Desenvolvimento Social, o Ministério do Trabalho e Seguridade Social, o Ministério de Economia e Finanças e a Oficina de Planejamento e Investimento. Esse grupo tem a possibilidade de convocar, quando estimar pertinente, o Banco de Previsão Social, o Instituto Nacional da Criança e do Adolescente do Uruguai, a Administração de Serviços de Saúde do Estado e os governos Departamentais (Estaduais) e Municipais. Esse grupo funciona dentro do Gabinete Social e está sob a coordenação do Diretor de Políticas Sociais do MIDES – Ministério de Desenvolvimento Social (UNFPA, 2011).

A proposta do SNC define o conceito de cuidado como:

[...] Una función social que implica tanto la promoción de la autonomía personal como la atención y asistencia a las personas dependientes. Esta dependencia puede ser transitoria, permanente o crónica, o asociada al ciclo de vida de las personas [...] El cuidado es un componente central en el mantenimiento y desarrollo del tejido social, tanto para la formación de capacidades como para su reproducción [...] El cuidado comprende actividades materiales que implican dedicación de tiempo y un involucramiento emocional y afectivo y puede ser realizado de forma remunerada o no. (Grupo de Trabajo Interinstitucional-CNPS, 2012, pág.19 *apud* AGUIRRE; FERRARI, 2014, p. 39).

Contudo, no processo de construção do SNC, se introduz o conceito de sistema de cuidados como um elemento central do sistema de proteção social, sem que haja discriminação de gênero, raça, classe social, etnia ou lugar no território (FASSLER, 2010).

Por outro lado, em relação aos quadros conceituais do SNC, o debate promovido apresentou uma definição sobre o significado de um Sistema Nacional de Cuidados. A proposta de Salvador (2011) concebe o sistema

[...] en clave de políticas públicas como el conjunto de acciones públicas y privadas que se desarrollan de forma articulada para brindar atención directa a las personas y a las familias en el cuidado de su hogar y sus miembros. (SALVADOR, 2011, p.17).

Constituem as populações-alvo do sistema: crianças de 0 a 12 anos com ênfase na primeira infância, ou seja, de 0 a 3 anos; pessoas em situação de dependência por deficiência; pessoas adultas idosas dependentes e pessoas que cuidam de outras, de forma remunerada ou não (AGUIRRE; FERRARI 2014).

2.4 INFÂNCIA E BRINCADEIRA

Neste item vamos abordar e desenvolver o conceito de infância, conceito importante na relação das brincadeiras entre adultos e crianças, discutindo-o também desde uma perspectiva de gênero, tratando de fazer uma crítica a uma conceitualização neutra do termo.

Como coloca Philippe Ariés (1987), “por volta do século XVII, à arte medieval não sabia da infância ou não tentava representá-la”, de modo que na sociedade daquela época não havia uma valorização social das crianças. Para o autor, retratos de crianças sozinhas se tornam numerosos durante o século XVII, e é somente partir desse período que os retratos de família tendem a ser organizados em torno da criança. Essa mudança de percepção e sentimento em relação às crianças e seu lugar social na família poderiam ser percebidos nas pinturas de artistas da época, como Rubens, Frans Hals, Van Dyck, Lebrun.

É a partir do século XVII que o retrato de cenas de costumes, de acordo com Ariés (1987), vai reservar um lugar especial para as crianças. Para o autor, inúmeras cenas da infância de caráter convencional são observadas: aula de leitura, aula de música, aulas de desenho e brincadeiras. Além disso, o autor confirma que o interesse nas crianças, suas formas e expressões, configurou-se nesse período, no qual se viu também surgir novas formas de designação para as crianças, como *bambin*, *pitchoun*, *fanfan*.

Fernández (1994), citando a Ariés (1987), coincide com o autor francês de que são os retratos de crianças do século XVII que evidenciam o processo de saída do anonimato por parte das crianças, em função, em grande medida, de uma mudança na demografia da época. Se antes as crianças tinham poucas chances de sobrevivência em função de inúmeras intempéries, com os avanços sociais e tecnológicos vividos a partir daquele período sua presença entre os adultos se tornaram muito mais frequente e constante, de modo que a elas se podiam dirigir afetos e sentimentos antes impensáveis, dado que era mais normal antes a morte do que a sua sobrevivência. A autora diz também que a particularização de crianças ocorre dentro de transformações das funções da família, que a partir daquele momento passam a privilegiar a convivência em espaços privados e reduzirem seus membros. A autora prossegue dizendo que Ariés produz um rastreamento do processo de personalização da infância, que vai da Idade Média até a Modernidade, através de três indicadores sociais da representação das crianças, que são a arte, as brincadeiras e as vestimentas (FERNÁNDEZ, 1994).

Ariés (1987) manifesta, portanto, que a brincadeira é um dos elementos mais importantes a se ter em mente como um indicador social para demarcar a categoria geracional de infância. Fernandez (1994) também sugere que os homens foram os primeiros que começaram a frequentar escolas de massa a partir do final do século XVI e início do século XVII, de modo que essa particularização da infância foi reservada, inicialmente, para os filhos homens de famílias burguesas e nobres.

Fernández (1994) também afirma que a consciência da inocência e da fraqueza da infância e, conseqüentemente, o dever de adultos para preservar as crianças, foi por muito tempo reservada para uma pequena minoria de juristas, padres e moralistas. A autora afirma que os moralistas e educadores do século XVII impuseram um sentido de uma longa infância, em conjunto com o sucesso de escolas e práticas de educação que eles guiavam. Para a autora, assim como para Ariés (1987), a origem do sentimento moderno de infância é inseparável da escola moderna. Na escola do século XVII não era só um monopólio de classe, também um monopólio do sexo, quando as mulheres eram excluídas dessas instituições. Como Fernandez (1994) coloca, existe uma diferença de dois séculos na inscrição de meninas na escolaridade.

A autora argumenta que é no discurso do dia a dia, que é o mais sofisticado, onde se percebe a invisibilidade da menina. Para a autora, a criança não é um dado, mas sim uma produção histórica e social. Neste sentido, a autora afirma que sempre houve “a menina”, e que nem todas as meninas são parte de uma sociedade com práticas semelhantes de

infância, nem respondem a um mundo de significados comuns. O campo de significados que demarca a invisibilidade na infância produz duas diferenças: a) os diferentes modos de ser meninos e meninas: registro de classe; b) as diferenças entre ser uma menina e um menino: a inscrição de gênero. Para a autora, normalmente pertence à mesma categoria meninos e meninas, quando os processos de socialização, a construção de subjetividades, como muitas de suas práticas, são diferenças importantes. Vejamos, a esse respeito, o que nos diz uma de nossas entrevistadas:

[...] yo juego a lo que ellas juegan, por lo general son muy de jugar con las muñecas, entre ellas a hablar con las muñecas, yo tengo que hablar que soy una muñeca y ellas hablan, más que nada a ellas les fascina eso, es “mama veni hija...” y eso y todo así... (Nádia, 29 anos, 3 filhas).

Nesse fragmento da entrevista de Nádia se observa uma analogia com o que Fernandez diz em relação às inscrições de gênero, quando a mãe brinca de bonecas com as meninas, diferenças que vão traçando uma construção de subjetividades na pessoa desde criança.

Diferenças que são invisíveis na noção de infância, junto às de classe e gênero, mas também étnicos, geopolíticos, culturais, entre outras. De acordo com Fernández (1994), instituir políticas para as crianças pode, muitas vezes, produzir efeitos indesejados, porque não podem organizar programas de ação para responder às diferenças de classe, cultura e gênero. Da mesma forma, a autora sugere que, no mundo ocidental, os cientistas estão produzindo representações do mundo que ignoram essas diferenças, e reproduzem a perpetuação das desvantagens no mundo social: meninas, em geral, crianças e pobres, em particular (FERNÁNDEZ, 1994).

Fernández (1994) também argumenta que é necessário o apoio das políticas para as crianças, e não só proteção e apoio apenas àqueles que pertencem aos segmentos mais pobres da população.

Agamben (2012), por outro lado, vai colocar em *Teologia y Lenguaje*, mais especificamente no capítulo *Por una filosofía de la infancia*, que a infância é a preeminente composição do possível e da potência. O que caracteriza a criança é sua própria potência, dirá o autor. *A criança vive su propia posibilidad* (AGAMBEN, 2012, p. 29) Nesse mesmo texto, o filósofo italiano dirá que é em vão que as pessoas adultas tentam confinar as crianças a tempos e lugares limitados, como são as creches, as brincadeiras codificadas, o tempo de brincar e os contos de

fadas, por exemplo. Para Agamben (2012), as crianças sabem que a questão não é fantasiar, senão que nesse experimento a criança joga toda sua vida, colocando-a em jogo a cada instante (AGAMBEN, 2012, p. 30).

Em outro sentido, outro conceito importante para este trabalho é o de violência simbólica, tal como o entende Bourdieu (1970). Para o sociólogo francês, a violência pode ser exercida pelos agentes de socialização na infância, mas não diretamente pela força física, mas pela imposição de certas atitudes e papéis, com uma violência que é invisível, e os dominados não a sentem como tal: “todo o poder que consegue impor significações e impô-las como legítimas ocultando as relações de poder que são a base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, em si simbólico, essas relações de poder”. (Bourdieu, 1970 apud Tenti Fanfani, 1994, p. 3). Pode-se observar que essa violência simbólica, como bem manifesta Bourdieu, está por trás de toda imposição. Sob esse ponto de vista, talvez seja legítimo pensar a brincadeira como um dispositivo que impõe significações como legítimas ligadas a uma sexualidade heteronormativa em forma de estereótipos de gênero, que são invisíveis para muitos, e que, como são vistas como legítimas, tornam-se muito difíceis de ser combatidas. As crianças são expostas, em certa medida, a uma violência simbólica que os adultos/as impõem quando dizem com quais brincadeiras se deve ou não brincar, o que faz com que as crianças fiquem em situação desvantajosa no que diz respeito ao direito ao brincar, tal como estabelecem as leis internacionais, como a *Convenção sobre os direitos da criança*, em seu artigo 31, ratificada no Uruguai, entre outros, pela lei n. 16.137, de 28 de setembro de 1990.

Essa violência simbólica que se manifesta por meio da imposição de símbolos relacionados a uma tipologia ou estereótipo de mulher e homen, ao promover certos tipos de brincadeiras e proibir outras, pode ser entendida como uma repressão da identidade sexual e criatividade que as crianças experimentam nas brincadeiras quando estão sem a presença de adultos. A imposição de estereótipos ligados a uma sexualidade heteronormativa (BUTLER, 1999) nas brincadeiras salienta a importância de nossa pesquisa sobre essa temática, promovendo uma reflexão articulada com a teoria.

Em relação às brincadeiras, existem muitos manuais e livros que tratam sobre o tema, assim como discussões teóricas sobre sua conceituação e função social e pedagógica. Como manifesta Scheines (1999), é também um tema interminável e controverso, mas pode se chegar a um acordo de que existiram brincadeiras desde a antiguidade, como observou Ariés (1987) nas imagens de pinturas.

Philippe Ariés (1987) nos mostra que Heroard, médico da corte de Henrique V, registrou e detalhou várias brincadeiras em seus escritos. A conclusão que pode se chegar disso é a de que, até certo ponto, as mesmas brincadeiras eram comuns a todas as idades e a todas as classes sociais. Contudo, essas brincadeiras vão paulatinamente ganhando especificações e diferenciações, sendo primeiramente abandonadas pelos adultos das classes superiores, mas ainda sobrevivendo na aldeia e nas crianças de classes superiores (ARIES, 1987). Nessa mesma direção, Ariés (1987) afirma que a duração da infância se reduzia apenas a um período de maior fragilidade das crianças, e que, na medida em que sobreviviam, já passavam a ocupar tempos e espaços comuns com os adultos, inclusive no que se refere às brincadeiras.

CAPÍTULO 3 – BRINCADEIRAS NO LAR: REPRODUÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO HETERONORMATIVOS

[...] ponele yo tenía mi esposo, mi esposo era mi vecino ponele, en aquel tiempo era el vecino aquel, entonces el venia a trabajar y era un juego normal sin nada de darse un beso ni nada de eso, era si esto es la casa, el venia de trabajar me daba la plata que eran papeles de hojas, entonces ta ahí íbamos a la casa del vecino, si todos tenían su familia no, y de repente si faltaba una nena para jugar o un varon eras soltero (Betina, 24 anos, 1 filho e 2 filhas).

Neste capítulo vamos procurar mostrar, a partir dos dados produzidos nas entrevistas, quais as brincadeiras que fazem as pessoas adultas com as crianças, no tempo de cuidados infantis. Como foi dito anteriormente, as mulheres entrevistadas são as que mais tempo dedicam ao cuidado infantil. Enfatizaremos a relação entre brincadeiras e gênero, procurando estabelecer especificamente os nomes das brincadeiras, onde elas acontecem dentro do lar, e a relação com o gênero das pessoas que intervêm no momento do brincar.

Pode-se estabelecer em um primeiro momento que independentemente do gênero das pessoas adultas, as brincadeiras que são realizadas com as crianças reproduzem estereótipos de gênero, segundo foi possível depreender da fala de nossos/as entrevistados/as. Cabe destacar, no entanto, que a presente pesquisa toma como fonte principal os discursos dos adultos/as (pais, mães e responsáveis) e suas representações sobre a relação brincadeira-gênero, e que não realizamos observações diretas das brincadeiras realizadas com e pelas crianças nos lares.

Para Scheines (1999), é importante nesse contexto o livro de pesquisa científico-acadêmico sobre a brincadeira de Huizinga – *Homo ludens* –, antropólogo que com sua tese publicada em 1938, dirá que a cultura, no sentido mais amplo do termo (religião, conhecimento, lei, guerra, arte, poesia), brota da brincadeira (SCHEINES, 1999). Huizinga vai dizer que “o jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana.” (HUIZINGA, 2002, p. 5).

Em outro sentido, Agamben (2007), em seu livro *Infância e história*, dedicará um capítulo às brincadeiras e brinquedos. Nessa seção

de sua obra, que dedica a Levi Strauss, vai afirmar que as esferas da brincadeira e do sagrado estão estreitamente ligadas, e que muitas das brincadeiras que conhecemos hoje se encontram em antigos cerimoniais sagrados, em danças, lutas rituais e práticas adivinhadoras:

[...] Así en el juego de la pelota podemos discernir las huellas de la representación ritual de un mito en el cual los dioses luchaban por la posesión del sol; la ronda era un antiguo rito matrimonial; los juegos de azar derivan de prácticas oraculares; el trompo y el damero eran instrumentos adivinatorios. (AGAMBEN, 2007, p. 99).

Para Agamben (2007), a brincadeira vem do sagrado, porém, ela também pode modificar o sagrado. Para o autor, a brincadeira tende a destruir a conexão entre passado e presente, e se o rito é então uma máquina para transformar a diacronia em sincronia, a brincadeira é, pelo contrário, uma máquina que transforma a sincronia em diacronia:

[...] o jogo libera e desvia a humanidade da esfera do sagrado, mas sem a abolir simplesmente. O uso a que o sagrado é devolvido é um uso especial, que não coincide com o consumo utilitarista. Assim, a “profanação” do jogo não tem a ver apenas com a esfera religiosa. As crianças, que brincam com qualquer bugiganga que lhes caia nas mãos, transformam em brinquedo também o que pertence à esfera da economia, da guerra, do direito e das outras atividades que estamos acostumados a considerar sérias. (AGAMBEN, 2007, p. 61).

A brincadeira tem esse potencial transformador, como fala Agamben (2007). Scheines (1999) vai dizer que a brincadeira é uma ponte de relacionamento com o mundo e que rompe com a realidade de todos os dias:

[...] Jugar es interrumpir el orden que rige la vida cotidiana, romper ese mapa que nos sirve para manejarnos en la realidad de todos los días, y sumergirnos en la realidad colmada de objetos tal como aparecen. Por eso cito la famosa frase de Oscar Wilde. El mundo del jugador es pura apariencia donde los detalles son tan importantes como los rasgos sobresalientes. El que juega, juega

con detalles, no desdénia la complejidad de las cosas. Entonces, jugar es interrumpir el orden de la vida cotidiana y habitar la plenitud caótica, abigarrada, llena, donde puedo manipular de la manera que quiera. (SCHEINES, 1999, p. 4).

Num outro sentido, Durkheim (2008) compara a brincadeira com a arte, já que, para ele, “quando brincamos, assim como quando contemplamos uma obra de arte, vivemos uma vida fictícia e imaginária, que perderia todo seu charme se se tornasse indiferenciada da vida real” (DURKHEIM, 2008, p. 262). O autor diz que a brincadeira se afasta da vida real e que a imaginação é a que nos proporciona esse prazer, e, ao fazer a analogia como a arte, ele diz que a obra de arte não nos interessaria se ela tivesse relação direta com o real. Para o sociólogo francês, há diferentes tipos de brincadeiras, que mobilizam diferentes sentimentos e dimensões em nós:

[...] Mas há vários tipos de brincadeiras. Existem aquelas grosseiras e materiais, que apelam exclusivamente aos sentimentos egoístas, até mesmo brutais (como em alguns esportes), que são muito parecidos como os sentimentos que nos animam em nossas lutas cotidianas. Há outras, ao contrário, que motivam sentimentos que, se não são eles próprios morais, ao mesmo se assemelham a estes em alguns aspectos. (DURKHEIM, 2008, p. 264).

A partir das palavras de Durkheim, poderíamos fazer uma analogia com os estereótipos de gênero e o uso das brincadeiras como meio para preservar certos tipos de temperamentos morais. Com base no pensamento durkheimiano, poderíamos nos perguntar: quais são os “sentimentos morais” predominantes nos/as adultos/as que brincam com as crianças?

Em outro sentido, tomando agora como objeto de reflexão as leis que regulam também, em certa medida, a vida das pessoas, no anteriormente mencionado Artigo 31 da Convenção sobre os Direitos das Crianças se expressa que:

[...] Los Estados Partes reconocen el derecho del niño/a al descanso y el esparcimiento, al juego y a las actividades recreativas propias de su edad y a participar libremente en la vida cultural y en las artes. 2. Los Estados Partes respetarán y

promoverán el derecho del niño/a a participar plenamente en la vida cultural y artística y propiciarán oportunidades apropiadas, en condiciones de igualdad, de participar en la vida cultural, artística, recreativa y de esparcimiento. (UNICEF, 1999, p.10).

No direito ao brincar em condições de igualdade, como estabelece a Convenção, poderíamos perguntar se a menina acesa, na atualidade, as mesmas brincadeiras que os meninos e se as condições de igualdade, para elas, são respeitadas em sua participação na vida cultural, artística, recreativa e de lazer no lar. Vejamos, nesse sentido, um fragmento da entrevista realizada com Estefania, que, ao rememorar como foi sua infância, nos fala de obrigações e proibições no âmbito doméstico, onde, de modo geral – diferentemente de quando estava na escola e no trajeto da casa para escola e vice-versa – precisava se ocupar de afazeres juntamente com outros adultos:

[...] jugaba en la escuela, cuando iba en la escuela y ahí iba y jugaba y me divertía, pero ya sabía que volvía a mi casa y no podía jugar, porque mi abuela no me dejaba jugar y los fines de semana me tenía todo el día limpiando, atendiendo a los animales, cocinándole a ella siempre me mantenía ocupada para que yo no pudiera jugar. (Estefania, 31 años, 3 hijos).

Em outro sentido, Scheines (1999) afirma que a brincadeira é diferente segundo a idade em que se está: não é o mesmo brincar quando se é criança ou adulto. A autora vai manifestar que é mais provável brincar na infância do que quando adulto:

[...] En el caos no se puede jugar, pero es sólo a partir del caos que realmente se juega. Tal vez por eso a la gente adulta (entre treinta y sesenta años, más o menos) les cuesta mucho jugar a juegos inventados (no tradicionales), con objetos, cosas y consignas. Porque sus vidas se despliegan entre las horas de trabajo y de descanso, la familia y los compañeros de oficina, el fin de semana y la semana laboral. Tienen vidas muy estructuradas, no olvidan nunca lo que es correcto y lo que no, lo permitido y lo prohibido, el orden de la vida, lo que

hay que hacer, lo que es socialmente aceptable y lo repudiable. No pueden desprenderse alegremente de ese orden que rige sus vidas cotidianas y sumergirse en el desorden, que es el punto de partida de cualquier juego. (SCHEINES, 1999, p. 4).

Entretanto, nossos/as entrevistados/as revelaram que não se importam com a idade e tampouco de brincar com as crianças. Segundo manifestaram, não tinham inibições de brincar com seus filhos/as de qualquer coisa, seja no espaço privado ou no espaço público. De certa forma, isso desmistifica, sem fazer uma generalização, afirmações como a que vimos acima, de que a idade das pessoas é um fator determinante para poder brincar. Por outro lado, é preciso considerar que Scheines (1999) refere-se não tanto ao fato dos adultos não brincarem, mas de que eles não podem fazê-lo em qualquer momento; de que não conseguem – e talvez isso nem seja tão desejável – desprender-se alegremente, sem maiores consequências (simbólicas e materiais) da ordem e da estruturação que rege suas vidas, a qual define permissões e proibições, o que leva a configuração de tempos e espaços socialmente legítimos onde e quando seria possível “submergir na desordem” do jogo e da brincadeira.

Nesse sentido, parece interessante que, diferentemente do que vimos Estefania relatar acima em relação às brincadeiras no espaço doméstico durante sua infância, o período de tempo em que os pais estão em casa com seus filhos/as e não estão se ocupando das lides domésticas – nas quais também as crianças, ainda hoje, são envolvidas –, tempo de brincar que esta incluso nas tarefas de cuidados infantis, é um momento “permitido” para que também os/as adultos/as brinquem, embora, talvez para eles/as, isso não deixe de ser sentido como um esforço – prazeroso, em alguma medida –, como parte dos cuidados necessários para com os/as pequenos:

[...] que se juegue, con los cositos esos, con los ludos y tienen guardado ahí y también nosotros nos enganchamos o ponele jugar a como se llama este, al adivinador ese, que tenes que adivinar las cosas con los juguetes, viste, tienen unos juguetes ellos macaquitos y vos tenes que adivinar, porque son dos, vos tenes uno y yo tengo otro y vos tenes que adivinar lo que yo tengo y yo tengo que adivinar el que vos tenes (Marcelo, 33 anos, 1 filho e 1 filha).

[...] [A brincadeira] hace que, une mas a los padres al hijo, y aparte no es solo educarlos, corregirlos, distraerse también. Aparte creo que hasta al papa y la mama le sirve, a nosotros para disfrutarlas y aparte hoy o mañana yo me quedo tranquilo de que las disfrute y ellas se va a acordar de que jugaban con sus padres. Otros niños pobrecitos no les pasa, aparte que es una necesidad del niño no? (Norberto, 35 años, 3 hijas).

A brincadeira é uma forma da criança se inserir e interatuar no/com o mundo, que produz a satisfação dela por meio de sensações, como das novas experiências, que permitem perceber e expressar, aprender e interagir. Em sentido próximo a esse, Berger e Luckmann (1986) analisam e classificam padrões de transmissão do mundo social que ocorrem através da socialização, por meio da internalização e reconhecimento de processos sociais. Esse tipo de socialização, de produzir-se como membro de uma sociedade, no caso das crianças, é dirigido principalmente pelas mães, pais, outros membros da família, cuidadores e professores. Nesse processo está implicada a identificação de valores, preconceitos, ideais e até mesmo sentimentos e projeções dessas pessoas significativas para as crianças:

[...] Te podes imaginar que dos nenas con un varón y ellas son nenas, juegan a las muñecas, las peinan, las cambian, o juegan a que hacen comida y cosas así, él es el papa y ellas son las hijas, cosas así (Carolina, 35 anos, 2 filhas e 1 filho).

Embora possamos considerar que Caroline estivesse apenas “descrevendo” a brincadeira das duas filhas mais velhas com o irmão mais novo, e de que ele assume “normalmente”, como seria de se esperar, o papel que corresponderia a um menino em uma brincadeira de “casinha” – ou de “papai” –, o fato é que há aqui a reprodução de expectativas e funções sociais histórica e culturalmente atribuídos a homens e mulheres. Nesse sentido, fazendo uma analogia com o que expressam Berger e Luckman (1986) quando falam de socialização, poderíamos nos questionar em que medida é a brincadeira um agente de socialização privilegiado de identidades e valores.

Nesse sentido, Reina e Cea (2005) afirmam que os estereótipos de gênero são padrões de comportamento aprendidos através da experiência, na qual meninas e meninos tradicionalmente experimentam e adquirem

comportamentos masculinos ou femininos, por meio, por exemplo, das brincadeiras. Recebem a apropriação social ao fazer atividades próprias de seu sexo, e são corrigidos em suas preferências quando estas não correspondem aos estereótipos tradicionais. Meninas e meninos progressivamente internalizam padrões adequados para o seu comportamento de gênero, para poderem agir em conformidade a eles. Os autores afirmam que é nesse momento que se produz uma “consciência de gênero”, ao se diferenciar brincadeiras para meninas e outras para meninos (REINA; CEA, 2005).

Corroborando com as assertivas de Rena e Cea (2005), as pessoas entrevistadas nesta pesquisa manifestam majoritariamente que brincam com meninos com brincadeiras que têm uma relação com o universo “masculino”, e brincam com meninas com brincadeiras que fazem referência ao “feminino”:⁸

[...] yo soy más de hacerles, yo que sé, una casita y que ellas se metan y juegan, claro, en el cuarto, yo les hago una caita [“casinha”] más bien y ellos se quedan ahí quietitos y se quedan jugando, y él [companheiro] es mas varonil, juega a la pelota con la hija. (Milena, 21 anos, 2 filhas e 1 filho).

[...] Si, acá se juega todo el día. Juego de manos [brincadeira de “lutinha”] con ellos, si juego de manos, para que aprendan a hacerse respetar y todo y que aprendan a defenderse también, ya de chiquito. Acá no hay varones, hay nenas que lo cagan a palos, y se tiene que hacer respetar ... Lucha, el chiquito no está, recién ahora está empezando a jugar, porque es maricon, muy maricon es, y el otro si, el otro si ponele como ahora yo estoy dibujando y viene y me garronea, me encaja un piñazo [golpe] y ahí empezamos, y empezamos a los piñazos suaves, este yo le pego para que le duela para que sienta y para que él pegue más fuerte, y así, no a lo bruto pero, hay un límite de golpe y de todo, te da y mira que te pega y te pega fuerte, pero tampoco porque me pegue una piña fuerte no le voy a pegar una piña más fuerte para que la sienta, le pego jugando, y ahora

⁸ Veremos, mais a frente, que encontramos também entre os entrevistados referências a brincadeiras, realizadas especialmente com as crianças pequenas, que não possuem um padrão heteronormativo.

el chiquito se está adaptando a eso, yo le empiezo a pegar así y el empieza y viene a pegar (Marcelo 33 anos, 1 filho e 1 filha).

Marcelo também nos diz na sequência da entrevista que brincava de luta também com sua filha, “si, con ella también, estuve haciendo boxeo, estuve un año haciendo boxeo con ella” (Marcelo 33 anos, 1 filho e 1 filha), mais faz a aclaração de que “foi só um ano”, pois agora a menina não mora mais com ele, mora com sua mãe em outro lugar. Aqui encontramos uma dissonância com os estereótipos de gênero, na medida em que Marcelo brinca de lutinha com a filha, uma brincadeira muito mais vinculada ao universo masculino. No mesmo sentido, na frase “*acá no hay varones, hay nenas que lo cagan a palos*” podemos observar uma resistência aos estereótipos de gênero que poderia estar também relacionada com a condição social, na medida em que, nas classes populares, saber se defender (por meio da luta, por exemplo) não é patrimônio só dos meninos, mas também das meninas. Também devemos dizer que depois entrevistamos separadamente a companheira atual de Marcelo, com quem tem um filho, e ela nos diz ao contrário, que não gostava de “brincar de luta” (*juego de manos*) quando era crianças e nem que seus filhos brinquem disso, o que seria uma brincadeira proibida para ela.

[...] conmigo no juegan a las peleas porque yo estoy en contra de que ellos jueguen de manos. Me entendes, porque ellos son chicos, por ahí uno grande se le va la mano porque no medís la fuerza con un niño de 5 años y por ahí le pegas mal y lo terminas lastimando, pero sin querer. No, entonces digo yo estoy en contra de que jueguen de manos. (Neste caso, por motivos éticos, se protegerá a identidade da pessoa).

Interessante perceber que a divergência entre os dois não está na transmissão de determinados ensinamentos e valores associados à “brincadeira de lutinha” e à representação daquilo que seria tipicamente “masculino”, como coragem, força, suportar a dor, saber defender-se etc. A divergência dela em relação ao companheiro reside mais no fato de, para ela, brincadeiras como a simulação de lutas podem ser perigosas e violentas porque, ao não saber controlar direito a força, as crianças podem acabar, sem querer, se machucando. Para ele, por outro lado, saber bater e suportar a dor de um golpe ainda mais forte do que aquele que a criança empregou tem um papel educativo importante, inclusive para a filha. A

partir desse exemplo, notamos uma diferença interessante no modo como ambos interpretam aquilo que seria adequado em termos de cuidado e de brincadeiras com os filhos.

Também Juan, pai de três filhos (um menino, de 2 anos, e duas meninas, de 5 e 9 anos de idade) nos conta do que seus filhos e filhas são incentivados/as ou gostam de brincar:

[...] Por lo general para el varón son autos, autitos [carrinhos] porque es fanático de los autos y la marca es Hot Wheels, vivimos comprando esa marca porque son los favoritos de él, y después las nenas varia un poco más. Yo que sé, hay más variedad de juguetes para las nenas que para el varón, pero por ejemplo muñecas, no compramos por ejemplo marcas de muñecas, tipo Barbie o esas cosas no, pero claro las muñecas siempre hay algún jueguito de té como hay, o maquinas de coser, como juegos recreativos también muchos [...]. (Juan, 30 anos, 2 filhas e 1 filho).

A esse respeito, podemos recorrer a Mc Phail Fanger (2006), que, parafraseando Bourdieu, dirá que o conhecimento que as pessoas têm da lógica cotidiana as ajuda a abordar e resolver suas atividades diárias e o *habitus*, como padrão gerador de disposições, rotinas e costumes, inculca-se e se adquire desde criança e persiste ao longo da vida. Com base no *habitus*, produz-se (e reproduzem) práticas e percepções que se ajustam às restrições do mundo social no qual emergem, se consolidam e fornecem uma *sensibilidade*.

Nossos dados revelam também a preocupação por parte dos adultos de saber ou controlar aquilo que as crianças brincam quando estão em casa. Na sequência, vemos o casal Nadia e Norberto, pais de três filhas, que concederam entrevistas separadamente, explicando a preocupação que possuem em relação às brincadeiras, brinquedos e livros que suas filhas possuem e com os quais brincam em casa:

[...] una vez compramos un disco de una Barbie que eran 10 capítulos y todos hablaban de novio y eso, controlamos tratando de no acelerar nada de lo normal, con la edad que tienen que estén escuchando historias de no sé qué, porque nos dimos cuenta [...] que el novio era como el ídolo de Barbie, y entonces no, no nos gusto, esas

pequeñas cosas, esos detalles [controlamos]...
(Norberto, 35 anos, 3 filhas).

[...] muchas muñecas, muchos juguetes, si así entre las hermanas [compara as brincadeiras de sua infância com as de suas filhas atualmente]. Si más o menos los mismos juegos, hubo un tiempo que nosotros éramos chicas y vinieron las cajas y los ludos, y esos juegos así de invierno, jugábamos a armar rompecabezas, teníamos bastantes juegos, y obvio andábamos en bicicleta. (Nadia, 29 anos, 3 filhas).

Antes de comentarmos a respeito dos filtros que os adultos mobilizam simbólica e materialmente em relação às brincadeiras das crianças, consideramos importante mencionar, a partir do depoimento de Nadia, a vinculação entre determinados tipos de brincadeiras e brinquedos com as condições climáticas, ao se referir às “brincadeiras de inverno”, como ludo, quebra-cabeças etc., com as quais ela, quando criança, e suas filhas, atualmente, costumavam/costumam brincar dentro de casa quando fazia/faz frio e/ou chove. Em certa medida, essa evidência também nos ajuda a compreender porque não observamos uma quantidade maior de crianças e adultos brincando nos espaços externos do bairro, no período (agosto a outubro) em que realizamos a pesquisa.

A partir do depoimento de Norberto, acima referido, podemos tomar a pergunta de Giulio Schiavoni (1989), ao se referir aos contos infantis lidos pelos/as adultos/as às crianças, e nos interrogarmos: o que pretendem os pais quando elegem leituras, músicas, brinquedos, brincadeiras para os filhos? A partir desse questionamento, poderíamos tomar outras das perguntas que se faz o autor citado anteriormente sobre a relação adulto-criança, considerando o papel da brincadeira na socialização e no relacionamento intergeracional:

[...] es lícito preguntarse: ¿qué pretenden los “grandes” cuando eligen una lectura para los niños? ¿Asegurar un lugar de libre efusión de la creatividad y la fantasía infantil, “lugar de todos los posibles”, sin excluir la prefiguración de “un mundo diferente y mejor” que se crearía luego viviendo?, como afirmaba Gianni Rodari en la presentación de su antología de fábulas de Andersen? ¿O bien propinarles, de manera más o menos consciente, “educadores ocultos” —como

se los ha querido definir—, es decir, instrumentos capaces de guiar, entre líneas, a comportamientos hechos a la medida de los adultos, que han olvidado el espíritu “burlón” y la “alegría” que tal vez conocieron en la infancia? (SCHIAVONI 1989, p. 10).

Conforme temos expressado até o momento no trabalho, e corroborando o que Reina e Cea (2005) afirmam sobre os estereótipos de gênero, há, na maior parte dos relatos dos/as entrevistados/as sobre as brincadeiras que fazem com seus filhos e filhas, transmissão de “padrões” e valores heteronormativos. Isso se expressa também no caso da proibição que Norberto e a esposa (Nadia) fizeram às filhas, de ouvir o CD com gravações de histórias da Barbie e seu noivo Ken. O problema não reside, para os pais, no fato das narrativas construídas na história reforçarem determinadas expectativas sobre comportamentos da mulher e do homem. No caso, o problema não está no fato mencionado da Barbie “tomar ao noivo como ídolo”, como disse Norberto, ou no fato de, nas histórias, a personagem ter como motivação para suas ações, como uma espécie de dever ser, aquilo que agrada ao personagem masculino (Ken), seu noivo. O problema, portanto, não é a dominação masculina, segundo revela o entrevistado, mas o fato das meninas serem muito novas para ouvirem histórias com namorados e namoradas, algo que, na sua opinião, deveria ser evitado para não “acelerar nada” daquilo que deverá acontecer “naturalmente” no futuro. Voltaremos mais adiante à relação entre brincadeira e sexualidade, quando falarmos mais diretamente das brincadeiras proibidas pelos pais e mães.

Reina e Cea (2005) expressam que, ao diferenciar as brincadeiras, as crianças tomam como referência os modelos de seu entorno relacionados com seu sexo: mães, pais, irmãs, irmãos, e inclusive personagens televisivos. Com base nesses autores, também é possível perceber no depoimento de Juan como nos brinquedos eleitos por adultos e crianças prevalecem os estereótipos sexuais tradicionais que são transmitidos às novas gerações. Pode se dizer que, desde esta perspectiva, os estereótipos sexuais tradicionais são transferidos social e culturalmente às novas gerações por meio da brincadeira e dos brinquedos (REINA; CEA, 2005).

Nessa mesma direção, é necessário também considerar, como vimos no fragmento da entrevista de Nadia citado anteriormente, quando ela compara as brincadeiras que ela fazia com suas irmãs e dos brinquedos que elas possuíam quando eram crianças, e que, na opinião dela, pouco se

diferenciam das brincadeiras e brinquedos de suas filhas pequenas na atualidade, que esses pais e mães “herdaram”, por dizer assim, padrões, modelos e valores generificantes das gerações que os antecederam, tomando das pessoas do seu entorno relacionadas com seu sexo (mães, pais, irmãs, irmãos, vizinhos, personagens literários ou midiáticos etc.) as referências de como ser “homem” ou “mulher”. Vejamos, em relação a isso, o que nos diz o esposo de Nadia, Norberto:

[...] yo con mis amigos y este primo que es como mi hermano jugábamos [quando eram crianças] mucho con los muñecos de acción y hacíamos como que estas plantas eran una selva y hacíamos cuerdas y escalábamos las cuerdas. Eso es lo que más me acuerdo y mucho andaba en bicicleta. Viste como es todo imaginación: en bicicleta andábamos patrullando por el barrio o intentábamos hacer piruetas en bicicleta, después ya cuando nos mudamos ya nos metíamos adentro del campo, acá cazar de repente con la honda, de repente no cazábamos nada, si no a la pelota, en general al fútbol. Cuando éramos más chicos jugábamos con los autitos, con los muñecos que ya también vas aprendiendo a armar cosas y eso es lo que me acuerdo en general, nos trepábamos a los arboles. (Norberto, 35 anos, 3 filhas).

Conforme temos discutido até aqui, a brincadeira é uma importante ferramenta na transmissão de valores sociais, inclusive daqueles relacionados aos papéis de gênero. No trabalho de pesquisa realizada por Reina e Cea (2005), acima referenciado, também se busca estabelecer, para o contexto da Espanha, uma possível relação entre as brincadeiras e brinquedos com o futuro pessoal, laboral e social das crianças, segundo o gênero. Os autores citam como exemplo as atividades que estão relacionadas, tradicional e culturalmente, ao gênero masculino, como a construção, a mecânica, com brincadeiras de estratégia e as que incorporam as novas tecnologias, nas quais há uma baixa participação das meninas. Essas brincadeiras, para os autores, se transformam logo em uma realidade social. Na Espanha, assim como no Uruguai, profissões como engenharia são principalmente ocupadas por homens, e as mulheres têm maior tendência a eleger profissões humanísticas (REINA; CEA, 2005). No fragmento da entrevista de Norberto, citado logo acima, vimos ele traçar uma relação entre as brincadeiras que fazia com seus primos e

amigos – mas não com meninas! – na infância com atividades atribuídas a certa maneira de assumir a masculinidade no espaço público, como “patrulhar”, que é a ronda que faz a polícia de carro ou moto, e “caçar”. Para ele e para Juan, como vimos anteriormente, é “natural” que seus filhos, meninos, brinquem e gostem de carrinhos (“autitos”).

Semelhante naturalização, como a que vimos os dois pais manifestarem, seria colocada em xeque se, por ventura, as filhas de Norberto e Nadia e Juan e Luciana preferissem os carrinhos às bonecas ou vice-versa? Evidentemente que a explicação para isso não está em nenhum determinismo biológico ou mesmo social, mas nos papéis sociais que historicamente atribuímos a homens e mulheres em nossas sociedades, que apesar de seu caráter relacional e mutável, mantém-se relativamente estabilizados no caso da sociedade uruguaia – mas não só nela. Ainda hoje em Montevidéu, por exemplo, é possível perceber que não tem mulheres dirigindo um carro de polícia ou um ônibus. No espaço público, o carro segue sendo, como muitos estudos de gênero confirmam, majoritariamente um objeto relacionado ao universo masculino. Mesmo atualmente, em Montevidéu, muitas das profissões mais remuneradas são ocupadas por homens, assim como na vida política institucional, como nos sindicatos e nos partidos políticos, que mantém uma alta predominância de homens ocupando postos de direção e comando. No Uruguai, apesar de ser um país precursor em muitos aspectos do processo de modernização, democratização e legislação relativa aos direitos das mulheres no continente americano, pode-se observar que conta com uma baixa porcentagem de mulheres no parlamento, nos governos estaduais e municipais, nos ministérios de governo e nenhuma mulher na Suprema Corte de Justiça. Isso não significa que as mulheres não participam dos movimentos políticos de base de forma ativa, mas que existe a dificuldade de consolidar lugares para elas nas cúpulas dos partidos políticos (neste momento a exceção é a Frente Amplo, que lidera Mónica Xavier), nas associações profissionais e nos sindicatos (SCURO, 2012).

Evidentemente que essa dificuldade das mulheres – ou o inverso, o “pioneirismo” de algumas – de se consolidarem no espaço público, seja por meio de determinadas profissões, seja por meio de cargos políticos e/ou de postos de comando em determinadas instituições, não se deve a características ou problemas de ordem individual. Trata-se, antes, de determinadas “verdades” – inclusive científicas – produzidas historicamente sobre as mulheres e suas qualidades, virtudes e fragilidades. Como exemplo, podemos citar o que afirma Walkerdine (2007), que no século XIX “era bastante comum excluir mulheres da educação universitária e das profissões sob a alegação de que elas eram

influenciadas por suas emoções e, portanto, não possuíam a capacidade para o julgamento racional.” (WALKERDINE, 2007, p. 13). A autora afirma ainda que:

[...] A ‘mulher’ como objeto da ciência do século XIX era delicada, não profunda; a detentora da ordem moral via maternidade. Típicas eram as fracas e desfalecentes mulheres vitorianas da classe média, cujas mentes, como borboletas, eram incapazes de se concentrar, movimentando-se de um pequeno bordado a um pequeno isso, um pequeno aquilo; delicado, completo, mas superficial. Certamente, é importante que mulheres individuais possam não ter se ajustado ao estereótipo, mas é igualmente importante que nenhuma mulher fosse capaz de situar-se fora do poder daquela verdade científica. (WALKERDINE, 2007, p. 14).

A partir do que manifesta Walkerdine (2007), de como foi difícil para as mulheres de um passado não muito distante se situarem fora do poder daquela verdade científica sobre o feminino, podemos traçar um paralelo com nosso tema e afirmarmos que ainda hoje segue sendo complicado para meninos e meninas situarem-se fora de práticas materiais e simbólicas, como a brincadeira, que expressam determinadas verdades sobre os papéis de gênero.

Se, por um lado, de acordo com as entrevistas realizadas com mães e pais, na maioria dos casos se estabelece uma relação muito marcada do que podem brincar meninos e meninas e os brinquedos que eles e elas usam nas brincadeiras, por outro, as entrevistas com Inês e Cecília, funcionárias do CAIF localizado no bairro investigado e que atendem crianças entre 0 e 3 anos de idade, revelam que na instituição não predomina uma diferenciação nas brincadeiras e nos brinquedos que podem usar meninos e meninas. Vejamos um extrato da entrevista com elas:

[...] no hay el espacio de los autitos y las pelotas para los varones y de las muñecas para las nenas, la propuesta es esta las coquetas [penteadeira], ahí está ellos juegan, ellos y ellas juegan naturalmente, se peinan [se penteiam], le arreglan el pelo [se arruram os cabelos] y todo bien...El rincón de la coqueta, que la coqueta le dicen ellos es como a una peluquería, y a los chiquilines les encanta peinarse

[pentear-se], se ponen broches, y sin embargo muchas veces están más los varones [meninos] jugando a eso que las nenas [meninas], no hay como una intención que vos le pones las cosas para que el varón juegue con muñecas. Es como que se da naturalmente, que cada niño juega en las distintas áreas. (Inês e Cecilia, funcionárias do CAIF).

Ao que tudo indica, as funcionárias do CAIF reconhecem como “normal” ou “natural”, conforme expressam, que crianças pequenas gostem ou queiram brincar com objetos e brinquedos indistintamente, sem atribuição de vinculação prévia ao universo feminino ou masculino, e que elas, nas suas intervenções, não impedem que brincadeiras como essas aconteçam, como no caso relatado acima, na qual meninas e meninos (e mais eles do que elas, segunda as entrevistadas), brincam de “cabeleireiro” e de fazer penteados com uma penteadeira, objeto historicamente associado mais às meninas. Semelhante esforço de profissionais de Educação Infantil para “romper com mecanismos que vão compor as identidades de gênero e desmistificar estereótipos” também foi notado na pesquisa desenvolvida por Richter et al. (2008, p. 2), realizada em instituições que atendem crianças de 0 a 6 anos na cidade de Florianópolis (Brasil), ao serem observados, entre outros aspectos, “meninos e meninas na realização de tarefas ligadas a papéis habitualmente demarcados como femininos, tais como dobrar fantasias, guardar os materiais, colocar toalhas à mesa para que se dê início a hora do almoço [...]” em aulas de Educação Física (RICHTER et al., 2008, p. 2). No entanto, assim como na pesquisa desses/as autores/as, que mostraram determinados paradoxos nas práticas dessas profissionais em relação ao papel de gênero nas brincadeiras, quando, por exemplo, os/as pesquisadores/as se “deparam com propostas de trabalho, ações e palavras adultas que acabam por reforçar aspectos ligados à identificação de gênero mais estreita” (RICHTER et al., 2008, p. 2), também podemos perceber certas ambiguidades nas vozes das funcionárias do CAIF entrevistadas. Essas ambiguidades se referem ao não questionamento do caráter heteronormativo das brincadeiras infantis: é “normal” meninos e meninas brincarem juntos de salão de beleza, como no exemplo acima, ou que um menino brinque com uma bolsa e seja incentivado pela professora, porque não tem problema de um menino usar bolsa, como na pesquisa de Richter et al. (2008), mas desde que essas brincadeiras sejam

expressão do *caráter infantil* e não rompam com padrões e crenças socialmente – e cientificamente – estabelecidos:

Se de um lado, observamos o esforço das professoras em desfazer mecanismos de distinção entre meninos e meninas, de outro, reforçam-se diferenciações nas atividades, na organização dos espaços, nas exigências e nos cuidados destinados aos pequenos. Nessa contradição, localizam-se identidades que se fundamentam nos sistemas de crenças ou nos padrões estabelecidos como legítimos que constituem a dinâmica das relações sociais e que envolvem, segundo Scott (1990), símbolos culturalmente disponíveis, conceitos normativos expressos na religião, na ciência, na jurisprudência; as relações de parentesco, o mercado de trabalho segmentado nos dois sexos, a educação, o sistema político, a identidade de gênero relacionada à atividade, às organizações e representações sociais historicamente situadas. (RICHTER et al., 2008, p. 2).

Essa é uma questão importante que observamos também nas entrevistas com os pais: para alguns deles/as, não há problemas que as crianças pequenas brinquem com brinquedos e brincadeiras indistintamente em relação ao seu sexo, mas, ao chegar certa idade, isso representa um problema, o qual demanda, por vezes, o aconselhamento com “especialistas”. Vejamos alguns fragmentos nesse sentido:

[...] No [resposta a pergunta se ela brincava com seu filho com bonecas], eso yo veía que lo hacían ellos independientemente, y ta, siempre me pregunte si estaba bien o estaba mal. Los médicos me decían que era normal, en el CAIF la psicopedagoga me dijo que era normal porque ellos como que van descubriendo juegos, y cosas nuevas y ta. El grande [com 10 anos] jugaba y juega hasta el día de hoy con los peluches [bonecos, bichos de pelúcia], los agarra, les hace ropita con un pedazo de tela, como que les cose ropa, los viste. El grande no es mucho de juegos, el grande es más bien de computadoras y juegos [...]. (Estefania, 31 anos, 3 filhos).

[...] Por ahora no. Para que [él] entienda, un poco más adelante le tenes que decir [a seu filho]: “esto es una muñeca, no podes jugar con una muñeca, juga con una pelota”. (Marcelo, 33 anos, 1 filho e 1 filha).

Vemos nesse fragmento como Estefânia fundamenta o brinquedo e a brincadeira que não responde a um padrão heterossexista a partir do consentimento de profissionais como a psicopedagoga e o médico, que atestam o caráter de “normalidade” dessas brincadeiras e função da própria curiosidade dos/as pequenos/as, o que corresponde também a um discurso medicalizante da infância por parte desses profissionais, em que eles podem dizer o que é normal ou não em termos de sexualidade, que na maioria dos casos é um discurso heterossexual normativo. Estefânia é uma das pessoas entrevistadas que não tem problema ao ver seu filho brincar com “bonecos” ou “bonecas”. Marcelo, por outro lado, também não vê problemas, “por enquanto”, no seu filho bem pequeno brincar com bonecas, mas, como disse, na medida em que ele for capaz já de compreender, será preciso lhe ensinar: “esto es una muñeca, no podes jugar con una muñeca, juga con una pelota”. (Marcelo, 33 anos, 1 filho e 1 filha). Conforme expressam Richter et al. (2008, p. 4):

Aquilo que não está legitimado como norma busca-se a todo custo evitar: são restos ou quaisquer elementos que possam sugerir práticas miméticas, mescladas, indeterminadas, mas que, paradoxalmente, podem fazer reconhecer, representar e transformar. Esses mecanismos de classificação se inscrevem sobre os corpos e os sentidos sob diversas nomenclaturas e configurações, atuando na produção de uma vida qualificável em sentido estrito, tomada de atributos, modelos, normalizações, estilos examináveis e quantificáveis que legitimam a violência, a dominação, o preconceito, a injustiça e a desigualdade. Nesse quadro, cabe lembrar que o desvio da norma(l) aparece como patologia que deve ser “erradicada”. Diferentes ou desviante s podem ser (ou manter-se) facilmente excluídos.

Vimos, até agora, diferentes tipos de brincadeiras que pais e adultos revelam brincar com as crianças nos lares, foco do presente capítulo: jogos de tabuleiro diversos, montagem de quebra-cabeças,

brincadeira de casinha, “lutinhas”, brincadeiras com bonecas, brincadeiras com carinhos, bichos e bonecos de pelúcia, brincadeiras com bolas etc. Além dessas, as pessoas entrevistadas também manifestaram que brincam com as crianças de “escutar música” e dançar: “nos ponemos a bailar a veces, porque me gusta la salsa” (Carolina, 35 anos, 2 filhas e 1 filho). Também manifestam brincadeiras que as crianças realizam com outras pessoas que não moram na residência, mas que a frequentam de vez em quando, como a avó: “viene la abuela los domingos y juegan mucho a las cartas con la abuela, van a coser, esas cosas que son de las abuelas, eso lo juegan con las niñas, el más chiquito es out, no sale de ahí, por ahora tiene 2 añitos” (Luciana, 26 anos, 2 filhas e 1 filho).

Em relação ao local da casa onde as crianças brincam preferencialmente, a maioria dos entrevistados/as manifestou que é no quarto, mas também ouvimos deles/as que permitem que seus/as filhos/as brinquem em diferentes lugares da casa – como de fato presenciamos –, desde que depois as crianças arrumem os brinquedos: “ellos siempre tuvieron su cuarto, y jugaban en el cuarto de ellos, en el *living*, nunca me importo que los juguetes estuvieran por todos lados, siempre que después, antes de acostarse [dormir], cada uno de ellos guardara sus juguetes” (Alicia, 48 anos, 3 filhas e 2 filhos).

Chamou-nos a atenção também a quantidade de brinquedos que vimos nas casas. Não pesquisamos brinquedo por brinquedo, mas observamos que em todas as casas em que tivemos a oportunidade de entrar, geralmente para fazer a entrevista, como dito, haviam brinquedos à vista e as crianças brincavam com eles. Alguns deles eram novos ou recentemente adquiridos, outros, no entanto, já possuíam bastante tempo de uso. Os brinquedos ocupam um lugar importante na casa, e estão por todos os lados, no chão, na sala de estar, nos quartos e a vista de todos. Importante mencionar, nesse sentido, que os brinquedos também eram associados pelos adultos ao sexo das crianças: bonecas, Barbie, cozinhas, para as meninas, carinhos de coleção, bolas e bonecos, para os meninos – mas também objetos para prática de esportes, como boxe, algo incomum entre os brinquedos que observamos nas residências:

[...] ellas [filhas] dentro de lo humilde han tenido juguetes lindos, no caros, pero lindos, por ejemplo, quieren una muñeca que han visto en la tele y se la podemos comprar, o van al supermercado y de vez en cuando le podemos decir elijan una (Norberto, 35 anos, 3 filhas).

[...] yo les compro, a veces salgo con ellas y me dicen quiero esto, quiero esto, pero como ahora es todo Ben 10, el Hombre Araña, Violeta, ya es lo mismo, igual tienen una bolsa de boxeo, tienen guantes [luvas] de boxeo, espero que le guste, no le gusta el fútbol, le gusta boxear [o menino]. (Carolina, 35 anos, 2 filhas e 1 filho).

Como se pode observar nesses e em outros extratos das entrevistas citados anteriormente, há uma constante referência não a marcas específicas de brinquedos, mas a bonecas específicas, como a Barbie (Mattel) e a Stephany (Baby Brinc), carrinhos e bonecos específicos como Hot Wheels (Mattel), Homem Aranha (Hasbro, entre outras), Ben 10 (Sunny brinquedos, Bandeirantes brinquedos):

[...] las muñecas que son Stephany [modelo], que son como Barbie, son muy de esa marca porque es una marca que dentro de..., esta la Barbie y después la Stephany es la mejor, la iguala en calidad. (Nadia, 29 anos, 3 filhas).

[...] para el varón son autos, autitos, porque es fanático de los autos y la marca es Hot Wheels. (Juan, 30 anos, 2 filhas e 1 filho).

[...] No ellas te juegan con cualquier cosa, ellas te piden, ellas ven en la tele una Barbie pero no distinguen lo que es una “Barbie original” [desenho animado] de una “Barbie muñeca”. (Betina 24 anos, 2 filhas e 1 filho).

As crianças é que solicitam aos pais esses brinquedos, conforme nossos depoentes afirmam nas entrevistas, e isso pode ser, potencialmente, fonte de conflitos entre adultos e crianças. Como se pôde ver nos extratos anteriores, por vezes os pais compram os brinquedos solicitados pelos/as filhos/as, por vezes buscam alternativas, como no caso da boneca Stephany em substituição a Barbie, em geral, mais cara que aquela. De modo geral, quando os pais não compram exatamente o brinquedo pretendido pelos/as filhos/as é mais por razões econômicas do que por discordar dos estereótipos de gênero que esses objetos veiculam.

Neste contexto é importante considerar também o trabalho de Caldas-Coulthard e Van Leeuwen (2004), o qual trata de aspectos relacionados ao *design*, às imagens através das quais as agências publicitárias divulgam seus produtos e, finalmente, da linguagem produzida para vender brinquedos. Os autores dizem que os brinquedos

são recursos que as crianças usam para entender o mundo e, portanto, consideram importante explorar alguns desses significados:

[...] Brinquedos, como a Barbie, Ken ou Action Man, representam atores sociais através do modo como são projetados em temas de movimentos, da combinação de cores, entre outras coisas, e estes 'modos' estão sempre condicionados pelas ideologias e contextos sociais da época em que foram produzidos. Para Hall (1997, p. 61), representação é: o processo através do qual, membros de uma cultura usam sistemas de significação para produzir significado... Objetos, pessoas, eventos no mundo não têm em si mesmos qualquer significado fixo, final ou verdadeiro. Somos nós, em sociedade, que atribuímos significado às coisas e ao mundo que nos rodeia. Os significados, conseqüentemente, irão sempre mudar, de uma cultura ou período para outro. (CALDAS-COULTHARD; VAN LEEUWEN, 2004, p.13).

Ainda de acordo com esses autores, a produção e propagação de estereótipos de gênero nos/as bonecos/as representam atores sociais e suas supostas características, por meio do modo como são projetados em termos de proporções, movimentos e da combinação de cores, entre outras coisas, e são transmitidos para todos os cantos do mundo e todos os contextos socioeconômicos por meio de filmes, desenhos animados e peças publicitárias. Nesse sentido, as brincadeiras televisivas de massas formam parte de uma nova liturgia, secularizam uma intenção inconscientemente religiosa, nos termos de Agamben (2007), motivo pelo qual, segundo o filósofo italiano, a necessidade de restituir à brincadeira a sua vocação puramente profana, como uma tarefa política (AGAMBEN, 2007, p. 60).

Ainda em relação aos brinquedos, é importante mencionar que alguns dos objetos vistos nas casas das pessoas entrevistadas eram frutos de doações e/ou haviam sido encontrados no lixo e reciclados. Um dos entrevistados coloca que por “[...] ser clasificador traigo guitarras, guitarras chiquitas y se las armo con tanza y nos ponemos a escuchar música y ya se ponen a tocar y nos ponemos a bailar y estamos toda la noche jodiendo igual y con eso nos divertimos siempre” (Marcelo, 33 anos, 2 filhos e 1 filha). Ele também foi o que nos contou que, quando

trabalhava de classificador de lixo reciclável com sua carrocinha de tração animal (cavalo), às vezes encontrava brinquedos, os lavava e depois oferecia a seus filhos/as.

O computador, a internet, o celular (*smartphone*) e os videogames também foram mencionados pelos pais entrevistados. Em relação a esses aparelhos, os pais parecem ter uma posição ambígua: eles representam, por um lado, uma mudança na forma e no tipo das brincadeiras em comparação ao tempo em que eles/as eram crianças – e por isso alguns dizem limitar o tempo os/as filhos/as dedicam a eles ou mesmo proibir seu uso, como veremos a seguir –, ao mesmo tempo em que, por outro, representa também uma possibilidade de pais e filhos estarem juntos, brincando, no espaço da vida privada.⁹

Também questionamos os pais e mães entrevistados sobre brincadeiras que eles não permitiam que seus filhos e filhas brincassem. Obtivemos uma variante ampla de “brincadeiras proibidas”, e as mais comuns foram as lutas (brincar de lutinhas, especialmente entre os irmãos e irmãs), não jogar com bola dentro de casa, controle sobre o tempo e o conteúdo de acesso à internet, mas também houve várias menções de proibições de brincadeiras associadas à sexualidade, como foi à resposta de um pai sobre as “brincadeiras de mamãe e papai”:

[...] Adentro de la casa no se juega al fútbol, acá adentro no se juega al fútbol. (Marcelo 33 anos, 1 filho e 1 filha).

[...] Lo que aprenden acá en casa, a todos los juegos pueden jugar. Lo que no les permitimos es que usen mucho internet, que lo tomen como un juego de la internet. Hay cosas que de repente, ponele “quiere buscar un dibujito” y le salen cosas de adulto. Pero entre lo que nosotros les dejamos, no hay [proibições], no traen muchas cosas de afuera [além daquilo que eles ensinam em casa]. (Nadia, 29 anos, 3 filhas).

[...] Jugar al “papa y la mama”, lo principal es eso. Ir para el fondo y se ponen a jugar a la mama y al papa y se tapan. Vienen a ser hermanos, porque mi hija y los hijos de ella son niños distintos, pero

⁹ No Uruguai, em todo o país, funciona desde o ano 2006 o PLAN CEIBAL (Conectividad Educativa de Informática Básica para el Aprendizaje en Línea), que propõe a distribuição gratuita de um netbook para todas as crianças matriculadas nas escolas públicas. As crianças podem conectar-se à Internet na escola e até a 400 metros de distância da instituição (Ceibal.edu.uy).

vienen a ser como hermanos, y eso estamos prohibiéndolo. Porque ya el guachito chiquito ya no sé de donde saco el sexo, porque ya le sale el sexo que ustedes hacen, sexo que todo el mundo hace, sexo y le preguntas. Y el te dice no sé de donde salió eso, y de donde lo sacaste, y no sabe. Pero, o vieron a alguien, a mí nunca me vieron porque, después que duermen mi cuarto es mi cuarto y tienen prohibido entrar. Pero no sé de donde saco eso. Pero la verdad, y se van para el fondo y se ponen a jugar a la mamá y al papá. Y a mí no me gusta porque la mía es nena, y ya los saco de ahí. “Destápanse y vamos”, a jugar a otra cosa, a la comida y eso sí. Pero a lo otro no. Al papá y a la mamá no! (Marcelo 33 años, 1 filho e 1 filha).

Há uma forte preocupação em relação à sexualidade infantil não apenas em determinados relatos colhidos nas entrevistas – já havíamos mencionado esse tema anteriormente, quando nos referimos à limitação de acesso que um pai fez às filhas em relação a um CD com histórias da Barbie e seu namorado Ken –, mas também em nossa sociedade como um todo. Pouco se fala de sexo com as crianças, especialmente com as mais novas, mas este é uma fonte constante de inquietação de pais, educadores, assistentes sociais, advogados, juizes, médicos etc., o que evidencia, sobre certo ponto de vista, um grande mal-estar em relação ao tema. No limite, temos a sensação de que se evita ao máximo falar de sexo com as crianças a fim de supostamente evitar que elas desenvolvam algum tipo de sexualidade precoce. De modo geral, e na medida em que íamos fazendo as entrevistas, percebemos que havia um interdito – manifestado de modo explícito, em algumas entrevistas, mas de modo implícito, na maioria dos depoimentos coletados – em relação às brincadeiras com crianças de outro sexo (meninas com meninos). No seguinte trecho, Betina, mãe de três crianças, fala a respeito disso, afirmando que, no seu caso, não havia essa restrição, porque ela fora educada de modo diferente, mas que a “proibição” implícita existia:

[...] nosotros nunca tuvimos problemas en juntarnos con los varones porque mi madre era abierta, no era como tanto uno que dice con los varones no jugues, viste como es, no a nosotras no dejaba jugar (Betina, 24 años, 1 filho e 2 filhas).

Por outro lado, também é preciso considerar o peso que um conjunto de regras de decoro nos usos legítimos e ilegítimos do corpo, para as quais os fatores econômicos contribuem, mas não são determinantes, conforme mostra Boltansky. De acordo com esse sociólogo francês, fortemente influenciado pelas ideias e hipóteses de Pierre Bourdieu, há um conjunto de “regras de decoro” que definem a maneira adequada de cumprir atos físicos cotidianos, como falar, dormir, se lavar, se alimentar etc., do que, quando e na presença de quem é legítimo falar das coisas do corpo, de seu aspecto exterior, mas também de sensações, dores, prazeres etc., e que, “nunca enunciadas de maneira explícita e sistemática ou sob a forma de injunções positivas, só se exprimem verbalmente de modo negativo e indireto, através de reprimendas, de brincadeiras, desdém condescendente, formando o desprezo ou indignação moral uma espécie de ‘código de boas maneiras para viver’ com o corpo.” (BOLTANSKY, 2004, p. 136). Ainda de com o autor, esse conjunto de regras que determina o comportamento físico dos agentes sociais é resultado das condições objetivas que elas traduzem na ordem cultural (BOLTANSKY, 2004, p. 157), e que o autor denomina de “cultura somática”:

[...] é o *habitus* corporal dos membros de um grupo como sistema de regras profundamente interiorizadas que, sem nunca serem exprimidas na totalidade nem de maneira sistemática, organizam implicitamente a relação dos indivíduos de um mesmo grupo com seus corpos e cuja aplicação a um grande número de situações permite a produção de condutas físicas diferentes e diferentemente adaptadas a essas situações, mas cuja unidade profunda reside no fato de que elas permanecem sempre conformes com a cultura somática daqueles que as produzem. (BOLTANSKI, 2004, p. 163).

Nesse sentido, de acordo com o autor, a regra que nas classes populares ou em outros grupos e classes sociais rege a expressão verbal das sensações corporais, daquilo que é lícito ou não falar ou mostrar do corpo, exprime-se em diversas atitudes, entre elas, naquelas relativas à sexualidade a expressão da sexualidade. Assim, em função do grau de instrução dos pais entrevistados, é possível inferir, como o faz Boltanski para interpretar dados relativos, entre outros, à concordância ou não com a educação sexual para crianças pequenas em diferentes segmentos profissionais no contexto francês dos anos de 1960, que a ausência de um

“vocabulário ao mesmo tempo técnico, metafórico e abstrato *convencionalmente adotado* para falar decentemente sobre sexualidade”, presente com maior força nas camadas sociais mais escolarizadas, faz com que as possibilidades de falar abertamente sobre sexo com as crianças pequenas entre as camadas populares sejam menores, uma vez que, “na falta de um vocabulário específico e de justificativas científicas, é difícil operar com a distinção entre o discurso educativo sobre a sexualidade e o discurso obsceno, tendendo-se, conseqüentemente, a não dar espontaneamente informações sexuais às crianças ou mesma a deixar suas perguntas sem respostas” (BOLTANSKY, 2004, p. 137-138).

Uma última questão importante que chamou-nos a atenção: três pessoas adultas entrevistadas, todas mulheres, sendo que apenas uma delas trabalhava fora de casa (como empregada doméstica) na época das entrevistas, manifestaram que não brincavam com seus filhos e filhas, uma alegando que não tinha tempo, outra que não brincava e não gosta de brincar com as crianças e, a terceira, que lia contos para os/as pequenos/as e que acompanhava as crianças nas brincadeiras sem interagir com elas. Vejamos:

[...] No, jugar no, nunca tuve tiempo. Así, he querido sacarlos a jugar a un parque, que tenga por lo menos, pero no, no en sí darles cariño, viste que se apegan demasiado a mí. Pero jugar, jugar no, nunca. (Julieta, 37 anos, 4 filhos e 4 filhas).

[...] Yo nunca. Jugamos alguna vez al juego de las almohadas, ellas juegan solas, una ya esta grande, juga con el hermano, ella tiene su espacio, juega en su espacio, y yo estoy mas bien en la cocina, siempre haciendo algo. Ah no, no juego. (Carolina, 35 anos, 2 filhas e 1 filho).

[...] Mira, generalmente no soy mucho de jugar, de jugar así no soy. Soy de repente, le leo cuentos, todas esas cosas sí, me quedo con los tres. Pero, mas alla de todo, el gordo se queda sentado, y entonces ahí les cuento y yo estoy a lado de ellos, no participo tanto. Pero estoy al lado de los juegos de ellos. (Betina, 24 anos 1 filho e 2 filhas).

Interessante perceber que Betina, diferentemente das duas anteriores, diz acompanhar as brincadeiras das crianças, mas que não brinca com elas. Por outro lado, Betina também manifesta que no momento em que as crianças brincam representa um tempo para ela descansar, já que mora sozinha com as três crianças:

[...] De los juegos en general, y por un lado a veces es el momento en que yo puedo despejarme de ellos un poco, porque viste, al estar todo el día con ellos, porque no son unos niños que decís “ta los deajo salir”, viste, que yo abro la puerta y ellos salen como despavoridos para salir para afuera, porque no soy, a lo que el gordo sufre de bronquiolitis, no soy de dejarlos salir. Entonces pasan el día acá y cuando abro la puerta ellos se re-divierten. Entonces por un lado me despejo que ellos estén en un lado y yo pueda sentarme, solo sentarme, esta buenísimo que jueguen. (Betina, 24 años, 1 filho e 2 filhas).

Nesse sentido, e na medida em que as crianças podem e conseguem brincar sozinhas, sem intervenção dela, esse tempo em que Betina pode estar sentada, olhando a crianças brincar, não representa para ela um esforço a mais entre os distintos cuidados que precisa ter com os/as filhos/as. Neste sentido é interessante analisar que as mulheres entrevistadas manifestam que não brincam com as crianças, de modo que suas respostas se posicionam fora de um determinado “*dever ser*”, que diz que as pessoas devem brincar com as crianças, e em especial as mulheres, que devem cuidar delas. Esta dissonância com as outras entrevistas manifesta que é preciso indagar e pesquisar mais sobre a relação entre brincadeiras e gênero.

CAPÍTULO 4 – BRINCADEIRAS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS: PRECARIEDADE, INSEGURANÇA E SEGMENTAÇÃO

Neste capítulo serão apresentados e discutidos os dados relativos tanto às entrevistas quanto à observação participante das brincadeiras que adultos e crianças realizavam juntos nos espaços públicos do bairro investigado, mas também em outras regiões da cidade de Montevidéu. Conforme já nos referimos, as observações foram dificultadas pelas condições climáticas, especialmente pelo longo período de frio que fez em Montevidéu na época (final do inverno e início de primavera de 2014). Por outro lado, consideramos importante as brincadeiras de adultos com crianças nos espaços públicos em função de possíveis diferenças que podem existir em relação àquelas realizadas nos lares, no ambiente doméstico. Em certa medida, a presença de um olhar externo e a presença eventual de pessoas que não fazem parte da família podem trazer uma maior exposição, real ou imaginária, para adultos e crianças envolvidos nas brincadeiras e jogos, algo que tem relação ao “dever ser” e, portanto, pode ter conseqüências consideráveis para o tipo de brincadeira que adultos realizam com as crianças em função de gênero.

O espaço público, para alguns, pode ser um lugar no qual as pessoas atuem com mais inibições, especialmente na demonstração de determinadas sensações e afetos, como aqueles envolvidos em brincadeiras entre pais e filhos/as. Esse, no entanto, não parece ser o caso de Norberto, como é possível entrever no trecho seguinte. Para ele, não é um problema brincar no espaço público com suas filhas:

[...] capaz que otros no se ponen a cantar y bailar en la plaza porque los vecinos no sé, pero hay miles que sí. Pero nosotros en general no, no hay un juego que no hagamos en casa que no podamos hacer en otro lado, porque en general que se rían ellas, ya nos reímos nosotros y por eso... (Norberto, 35 anos, 3 filhas).

Outro ponto relevante para a discussão deste capítulo, e que atravessa direta ou indiretamente todas as entrevistas – e mencionando no capítulo anterior –, é o *medo da rua* na atualidade, em contraste com a imagem ou lembrança de um tempo pretérito recente, quando os adultos entrevistados eram crianças, em que não havia, segundo a percepção dos depoentes, nenhum problema de brincar na rua. Conforme manifesta Nadia, até pouco tempo atrás não tinha nenhum problema das crianças

“ficarem” na rua, pois havia, segundo ela, uma espécie de acordo mútuo entre a vizinhança para cuidar das crianças. Atualmente, na sua visão, percebe-se a rua como um espaço perigoso, onde às crianças devem circular sempre acompanhadas de adultos:

[...] nosotros [quando erámos crianças] jugábamos en la calle, si ahora no, al menos nosotros no le permitimos. Primero porque el transito cambio, hay mas vehículos también y esta mas peligroso también. Ya no da para estar en la calle también, si no está acompañada, de repente les decimos “bueno, ahora vamos en la bici” y estamos ahí con ellas, viste. Pero yo me acuerdo que jugaba sola con mis hermanos y hermanas en la vereda viste, y estaba todo bien, entre los vecinos te cuidaban (Nadia, 29 anos, 3 filhas).

Quase todos os adultos entrevistados concordam com a percepção de que rua mudou, transformando-se em lugar inseguro, especialmente para as crianças, mas não apenas para elas. Isso não deixa de ser sentido pelos/as depoentes como uma perda, especialmente por conta da comparação com uma suposta infância “mais autêntica” que nós adultos, em geral, costumamos atribuir as gerações anteriores. Por outro lado, é preciso considerar, para além dessa visão retrospectiva e romantizada em relação à própria infância por parte dos adultos, que há uma perda objetiva para as novas gerações com essa sensação de insegurança generalizada em relação à rua, pois as crianças ficam de fato sem um espaço que outrora fora efetivamente importante para interação entre adultos, entre adultos e crianças e das crianças entre si, especialmente no contexto do bairro, um espaço geralmente com função integradora, como vimos Nadia se referir, pelo menos em um aspecto, logo acima. Esse fato se torna ainda mais relevante se considerarmos que as praças estão quase completamente abandonadas no bairro Flor de Maroñas, além da existência de poucos equipamentos públicos de lazer próximos, de modo que o espaço privado do lar torna-se preponderante o local onde se desenvolvem as brincadeiras, com uma consequente perda de interação com os/as vizinhos/as de diferentes idades, gêneros e extratos sociais do bairro. As brincadeiras perdem um espaço privilegiado para interação e relacionamento:

[...] Si, es que no los [seus filhos] ves jugando [na rua]. Hay gente en las esquinas y hay chicos solos en las calles, a mi no me parece que estén en la calle

de noche, tienen 9 o 10 años y andan a las 11 de la noche con varones acá en la vuelta. ¿Qué puedes esperar? Bueno, algunos me pueden criticar como soy yo, las tengo [a filhas] en la casa corte militar, pero dentro de lo que puedo trato de que no estén solas. Si van al almacén, que esta acá a la vuelta, yo las vicho, pero esta acá no puedes dejarlas solas. A mi criterio, yo estoy cuidando niñas que sean señoritas de bien. Por algo yo le digo a mi hija mayor [de 11 anos]: “yo lavo los pisos para que a vos no te falte nada, y yo no quiero que el día de mañana tengas que lavar los pisos, te quedas acá y no te juntas”. (Carolina, 35 anos, 2 filhas e 1 filho).

O cuidado com as crianças, especialmente com as meninas, como é possível depreender do depoimento de Caroline, também se refere, na opinião dela, com a imagem que outras pessoas fazem da educação que ela dá aos filhos. É nesse sentido que ela pode dizer que manter uma disciplina militar em casa como sinônimo de boa educação para as filhas, para que sejam “meninas de bem”. Para isso, além de não querer que elas tenham um futuro profissional de empregada doméstica como o seu, é preciso afastá-las dos perigos da rua, representado pelos “outros”, cujos comportamentos e práticas seriam reprováveis sob seus critérios. A solução, nesse sentido, passa pela imposição da quase reclusão domiciliar às filhas, ao espaço privado, por ser mais seguro.

Katzman e Retamoso (2005) vão observar que existe em Montevideu – assim como também em tantas outras cidades Latino-americanas – uma segregação residencial que se refere ao processo no qual a população das cidades vai se localizando ou é obrigada a se deslocar, por diferentes fatores, para espaços de composição social homogênea. Entre os fatores mais importantes que se invocam como antecedentes desses processos, estão o grau de urbanização geral e a urbanização da pobreza, o grau de concentração da distribuição de renda, as características da estrutura das distâncias sociais próprias de cada sociedade e a homogeneidade ou heterogeneidade da composição étnica, religiosa ou de origem nacional da população das cidades. Isso faz com que as pessoas se relacionassem mais – tanto quantitativa quanto qualitativamente – entre os iguais, ou seja, interatuem em uma composição social mais homogêneas (KATZMAN; RETAMOSO, 2005).

Para Castells (2000), quanto mais as pessoas se segmentam, menos capazes de interagir entre si e de compartilhar códigos culturais elas se tornam. De certa forma, isso pode ser comprovado no bairro investigado:

as pessoas entrevistadas preferem que as crianças fiquem em casa ou, no máximo, no seu entorno, do que circulem e brinquem na rua, o que debilita as possibilidades de conhecer novos amigos/as e interagir com o diferente. Também nas observações participantes que realizamos no bairro, chamou-nos a atenção a pouca presença de pessoas – adultos ou crianças – nos espaços públicos, mesmo durante o dia, horário predominante em que circulávamos pelas ruas do bairro. Além das razões climáticas, também acreditamos que muitos dos espaços disponíveis naquele território não tinham condições materiais (falta de iluminação pública, brinquedos estragados nas praças existentes, ausência de outros espaços abertos para realização de brincadeiras) que permitissem uma maior interação, especialmente entre pais e filhos e filhas para brincar. Além disso, é preciso considerar também o tempo efetivo que as pessoas que vivem ali passam no bairro, já que muitos trabalham em outras partes da cidade, distantes vários quilômetros, e gastam também tempo considerável de deslocamentos de ida e volta, de modo que a parte do dia em que mais tempo passam no território, durante a noite, é também aquele que oferece menos condições de uso dos poucos equipamentos e espaços disponíveis.

[...] la tendencia dominante apunta hacia un horizonte de un espacio de flujos interconectado y ahistórico, que pretende imponer su lógica sobre lugares dispersos y segmentados, cada vez menos relacionados entre sí y cada vez menos capaces de compartir códigos culturales (CASTELLS, 2000, p. 506).

Nesse sentido, essa cidade dual, fragmentada, da qual fala Catells (1999), é também a Montevideu contemporânea, na qual vemos bairros urbanizados, praças novas ou bem conservadas, com equipamentos novos e seguros, localizadas na frente de *shoppings centers* e/ou do terminal rodoviário da cidade, distantes do bairro investigado. Por outro lado, bairros periféricos com ruas sem pavimentação, sem tratamento de esgotos, onde quase não há praças públicas, e as poucas existentes não possuem nem manutenção, nem segurança, com pouca ou nenhuma iluminação pública, sem equipamentos ou com equipamentos deteriorados.

[...] No hay mucha luz, acá al frente la que alumbraba es la mía, también los gurisitos rompen los focos que hay en las esquinas, no cuidan nada, no quieren cuidar, ellas amistades acá no tienen [bairro], tienen unas amigas de danza que vienen acá y yo

las llevo allá, se quedan allá a veces y si no se quedan a dormir acá en casa. Son amistades que tienen esa madurez de ser niños, tienen esa cosa de niños. (Carolina, 35 años, 2 filhas e 1 filho).

Nessa mesma direção, é preciso considerar a emergência de novos locais de encontro entre as pessoas no contemporâneo. Um lugar confortável, seguro, idêntico em todas as cidades, onde não se vê o tempo passar (porque não se pode ver pelas janelas se é dia ou noite), onde as condições climáticas não se modificam, por conta dos condicionadores de ar: por isso, um não lugar, como diz o autor Marc Auge (1996). Galeano (2008), escritor uruguaio reconhecido, traça como um acadêmico uma fotografia de como esse não lugar se transforma na insígnia da nossa relação contemporânea com a cidade e os espaços públicos, segmentados muito em função das desigualdades sociais, porque, como bem diz o autor, os habitantes de bairros suburbanos ou de periferias, como no caso do bairro Flor de Maroñas, vão aos shoppings aproveitar o conforto e segurança, mas quase nada podem comprar, porque não podem pagar pelos produtos e serviços ali oferecidos. Vão para uma festa (do consumo) para a qual não foram convidados efetivamente:

[...] El shopping center, o shopping mall, vidriera de todas las vidrieras, impone su presencia avasallante. Las multitudes acuden, en peregrinación, a este templo mayor de las misas del consumo. La mayoría de los devotos contempla, en éxtasis, las cosas que sus bolsillos no pueden pagar, mientras la minoría compradora se somete al bombardeo de la oferta incesante y extenuante. El gentío, que sube y baja por las escaleras mecánicas, viaja por el mundo: los maniqués visten como en Milán o París y las máquinas suenan como en Chicago, y para ver y oír no es preciso pagar pasaje. Los turistas venidos de los pueblos del interior, o de las ciudades que aún no han merecido estas bendiciones de la felicidad moderna, posan para la foto, al pie de las marcas internacionales más famosas, como antes posaban al pie de la estatua del prócer en la plaza. Beatriz Solano ha observado que los habitantes de los barrios suburbanos acuden al center, al shopping center, como antes acudían al centro. El tradicional paseo del fin de semana al centro de la

ciudad, tiende a ser sustituido por la excursión a estos centros urbanos. Lavados y planchados y peinados, vestidos con sus mejores galas, los visitantes vienen a una fiesta donde no son convidados, pero pueden ser mirones. Familias enteras emprenden el viaje en la cápsula espacial que recorre el universo del consumo, donde la estética del mercado ha diseñado un paisaje alucinante de modelos, marcas y etiquetas... (GALEANO, 2008).

Segundo Rowan Moore citado por Light e Smith (1998), o “espaço público” é um lugar em que todo cidadão tem direito legal de acesso, mesmo que seja apenas por algumas poucas horas, como sucede em numerosos jardins urbanos, por exemplo, na cidade de Londres, os quais, além de serem de uso público, são propriedade privada estão cercados e fecham durante as noites. Numa segunda definição, poderíamos nos referir aos espaços públicos como aqueles lugares nos quais uma comunidade assume o sentido que atribui a si mesma. Nesse sentido, no bairro, assim como em outros lugares da cidade, as pessoas precisam apropriar-se dos espaços de uso comum para que eles de fato adquiram o caráter de público, algo que, como vimos na introdução e na descrição do bairro, realizadas nas páginas anteriores deste trabalho, as pessoas, especialmente os adultos, o fazem, inclusive com auxílio e participação de projetos e programas que as impulsionam nesta direção. Por outro lado, e considerando os relatos produzidos por meio das entrevistas com pais e mães de famílias moradoras deste território, as crianças são cada vez menos incentivadas e apoiadas a interagir coletivamente e fazer uso do espaço público, de modo que podemos deduzir que teremos uma apropriação menor ainda desse espaço no futuro. Poderíamos dizer que isso é um problema e configura uma tensão, que pode alimentar uma maior segmentação das pessoas no futuro, e criar ainda mais guetos ou dispersão.

Além dos condicionantes socioeconômicos, a categoria gênero é um eixo importante de análise especialmente relevante na hora de considerarmos a relação (experiência, percepção, imaginário coletivo) dos grupos sociais com o espaço público. Como manifestam Hirata e Kergoat (2000), anteriormente referidos, as mulheres historicamente foram relegadas ao espaço privado enquanto aos homens coube mais o espaço público, e isso se traduz, nos dias atuais, ainda em um uso diferenciado desses universos. Por isso a importância de termos um olhar

com perspectiva de gênero para brincadeiras entre adultas/os e crianças nos espaços públicos.

Nessa direção, nossos dados produzidos por meio das entrevistas e das observações revelam que alguns pais e mães preferem que seus filhos, especialmente as meninas, fiquem encerrados/as em casa do que andem e brinquem sozinhas ou com outras crianças nas ruas do bairro. Além de Caroline, cujo depoimento vimos acima, na sequência temos um trecho da entrevista com Norberto, que relewa essa mesma preocupação com a segurança das meninas. Quando muito, elas podem conviver com outras crianças nas suas casas ou nas casas de suas amigas:

[...] es muy difícil que vayan solas [filhas], van a la casa de amiguitas y eso, pero van con nosotros o de repente la viene a buscar el papa o la mama de la amiguita y se quedan en la casa o vienen las amiguitas de ellas acá, o de repente van a la plaza y eso y o estamos nosotros o están los padres de la amiguita. (Norberto, 35 anos, 3 filhas).

Também percebemos, nas entrevistas e observações, que as mulheres freqüentam os espaços públicos do bairro, mesmo quando estão com as crianças, quase sempre acompanhadas, seja pelo companheiro ou amigas, seja por familiares, enquanto os homens frequentam sozinhos com as crianças esses locais. Nesse sentido, poderíamos perguntar-nos se as mulheres se percebem mais inseguras nos espaços públicos do bairro do que os homens.

Se considerarmos com Scheines (1999) que a brincadeira tem um potencial de transformação, e de que o espaço público é visto e sentido como muito perigoso para as crianças e adultos/as, especialmente para as mulheres, e de que nele as brincadeiras poderiam justamente ampliar esse seu caráter transformador – inclusive em relação aos papéis de gênero –, então perdemos um local muito importante onde o brincar poderia também ser revestido de um caráter de apropriação por parte também das crianças.

Um dos entrevistados manifesta que, sob seu ponto de vista, uma das causas da mudança na relação com os espaços públicos, especialmente em relação às brincadeiras, além do sentimento generalizado de insegurança, está relacionada com os avanços nos meios de comunicação, como a Internet, ou com a profusão – mesmo entre as classes baixa e média baixa – de equipamentos eletrônicos, como

computadores, *smartphones* e videogames, que produziram uma mudança nos hábitos e costumes, sobretudo nas novas gerações:

[...] yo [quando era crianças] jugaba a la pelota, iba a la calle, la mancha, el poliladro, la escondida, cosas que jugaba a eso, que no estaba, como te digo, hoy la tecnología, internet por ejemplo. Las chiquilinas [suas filhas] miran muchos videitos en internet o las consolas de videojuegos que viven jugando. También jugamos nosotros y claro la tecnología cambio mucho lo que hacíamos antes, que era al aire libre. (Juan, 30 anos, 2 filhas e 1 filho).

Por outro lado, devemos considerar, a partir das próprias vozes dos/as entrevistados, que algumas brincadeiras, em determinadas ocasiões, são realizadas por adultos e crianças em espaços públicos. Geralmente, quando isso acontece, a procura dos adultos é por espaços mais seguros e mais bem cuidados, como parques, parques infantis, praças públicas, o Parque Rodo as *Ramblas* (avenidas à beira-mar com grandes calçadas), geralmente em outras localidades e bairros, de preferência não muito distante das imediações de suas residências, seja por comodidade ou também pelo gasto econômico decorrente de sair e viajar de ônibus com as crianças. Vejamos alguns fragmentos de entrevistas com os adultos que revelam os locais públicos da cidade em que os pais e mães costumam levar os/as filhos/as para brincar:

[...] vamos mucho a la placita, a la del parque Rodó, que tiene calesita, todos los juegos, porque esa plaza la cuidan bien. (Milena, 21 anos, 2 filhas e 1 filho).

Si tenemos plata, vamos al parque Roosvelt... al parque Rodó, ahí también las llevamos, ahí está la calesita y eso” (Milena 21 anos, 2 filhas e 1 filho).

[...] Por lo general, si vamos a algún lado, siempre nos llevamos una pelota, porque es lo que mas juegan ellos y lo que los divierte, y lo que más les gusta, y ahora ta que esta el tema de las cometas, fuimos ahí al campo de la UTE y estuvimos allí con las cometas y eso y como que le llamo la atención las cometas. Pero si no, vamos a una plaza o nos quedamos acá [em casa] directamente. (Estefania, 31 anos, 3 filhos).

[...] La placita, algún domingo de tarde con el mate y eso, la placita, más que nada si salimos vamos al cine o al Parque Rodó, si el día esta lindo. (Carolina, 35 anos, 2 filhas e 1 filho).

[...] Nosotros tenemos un día en la semana que nos juntamos todos, yernos, nueras, nietos y nuestros hijos. Así un día a la semana, compartimos la comida, hacemos juegos, salimos a la rambla, y ahí jugamos todos a lo que sea. Es sagrado y es un sábado, siempre nos juntamos. Si llueve nos juntamos igual. (Alicia, 48 anos, 3 filhas e 2 filhos).

Contudo, observa-se também nas entrevistas que algumas famílias não dispõem de recursos econômicos para se locomover a espaços públicos que ficam longe do lar, ou que precisam pagar entradas, ainda mais quando são famílias numerosas.

[...] por una cuestión económica no [se costumam frequentar espaços públicos para brincar com as crianças], que a veces de repente para ir [...] a disfrutar un parque Rodó necesitas una suma de dinero, que digo no son dos niños, son cuatro, entonces por lo general vamos a una plaza, un parque. (Jorge, 30 anos, 3 filhas e 1 filho).

Nas praças públicas próximas às residências onde moram ou localizadas no bairro em questão, que não tem tantos equipamentos de lazer, as pessoas adultas acompanham as crianças e levam materiais para brincar na praça e usam os equipamentos disponíveis. Também manifestam que preferem ir com as crianças aos sábados e domingos, dias em que não estão trabalhando e podem ir durante o dia, pelo fato já relatado anteriormente de que as praças têm pouca ou nenhuma iluminação à noite:

[...] Y se llevan pelota, de repente se llevan algún juguete, cuerdas, o se hamacan, van en los juegos, no tienen algo en sí que llegan a la plaza y van a decir voy a jugar a esto, ósea de repente se llevan una pelota y juegan a la pelota, te llevan la cuerda también, juegan un rato a la pelota, un rato a la cuerda y después bueno le dan a los juegos, a las hamacas y todo eso (Jorge, 30 anos, 3 filhas e 1 filho).

Em relação às brincadeiras realizadas nos ambientes ao ar livre, nas praças, parques e avenidas destacadas pelos entrevistados, além da utilização por parte das crianças dos equipamentos disponíveis nestes locais, como brinquedos diversos, relativamente comuns em praças e parques infantis, um objeto ganha destaque nas entrevistas com os pais e mães: a bola. E ela, em geral, é empregada para jogar futebol. Nesse contexto, dois relatos chamam especialmente a atenção: o de Julieta (37 anos, 4 filhos e 4 filhas), que diz jogar futebol com os meninos, porque ela mesma é meio “moleque” (varonero), e de Jorge (30 anos, 3 filhas e 1 filho), que diz que “muchas veces las ves a ellas con la pelota jugando al futbol y antes yo pasaba jugando al futbol, la madre jugó al futbol en un cuadro femenino, jugó al futbol”. Interessante perceber que essas duas mães, por razões diferentes, estão autorizadas e legitimadas a jogar futebol com seus filhos e filhas. A primeira, porque, quando criança, brincava com outros meninos e gostava de jogar futebol (e pode seguir fazendo isso com seus filhos homens atualmente) e a segunda, porque integrou até pouco tempo uma equipe feminina de futebol. Se, por um lado, essa referência ao futebol jogado por mulheres e meninas matiza certos estereótipos de gênero associados a essa prática, especialmente nos países Latino-Americanos, por outro é preciso considerar a permanência de uma dimensão reprodutiva de papéis vinculados às figuras de referência para as crianças, no caso, os familiares. Às crianças são permitidas aquelas brincadeiras legitimadas por seus pais, no caso da mãe delas, que ao já ter jogado futebol, faz que suas filhas repliquem isso como modelo, e brinquem de futebol. Nos depoimentos dessas duas mulheres também podemos observar uma resistência aos estereótipos de gênero que reproduzem os adultos com crianças, especialmente nos espaços públicos, que, segundo os estudos de gênero, é predominantemente masculino.

CAPÍTULO 5 – À GUIA DE CONCLUSÃO: BRINCADEIRAS PODEM NÃO REPRODUZIR PADRÕES HETERONORMATIVOS?

Neste último capítulo, a título de considerações finais, vamos tratar do que pode ser considerado, no âmbito desta pesquisa, como um tensionamento dos estereótipos generificantes vinculados às brincadeiras na infância, perguntando-nos se é possível fugir ou subverter dos padrões heteronormativos ou regulatórios.

Não se trata, como se verá, da descrição de brincadeiras propostas pelos/as adultos/as dentro e fora dos lares nas quais se buscasse, deliberada ou inconscientemente, romper com estereótipos de gênero: carrinhos para eles, bonecas para elas, por exemplo. O que faremos é retomar alguns fragmentos de entrevistas já anteriormente destacados, outros que até então não haviam sido mencionados, para (re)discuti-los a luz do já anteriormente mencionado conceito de *profanação*, de Agamben, e também do conceito de *heterossexualidade normativa*, de Judith Butler (2002), cuja posição teórica – que guarda certa afinidade com elementos da obra do filósofo italiano – diverge da conceitualização tradicional de gênero. Não pretendemos, portanto, mostrar a existência de brincadeiras que não respondem aos padrões heteronormativos, mas interrogarmos, como expressa o próprio título deste capítulo, sobre essa possibilidade.

Butler (2002) diz que a categoria “sexo” é um princípio normativo, que significa para a autora o mesmo que Foucault chamou de *ideal regulatório* em seus trabalhos. Para Butler, o “sexo” não só funciona como norma, senão que também é uma prática reguladora que produz os corpos que governa, cuja força se manifesta como uma espécie de poder produtivo, capaz de demarcar, circunscrever e diferenciar os corpos que controla. Em outras palavras, a autora expressa a ideia de que o gênero e a sexualidade, assim como o próprio sujeito, não pré-existem ao uso que fazemos da linguagem em nossas práticas discursivas cotidianas. Não somos nós, nesse sentido, que fazemos algo com a linguagem, mas ela que faz algo conosco: constitui-nos. Nesse sentido, o gênero é sempre um fazer (BUTLER, 1999).

Tentemos ver, a partir de um fragmento da entrevista com Betina, como esse ideal regulatório opera no âmbito da relação brincadeira-gênero:

[...] el juego lo inventábamos, era todo imaginación. Queríamos jugar a la cocinita y, bueno, agarrábamos la harina, pedazos de carne y

hacíamos tartas y agarrábamos tierra y la decorábamos como chocolate, y ponele, viste que acá atrás tiene cañas, porque yo vivía en la casita de acá al lado y entonces sacábamos cañas y hacíamos chozitas de cañitas y ahí nuestras casas y teníamos que tener nuestros muñecos, que eran nuestros hijos. Teníamos que tener limpia la casa, o cocinábamos, si íbamos a la casa de la vecina le pedíamos una tacita de azúcar, todas esas cosas que pasan en la realidad, pero que la jugábamos de chico. (Betina, 24 años, 1 filho e 2 filhas).

Como podemos ver, Betina estava relatando as brincadeiras que ela, suas irmãs e amigas faziam quando eram crianças: “el juego ló inventabamos, era todo imaginación”, afirma a entrevistada. Entretanto, ao seguirmos a leitura do relato percebemos que ela está se referindo à “brincadeira de casinha”, na qual ela e suas amigas e irmãs reproduziam uma cotidianidade, conjunto de práticas e representações sobre a função social da mulher naquele período. Trata-se de um ideal regulatório, como manifesta Butler (2002). Ora, o que pode ser que elas inventavam ou imaginavam eram certos elementos constituintes da brincadeira, como os ingredientes das comidinhas, por exemplo, mas as regras presentes explícita e implicitamente naquela situação imaginária respondiam a um padrão heteronormativo.

Butler vai colocar que a matriz das relações de gênero é anterior à aparição do “humano”, e exemplificará com a passagem de um bebê a uma menina com a feminilidade característica como, desde o discurso médico, as autoridades reiteram uma interpelação fundacional que fortalece ou combate esse efeito naturalizado. Nesse sentido, o ideal da unidade de gênero não passa de um produto de “práticas regulatórias”. Tais práticas são conservadas por força de uma matriz cultural que institui a heterossexualidade normativa como a norma a qual todo desvio deve ser julgado. Essa matriz, segundo Butler (1999), faz com que as pessoas tornem-se “inteligíveis” à medida que mantêm seu gênero e sua sexualidade conforme os padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero. Em decorrência disso, determinados tipos de identidade não podem existir, pois fogem ao padrão da heterossexualidade normativa, na qual o gênero deriva do sexo anatômico e a sexualidade deriva do gênero. Contudo, a autora dirá que a denominação é ao mesmo tempo um modo de fixar uma fronteira e também de inculcar repetidamente uma norma (BUTLER, 2002).

Tomemos, agora, outro fragmento de nossas entrevistas, desta vez de Estefania:

[...] En la escuela, si jugaba a la bolita, jugaba al futbol, y ta más bien jugaba a los juegos que predominan en los varones porque... ta fui criada, no fui criada como una niña, fui criada como un varoncito. Porque ta, ya te digo, yo daba vuelta tierra, todo lo tenía que hacer yo y ta hacia hormigón, y todo, mis hermanas no, entonces mi juego favorito siempre era la bolita o la pelota, y ta cuando tenía, que por fin nos consiguieron una bicicleta, que nos regalaron una bicicleta, andaba todo el día en bicicleta. Pero otro juego que las muñecas, creo que toque una muñeca a los 15 años, antes no, y a escondidas todavía encima, si porque mi abuela era muy, a mi me tenia, yo siempre le dije a ella, ella me criaba a mí a lo militar, y yo no era militar, yo era una niña y tenía derecho a jugar, yo a hacer lo que yo quisiera. Y no para ella no, era lo que ella decía, si yo me tenía que quedar parada todo el día, ta ahí me tenía que quedar todo el día. (Estefania, 31 anos, 3 filhos).

Estefânia coloca que não foi criada ou educada supostamente como uma “menina”, apesar da contraditoriedade de sua avó, que a criava, como diz, de modo “militar”, e que ela era, como diz, “um varoncito”, ou seja, um moleque. Nesse sentido, ela não gostava de brincar com brincadeiras e brinquedos relacionados ao universo feminino. Ela preferia jogar e brincar de coisas de meninos e também de estar entre eles nas brincadeiras. A partir desse relato, podemos perguntar qual é o respeito que os adultos devem ter com as crianças no sentido de possibilitar que elas experimentem diferentes formas de ser. Se o “dever ser” heteronormativo é inculcado no lar e em outras instituições sociais, em grande parte por meio da brincadeira, entre outras coisas, poderíamos nos perguntar: o que é que as crianças podem fazer para fugir desse mecanismo? Qual é o direito da criança nesse momento, no âmbito doméstico, do lar? Juridicamente, como se poderia controlar e pesquisar os direitos das crianças no ambiente doméstico? Seria possível pressupor um conjunto leis e regras para regular o modo como pais e mães educam seus filhos em relação aos papéis de gênero? Não temos a pretensão de responder a essas perguntas. Antes, pretendemos que elas nos ajudem a problematizar as noções de gênero e infância com as quais estamos trabalhando ao longo deste texto.

Em um sentido algo semelhante ao que coloca Butler (2002), Agamben propõe, conforme nos referimos no segundo capítulo, que a brincadeira pode desativar o dispositivo de poder, o que é interessante porque poderia permitir às crianças fugir das brincadeiras impostas pelas pessoas adultas. Para Agamben, no âmbito do direito romano, “sagradas” ou “religiosas” eram as coisas que de algum modo pertenciam aos deuses e, por conta disso, estavam subtraídas, estavam fora do livre uso e do conteúdo dos homens. Coisas sagradas ou religiosas não podiam, naquele contexto, ser vendidas, nem dadas como fiança e nem cedidas em usufruto ou gravadas de servidão. Nesse sentido, diz o autor, “consagrar” (*sacrare*) era o termo que se referia a esse processo de saída das coisas da esfera do direito humano para plano religioso. Religião, termo que de acordo com Agamben deriva não de *religare* (que liga ou une o humano e o divino), mas de *relegere* (que indica a atitude de escrúpulo, de inquietação e de atenção que deve caracterizar as relações com os deuses), indica, por sua vez, não aquilo que une homens e deuses, mas aquilo que cuida para que se mantenham separados, distintos.

Para o filósofo italiano, existe uma diferenciação entre secularização e profanação, processos pelos quais seria possível essa passagem da esfera do sagrado ao profano, ou seja, essa passagem que permite que as coisas retornem ao uso comum dos homens. A primeira, secularização, deixa intacto o poder e o assegura, enquanto que a profanação desativa o dispositivo de poder e restitui ao uso comum os espaços que o poder tinha confiscado (AGAMBEN, 2007):

[...] A secularização é uma forma de remoção que mantém intactas as forças, que se restringe a deslocar de um lugar a outro. Assim, a secularização política de conceitos teológicos (a transcendência de Deus como paradigma do poder soberano) limita-se a transmutar a monarquia celeste em monarquia terrena, deixando, porém, intacto o seu poder. A profanação implica, por sua vez, uma neutralização daquilo que profana. Depois de ter sido profanado, o que estava indisponível e separado perde a sua aura e acaba restituído ao uso. Ambas as operações são políticas, mas a primeira tem a ver com o exercício do poder, o que é assegurado remetendo-o a um modelo sagrado; a segunda desativa os dispositivos do poder e devolve ao uso comum os espaços que

ele havia confiscado. (AGAMBEN, 2007, p. 60-61).

Na sequência, veremos Estefania se manifestar que não tem problemas de que seu filho brinque com bonecas, mas esclarece que é por enquanto, enquanto ele ainda é pequeno. Ela mesma diz que depois “deves” dizer “‘isto é uma boneca’, não podes brincar com uma boneca”. Posteriormente, no relato, ela manifesta que os adultos e as crianças brincam com o cabelo do filho pequeno, para “molestá-lo” (*joderlo*), o que deixa entrever que ao menino lhe é permitido brincar de boneca porque é muito pequeno e não entende, ainda, os condicionantes sociais que atuam sobre as expectativas sobre seu sexo, e que brincam com o cabelo dele, fazendo-o ficar parecido ao de uma menina, porque isso seria “permitido” porque é uma “brincadeira”:

[...] Pesquisador: Los varones juegan con un tipo de juguetes y tu hija con otros?

Estefania: No, en general entre todos, el chiquito juega con las muñecas, no tiene problemas

Pesquisador: Ustedes no le dicen nada?

Estefania: Por ahora no, para que entienda, un poco más adelante le tenes que decir “esto es una muñeca”, no podes jugar con una muñeca, juega con una pelota, se pone a jugar con los coches y todo y el agarra el coche y todo y lleva la muñeca y juega, y aparte mismo nosotros nos ponemos a jugar con el más chiquito y le empezamos a hacer colitas para joderlo y le sacamos foto y todo, porque tenemos fotos de él y ta, después se termino el juego y ta, se dedican a jugar ellos. (Estefania, 31 anos, 3 filhos).

Para Agamben, como foi dito antes, e vamos ressaltar novamente, embora seja repetitivo, é importante restituir à brincadeira a sua vocação profana, para poder desativar o dispositivo de poder, para que seja possível assim fazer uso comum aos espaços que tinham confiscado do mundo humano, o que é, para ele, assim como as perspectivas teóricas dos estudos de gênero, uma tarefa política. Agamben dirá, nessa direção, que o uso que restitui a brincadeira não é utilitário e não tem a ver com o consumo. Isso seria libertador para a humanidade, porque a desvia do sagrado:

[...] Um automóvel, uma arma de fogo, um contrato jurídico transformam-se improvisadamente em brinquedos. É comum, tanto

nesses casos como na profanação do sagrado, a passagem de uma religião, que já é percebida como falsa ou opressora, para a negligência como verdadeira religião. E essa não significa descuido (nenhuma atenção resiste ao confronto com a da criança que brinca), mas uma nova dimensão do uso que crianças e filósofos conferem à humanidade. Trata-se de um uso cujo tipo Benjamin devia ter em mente quando escreveu, em *O novo advogado*, que o direito não mais aplicado, mas apenas estudado, é a porta da justiça. Da mesma forma que a religião não mais observada, mas jogada, abre a porta para o uso, assim também as potências da economia, do direito e da política, desativadas em jogo, tornam-se a porta de uma nova felicidade. (AGAMBEN, 2007, p. 67).

Nessa direção, a brincadeira pode ser, segundo Agamben (2007), uma profanação, portanto, uma dessas portas de uma nova felicidade que desativem o dispositivo de poder. Aqui chama a atenção o valor que Agamben confere às crianças, no uso que elas dão a brincadeira, como novo uso que é conferido à humanidade. Neste sentido, as crianças representarão um poder de transformação importante, quando a brincadeira tiver essa possibilidade de profanação e de fugir dos estereótipos.

Agamben (2011) vai colocar que “a vida humana é inoperosa e sem objetivo, mas é justamente essa a argia e essa ausência de objetivo que tornam possível a operosidade da espécie humana”. (AGAMBEN, 2011, p. 268). O autor afirma que “a *oikonomia* do poder põe firmemente em seu centro, na forma de festa e glória, aquilo que aparece diante dos seus olhos como a inoperosidade do homem e de Deus.” (AGAMBEN 2011, p. 268). Nesse sentido, continuará seu raciocínio dizendo que:

[...] O homem se dovetou a produção e ao trabalho, porque em sua essência é privado de obra, porque é por excelência um animal sabático. E assim como a máquina da *oikonomia* teológica só pode funcionar se inserir em seu centro um limiar doxológico em que trindade econômica e trindade imanente transitam litúrgica (o seja, política) e incessantemente de uma para outra, assim também o dispositivo governamental funciona porque

capturou em seu centro vazio a inoperosidade da essência humana. (AGAMBEN 2011, p. 268).

Nessa citação, vemos o autor colocar como a máquina governamental captura a inoperosidade, que é, para Agamben, a essência humana. Esta inoperosidade é a substância política de ocidente, o nutriente glorioso de todo poder (AGAMBEN, 2011). Para o autor, a festa e o ócio – e com elas as brincadeiras – afloram nossos sonhos e utopias políticas do ocidente, e da mesma maneira, diz o autor, é aí onde naufragam continuamente. Agamben vai afirmar que:

[...] Esses sonhos e utopias são os restos enigmáticos que a máquina econômico-teológica abandona nos campos de batalha da civilização e sobre os quais os homens voltam de tempos em tempos a interrogar-se inútil e nostalgicamente. Nostalgicamente, porque parecem conter algo que pertence ciosamente à essência humana; e inutilmente, porque nada mais são, na realidade, do que resíduos do combustível imaterial e glorioso que o motor da máquina queimou em seu curso irreprímível. (AGAMBEN 2011, p. 268).

Queríamos ressaltar também a importância que Agamben atribui à inoperosidade, as festas e ao ócio, para fazer uma ponte com as brincadeiras, que o autor fala em outros de seus trabalhos. Acreditamos que nas festas e na ociosidade, como coloca o autor, as brincadeiras estão e estiveram presentes, de diferentes maneiras e de diferentes formas na sociedade, conforme argumentamos ao final do segundo capítulo.

Neste ponto, e depois de trazer as reflexões de Agamben, poderíamos nos perguntar se a brincadeira pode atuar como uma profanação no mundo contemporâneo e, de modo ainda mais direto, se, em algum momento, essa dimensão esteve presente nos relatos das pessoas entrevistadas e na observação dos espaços públicos do Bairro Flor de Maroñas. Por um lado, nossos dados colocam a possibilidade do que Agamben manifesta sobre o potencial que a brincadeira teria para a “profanação” (no sentido de fazer livre uso, de “desativar o dispositivo”) ou de questionamento de determinados modos de ser, social e historicamente instituídos. Nesse sentido, em contraposição ao que diz Agamben em relação à brincadeira como possibilidade de profanação, nossos resultados talvez pudessem ser mais bem explicados retomando, em parte, aquilo que vimos sobre Durkheim, ao final do segundo capítulo,

quanto ao papel da brincadeira na reprodução de um componente moral (heterossexista, neste caso). Por outro lado, é preciso considerar, algo inscrito no próprio espírito da obra de Agamben, que leitura e a crítica feita ao contemporâneo a partir desse conceito externo ao tempo presente, tem justamente a pretensão de chamar a atenção para a dimensão profundamente humana e histórica das coisas desse mundo. Conforme escreve Selvino Assmann (2007, p. 7-8) na Apresentação do livro *Profanações* (do qual ele também é tradutor):

Em um mundo onde tudo parece ter-se tornado necessário e inevitável, sagrado, Agamben procura resistir, des-criar o que existe, tentando ser mais forte do que o que está aí, como o faz Bartleby de Melville (“preferiria não!”). Isso equivale a ir em busca da infância, ou seja, de nossa capacidade de jogar e de amar, a saber, de viver na intimidade de um ser estranho, não para fazê-lo conhecido, e sim para estar ao lado dele sem medo de ficar entre o dizível e o indizível; equivale a perseguir sinais e frestas de contingência, de “absoluta contingência”, ou seja, de subjetividade, de liberdade humana, de cesuras entre um poder-ser e um poder-não-ser. Insista-se: um mundo em que tudo é necessário e nada é possível é um mundo sem sujeito, um mundo sem liberdade, sem possibilidade de criação.

No trecho seguinte, veremos a continuidade do relato sobre as brincadeiras que Estefania, uma de nossas entrevistadas, realizava com seus filhos (parte desse relato foi anteriormente referido, no terceiro capítulo).

Estefania: [...] Les ponía todo juguetes arriba de la cama o arriba de un sillón y me ponía a jugar con ellos o cantábamos canciones de la escuela y ta porque ellos fueron al CAIF, y ta cantábamos canciones del CAIF y por lo general jugábamos con los muñequitos, nos poníamos a hacer algún dibujo, recortábamos, pegábamos, siempre con el tema de la manualidad mucho

Pesquisador: Son tres varones?

Estefania: Si tres varones.

Pesquisador: Y por ejemplo jugabas a las muñecas con ellos?

Estefania: No, eso yo veía que lo hacían ellos independientemente, y ta siempre me pregunte si estaba bien o estaba mal, los médicos me decían que era normal, en el CAIF la psicopedagoga me dijo que era normal, porque ellos como que van descubriendo juegos, y cosas nuevas y ta el grande jugaba y juega hasta el día de hoy con los peluches, los agarra, les hace ropita con un pedazo de tela, como que les cose ropa, los viste, el grande no es mucho de juegos, el grande es más bien de computadoras y juegos. Ponele tranquilos, sentado, estos otros dos son el polo opuesto al grande, estos juegan a la pelota, juegan correteando, juegan con los juguetes, van para arriba y para abajo. (Estefania, 31 años, 3 filhos).

Pode-se observar atentamente que ela não brincava de bonecas com seu filho, mais aceitava que ele, pequenino, brincasse com esse objeto porque os profissionais diziam que era “normal” experimentar diferentes tipos de brinquedos. Nesse sentido, poderíamos perguntar: o que é anormal no mundo dos brinquedos se, como diz Agamben, são as brincadeiras uma profanação que transforma a realidade, que é o “normal”? Por um caminho semelhante também irá Judith Butler (1999), ao se perguntar por que uma pessoa precisa ser o gênero de um na medida em que não é o outro gênero? Essa formulação supõe a restrição de gênero dentro de um par binário heterossexual. Butler vai criticar a heterossexualidade compulsiva, e a estrutura das categorias binárias, desafiando o falocentrismo que gera uma ordem simbólica. O binarismo, para Butler, reduz o espectro e constitui o limite simbólico que define o intercâmbio e, ao mesmo tempo, produz um afora temível que resguarda sua hegemonia (FEMENÍAS, 2003).

Vemos também no trecho acima a menção às profissionais do CAIF, especialmente uma psicopedagoga, e também, por outro lado, fala-se da opinião de um médico, que de certa forma tranquilizaram a mãe ao diagnosticar esse comportamento infantil, conforme nos referimos no terceiro capítulo, como “normal”. De certa forma, aqui podemos ver claramente o que Butler (1999) chama de heterossexualidade normativa: se é normal para o discurso médico e psicopedagógico brincar de bonecas em uma determinada idade, por que seria anormal outra maneira de brincar? O que achamos interessante em Butler é que ela vai derrubar essa segurança profissional dos que mantém como natural a

heterossexualidade normativa. Também aqui fica claro uma distinção importante que fazem alguns profissionais sobre até que idade é normal deixar as crianças brincarem com diversos tipos de brincadeiras e brinquedos, sem distinções generificantes. Ao que parece, segundo o que observamos nas entrevistas, ao se atingir certa idade, a criança deve trocar os tipos de brincadeiras, o que confirma que elas são um laço importante nessa determinação sexual que as pessoas adultas querem imprimir em seus filhos. A brincadeira forma parte das marcas que são inscritas nas crianças.

Nesse ponto é importante motivar também a realização de pesquisas futuras que vinculem o que as pessoas fazem, em termos educacionais com seus filhos e filhas em seus lares, e o sistema educativo estatal, já que as funcionárias do CAIF declararam que a brincadeira no CAIF é livre, sem restrições em relação a objetos, brinquedos e brincadeiras em função do sexo das crianças. Mas a instituição atende crianças até 3 anos de idade – período em que, como vimos, há certa condescendência em relação a identidade de gênero das crianças – , depois vem a creche e a pré-escola, e posteriormente o ensino básico. Nessas outras instituições educacionais, que atendem crianças mais velhas, essa mesma perspectiva de trabalho declarada pelas entrevistadas será mantida ou ampliada? Também seria importante a realização de pesquisas nessas instituições que mobilizassem diferentes técnicas de produção de dados e informações, permitindo uma maior triangulação dos dados e análises.

Não consideramos que a brincadeira é algo neutro ou “bonzinho”, pelo contrário, procuramos evidenciar ao logo da pesquisa que a brincadeira pode deixar marcas indelévels nos corpos das crianças, inclusive no que refere à sexualidade, fruto de uma cultura fortemente marcada por uma heterossexualidade normativa, como manifesta Butler (1999). Achamos importante, do ponto de vista sociológico, seguir promovendo pesquisas sobre a relação entre as brincadeiras e os estereótipos de gênero, já que, como a sociologia procura, e é um de seus postulados, estudar o “óbvio”, o que temos na nossa frente cotidianamente e poder tirar fora o véu que cobre e faz com que aceitemos essa cotidianidade sem maiores oposições.

É importante manifestar que as brincadeiras pesquisadas, bem como os discursos que sobre elas incidem, se fazem no tempo dos cuidados infantis, tempo também que reproduz a divisão sexual do trabalho entre mulheres e homens, e que, como foi dito antes, as mulheres são as que mais tempo estão com seus filhos. Poderíamos, nesse sentido, perguntar se o padrão de divisão sexual do trabalho no tempo de cuidados

não contribui com a reprodução de um padrão heteronormativo nas crianças. Também seria importante promover pesquisas futuras que articulem o novo Sistema Nacional de Cuidados (SNC), no Uruguai, já que as entrevistas realizadas no bairro em questão revelaram, entre outros aspectos destacados anteriormente, que quase ninguém conhecia essa política pública em implementação. Achamos importante que as políticas públicas devam ter uma ligação com as populações, de modo que a comunidade civil possa debater e fazer suas escolhas, e não ser apenas objeto de ações governamentais.

Ainda sob esse ponto de vista, embora entendamos que parte dos resultados deste trabalho pode contribuir para repensarmos o novo SNC, procurando, em certa medida, colocar em dúvida o modelo heterossexista e heteronormativo presente nessa política, que já tem sido criticado em outros âmbitos, é preciso reconhecer, por outro lado, ao considerarmos as formulações foucaultianas relativas ao exercício do poder-saber em nossa sociedade, e seu postulado de que a política é uma espécie de governamentalidade dos corpos, que pesquisas como essa não são regimes de verdade de natureza distinta daqueles que são objeto de pesquisa e crítica. Trata-se, nesse sentido, de novos – mas também eficientes – modos de subjetivação.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Teología y Lenguaje**. Del poder de Dios al juego de los niños. Buenos Aires: Las cuarenta, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **O reino e a glória**. Uma genealogia teológica da economia e do governo. São Paulo: Boitempo editorial, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. **Infancia e historia**. Destrucción de la experiencia y origen de la historia. Buenos Aires: Adrian Hidalgo Editora, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

AGUIRRE, Rosario y FERRARI, Fernanda. **La construcción del Sistema de cuidados en el Uruguay**. Santiago de Chile: CEPAL, Serie Políticas Sociales n 192, 2014.

AGUIRRE, Rosario. **Las bases invisibles del bienestar social**. El trabajo no remunerado en Uruguay. Montevideo: UNIFEM, 2009.

AGUIRRE, Rosario, BATHYANY, Karina. **Uso del tiempo y trabajo no remunerado**. Encuesta en Montevideo y área metropolitana 2003. Montevideo: UNIFEM-UDELAR, 2005.

AGUIRRE, Rosario. **Sociología y Género**. Las relaciones entre hombres y mujeres bajo sospecha. Montevideo: UDELAR, 1998.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Usos e abusos dos estudos de caso**. Cadernos de pesquisa, v. 36, n 129, p. 637-651, set/dez 2006.

ANEP.GUB.UY. Acesso em: 18 Agosto de 2015.

ARAYA Federico, COLACCE Maira y VAZQUEZ Lucía (2011). **Participación laboral femenina y cuidado infantil**: Destruyendo a la mujer maravilla. [http://www.fcs.edu.uy/archivos/Participacion%20laboral%20y%20cuidado_Araya_Colacce_Vazquez%20\(1\).pdf](http://www.fcs.edu.uy/archivos/Participacion%20laboral%20y%20cuidado_Araya_Colacce_Vazquez%20(1).pdf), Acesso em: 12 de fevereiro do 2013.

ARIES, Philippe. **El niño y la vida familiar en el antiguo régimen**. España: Taurus, 1987.

ASSMANN, Selvino. Apresentação. In: AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. p. 7-14.

BATTHYÁNY, Karina (Coord.); GENTA Natalia; PERROTA, Valentina. **Sistema Nacional de Cuidados. La población uruguaya y el cuidado**. Análisis de representaciones sociales y propuestas para un sistema de cuidados en Uruguay. Montevideo: Universidad de la República, 2013.

BATTHYAÁNY, Karina; MONTAÑO, Sonia. **Construyendo autonomía**. Compromisos e indicadores de género. Santiago de Chile: Naciones Unidas, 2012.

BATTHYÁNY, Karina; CABRERA, mariana. **Metodología de la investigación en Ciencias Sociales**. Uruguay: UDELAR, 2011.

BATTHYÁNY, Karina. **Cuidados infantiles y trabajo**. ¿Un desafío exclusivamente femenino? Montevideo: Cinterfor, 2004.

BATTHYÁNY, Karina. **Las bases invisibles del bienestar social**. Montevideo: UNIFEM, 2009.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

BERGER, Peter y LUCKMANN, Thomas. **La construcción social de la realidad**. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.

BIERNACKI, Patrick; WALDORF, Dan. Snowball Sampling: Problems and techniques of Chain Referral Sampling. **Sociological Methods & Research**, vol. 10, n. 2, p. 141-163, nov. 1981.

BUTLER, Judith. **El género en disputa. El feminismo y la subversión de la identidad**. México: Paidós, 1999.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan. Sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

CALDAS-COULHTDAR, Carmen Rosa e VAN LEEUWEN, Theo. **Discurso crítico e gênero no mundo infantil**: brinquedos e a representação de atores sociais. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v. 4, n.esp, p. 11-33, 2004.lido o 6 de abril do 2014.

CANCLINI GARCÍA, Néstor. *Imaginario Urbano. Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Grigalbo, 2010

CASTELLS, Manuel. **La ciudad informacional**. España: Universidad de Barcelona, 1998.

CASTELLS, Manuel. **La era de la información. Volumen 1. La sociedad red**. Madrid: Alianza Editorial, 2000.

CEIBAL.EDU.UY. *Historia*. Acesso em: 18 de novembro de 2015.

COLLER, Xavier. **Cuadernos metodológicos. Estudios de Caso**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2000.

DE CERTAU, Michel; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **La invención de lo cotidiano 2. Habitar, cocinar**. México: Universidad Iberoamericana. Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Occidente, 1999.

Documento de trabajo **Hacia un modelo solidario de cuidados**. Propuesta para la construcción del Sistema Nacional de Cuidados Aprobado por el Gabinete Social 20 de setiembre 2012, en http://redproteccionsocial.org/sites/default/files/hacia_un_modelo_solidario_de_cuidados_validado_por_gabinete_social_20.09.12.pdf. Acesso em: 12 de fevereiro do 2013.

DURAN, María Ángeles. **La contribución del trabajo no remunerado a la economía española: alternativas metodológicas**. Madrid: Estudios Nº 63, Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales, Instituto de la

Mujer, 2000. DURKHEIM, Émile. **A educação moral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FASSLER, Clara. **Aportes para el diseño de un Sistema Nacional Integrado de Cuidados desde una perspectiva de género**. Análisis de diversas experiencias latinoamericanas. Montevideo: Serie políticas públicas, 2010.

FAUR, Eleonor. **El cuidado infantil en el siglo XXI**. Mujeres malabaristas en una sociedad desigual. Buenos Aires: Siglo XXI, 2014.

FEMENÍAS, María. **Judith Butler: introducción a su lectura**. Buenos Aires: Catálogos, 2003.

FERNANDEZ, Ana Maria. **La invención de la niña**. Buenos Aires: UNICEF, 1994.

FUCVAM.ORG.UY. Acesso em: 8 de agosto de 2015.

FRASER, Nancy. **Justitia nterrupta**. Reflexiones críticas desde La posición “postsocialista”. Bogotá: Siglo del Hombre editores, Uniandes, 1997.

FRAGA, Alex (1995). Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes. Movimento ano 2 N.3, 1995-2. Acesso em: 18 de novembro de 2015.

GALEANO, Eduardo. **El imperio del consumo**. 2008.

HIRATA, Elena y KERGOAT, Danièle. Una nueva mirada a la división sexual del trabajo, En Las nuevas fronteras de la desigualdad. Maruani, Rogerat, Torns (dirs), España: Icaria, 2000.

HOWSON, A. G. Changes in Mathematical Education Since the Late 1950s. **Educational Studies in Mathematics**, v. 9, 1978. In WALKERDINE, Valerie. *Ciencia, razão e a mente feminina*. Revista educação e Realidade 32 (1): 7-24, jan/jun 2007.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

INMUJERES.GUB.UY.

<http://www.inmujeres.gub.uy/innovaportal/v/31995/6/innova.front/presentacion> Encuesta de uso del Tiempo 2013, datos preliminares 2014. Acceso em: 3 de outubro do 2014.

INE.GUB.UY.

http://www.ine.gub.uy/censos2011/adelantos_breves_personas.html promedio de filhos/as nacidos vivos, dados preliminares do Censo 2011, Acceso em: 16 de Junho do 2015.

JUNTOS.GUB.UY. <http://www.juntos.gub.uy> Acceso em: 8 de agosto do 2015.

LIGHT, Andrew. and SMITH, Jonathan. (eds.). **The production of Public Space**. Boston: Rowman & Littlefield, 1998.

LEWIS, Jane. **Gender and the development of welfare regimes**. Journal of European Social Policy 2, pp159-73,1992.

MARUANI, Margaret; ROGERAT, Chantal; TORNS, Teresa (dirs.). **Las nuevas fronteras de la desigualdad. Hombres y mujeres en el mercado del trabajo**. España: Icaria-Antrazyt, 2001.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MC. PHAIL FANGER, Elsie. **Voy atropellando tiempos: género y tiempo libre**. México: UAM, 2006.

MC. PHAIL FANGER, Elsie. **Veblen, ¿galán o visionario?** Anuario de investigación 2003. Mexico: UAM, pp. 635-650, 2004.

MILOSAVLJEVICK, Vivian. **Estadísticas para la equidad de género: magnitudes y tendencias en America Latina**. Santiago de Chile: Cuadernos de la CEPAL número 92, CEPAL/UNIFEM, 2007.

MOSER, Caroline. **Planificación de género. Objetivos y obstáculos**. Em Largo Eliana (Editora).Género en el Estado. Estado del Género.Ediciones de las mujeres, pp 33-42, 1998.

PENROD, J. et al. A discussion of chain referral as a method of sampling hard-to-reach populations. **Journal of Transcultural Nursing**, vol 4. n. 2, p. 100-107, Apr. 2003.

KABEER, Naila et al., ed. (2006) **Lugar preponderante del género en la erradicación de la pobreza y las metas de desarrollo del milenio**, México: The Commonwealth Secretariat y Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo (IDRC), en Rico, María Nieves coord. (2011) El desafío de un sistema nacional de cuidados para el Uruguay. Santiago de Chile: CEPAL.

KATZMAN, Ruben; RETAMOSO, Alejandro. **Segregación espacial, empleo y pobreza en Montevideo**. Santiago de Chile: Revista de la CEPAL, pp.131-148, 2005.

REINA, Maria del Carmen y CEA, Manuel. **Estereotipos de género en el juego y en el ocio tecnológico interactivo**. España: Universidad de Granada, Facultad de Bellas Artes, 2005.

RICHTER, Ana Cristina et al. Questões de gênero na pequena infância institucionalizada: um estudo em práticas de educação física. In: FAZENDO GÊNERO, 8., Florianópolis, 2008. **Anais...** Florianópolis: Fazendo Gênero, 2008. p. 1-6.

SALVADOR, Soledad. **Hacia un sistema nacional de cuidados en Uruguay** en Rico, María (coord.) El desafío de un sistema nacional de cuidados para el Uruguay. Santiago de Chile: CEPAL, pp. 15-112, 2011.

SALVADOR, Soledad. **Hacia un sistema nacional de cuidados en Uruguay**. Proyecto CEPAL-UNFPA: “Género, Población y Desarrollo”, (Proyecto RLA/6P41 A) “Estructuras familiares en América Latina y el Caribe”, Montevideo 9 de diciembre del 2010, versión preliminar, 2010.

SALVADOR, Soledad. **La institucionalidad para los cuidados en Uruguay y su cobertura** en Fassler, Clara *Hacia un sistema nacional integrado de cuidados*. Montevideo: Trilce, pp. 65-98, 2009.

SALVADOR, Soledad. **Uruguay: Servicios de cuidado y distribución de responsabilidades de cuidado en el hogar**. IGTN-Proyecto: *Comercio, Género y Equidad en América Latina: generando*

conocimiento para la acción política. Disponible en:
www.generoycomercio.org/investigación, 2007.

SAYAO, Deborah. **Por que investigar as questoes de genero no ambito da Educação Física, Esportes e Lazer?** Motrivivência, Florianópolis: editora da UFSC, ano XIII, n.19, p.87-95, dez/2002.

SCHEINES, Graciela. **Juegos inocentes, juegos terribles**. Conferencia realizada en la Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires. y organizada por al Area Interdisciplinaria de Estudios del Deporte el 10/4/1999. pp 1-16,1999.

SCURO SOMMA, Lucia. **Pobreza y desigualdades de género** en Aguirre, Rosario (2009) *Las bases invisibles del bienestar social. El trabajo no remunerado en Uruguay*. Montevideo: UNIFEM, 2009.

SCURO SOMMA, Lucia (2012) *Construyendo autonomía en el Uruguay* en Batthyány Dighiero, Karina; Montañón Sonia (2012) **Construyendo autonomía. Compromisos e indicadores de género**. Santiago de Chile, Chile: Naciones Unidas, 2012.

SCHIAVONI, Giulio. **Frente a un mundo de sueño. Walter Benjamín y la enciclopedia mágica de la infancia**. En: *Escritos, la literatura infantil, los niños y los jóvenes*. Walter Benjamin. Buenos Aires: Nueva Visión, 1989.

SHAW, Susana and DAWSON, Don. **Purposive leisure: examining parental discourse on family activities**. *Leisure Sciencies*, London, UK, 23: 4, 217-231, 2001.

SISTEMADECUIDADOS.GUB.UY.
http://www.sistemadecuidados.gub.uy/innovaportal/v/13298/1/innova.front/ninos_y_ninas Acceso em: 21 de fevereiro do 2013.

TENTI FANFANI, Emilo. **La educación como violencia simbólica: Pierre Bourdieu y Jean Claude Passeron**. En: *Sociología de la Educación. Corrientes Contemporáneas*. Torres, Carlos y Rivera, Guillermo (1994). Buenos Aires: Miño y Davila, 1994.

TORNS, Teresa. **El trabajo y el cuidado: cuestiones teóricometodológicas desde la perspectiva de género**. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona, Dpto. de Sociología, 2007.

WIKIPEDIA.ORG. Disponível em:

https://es.wikipedia.org/wiki/Anexo:Pa%C3%ADses_por_%C3%ADndice_de_desigualdad_de_g%C3%A9nero#IDG_por_regiones_y_grupos.

Acesso em: 8 de agosto do 2015.

UNFPA org.uy **Contribuciones para el diseño del sistema nacional de cuidados con enfoque de género y derechos**. Disponível em:

http://www.unfpa.org.uy/userfiles/publications/57_file1.pdf Acesso em:

18 fev. do 2013.

UNICEF. **Convención sobre los derechos del niño. 20 de noviembre de 1999. 10º aniversario de la Convención sobre los derechos del niño**. Montevideo: UNICEF, 1999.

VEIGA, Danilo. **Desigualdades sociales y segregación en Montevideo**. Montevideo: Departamento de sociología, FCS-UDELAR, 2001.

WALKERDINE, Valerie. Ciência, razão e a mente feminina. **Revista educação e Realidade**,32 (1): 7-24, jan/jun. 2007.

ANEXO A –Termino de consentimiento libre y esclarecido

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCAÇÃO E SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE - CEP
88040-900 - FLORIANÓPOLIS / SC
TELEFONE +55 (48) 3721-4774 - FAX +55 (48) 3721-9772
E-mail: ppgef@contato.ufsc.br

TERMINO DE CONSENTIMIENTO LIBRE Y ESCLARECIDO

Mi nombre es José Manuel Alvarez Seara, estoy haciendo una maestría en el Programa de Pós-Graduação em Educação Física de la Universidad Federal de Santa Catarina, Brasil, y estoy desarrollando, junto con mi orientador, Profesor Doctor Jaison José Bassani, la investigación “Juegos y tiempos de cuidado en un barrio de Montevideo”, con el objetivo de **identificar, describir y analizar los juegos entre niños/as (0 a 10 años) y personas cuidadores/as (personas responsables por el cuidado de los niños/as), en el espacio privado de la casa y en los espacios públicos, explorando desde una perspectiva de género, los juegos, el tiempo de cuidados, y el tiempo libre en la ciudad de Montevideo.**

Considerando los terminos de la Resolución n. 446, del Consejo Nacional de Salud del 12 de diciembre de 2012 sobre las cuestiones éticas en investigaciones con seres humanos, gustaria, junto con mi orientador, de invitarlo a colaborar con la investigación.

Su participación se dará por medio de respuestas de una entrevista sobre cuestiones sobre los juegos y los cuidados. Los riesgos de su participación en la investigación son mínimos y estan asociados a posibles intromiciones o a un posible uso no autorizado de las informaciones, para los propositos de esta investigación. Los datos seran almacenados en lugares seguros por los responsables de la investigación y **su identidad no será revelada**, garantizandose el anonimato de las fuentes. Usted puede optar por no responder preguntas que juzga entrometedoras o mismo, en cualquier momento, desistir de participar de la investigación, sin que eso tenga cualquier tipo de prejuicio. Los resultados de la investigación seran utilizados exclusivamente para la tesis de maestría y otros fines académicos, como artículos, capítulos de libro y comunicaciones en congresos.

Agradeceremos si puede colaborar voluntariamente con nosotros, sin obligación de su parte. Usted puede, por lo tanto, negarse a participar o, mismo participando, abandonar el proceso en cualquier momento, sin problema, retirando su consentimiento. No habrá algún beneficio en dinero o indemnización

por participar de la investigación.

Los responsables están a disposición para cualquier esclarecimiento que se haga necesario, por el teléfono 099428315 o por los e-mails josmanu3@gmail.com e jaisonbassani@uol.com.br.

Sua colaboración es muy importante.

JAISON JOSÉ BASSANI
Professor Orientador/Coordenador

JOSÉ MANUEL ALVAREZ SEARA
Maestreado del PPGEF/UFSC

Yo, _____, declaro estar plenamente de acuerdo y concuerdo voluntariamente en participar de la investigación intitulada JUEGOS Y EL TIEMPO DE CUIDADOS EN UN BARRIO DE MONTEVIDEO. Este documento es emitido en dos vías que serán ambas firmadas por mi y por el investigador, quedando una vía para cada uno.

Montevideo, ____ de _____ del 2014.

Firma: _____

Aclaración: _____

ANEXO B –Roteiro de entrevista 1

Entrevista a personas que tienen a cargo hijas/os de 0 a 10 años

Pauta de entrevista

Buenos días, mi nombre es José Alvarez, soy estudiante de maestría del PPGEF-UFSC de Brasil y estoy haciendo una investigación que tiene que ver con los cuidados infantiles y los juegos, quería hacerle una entrevista....le agradecería si me podría dar información, la entrevista tiene carácter de ser confidencial y me ayudaría mucho la información brindada para llevar adelante mi investigación.

<p>1-Podría decirme Quienes viven en Su hogar comenzando Por usted? 1.entrevistada 2.Cónyuge o pareja 3. Hijos 4. Padre/madre/suegro/a 5. Otro familiar 6. Otro pariente 7. Servicio doméstico</p>	<p>2. Sexo 1. M 2. F</p>	<p>3. Edad</p>	<p>4. Estado Civil 1. Casamiento civil 2. Unión libre 3. Separada/divorciada 4. Viudo/a 5. Soltero/a</p>	<p>5.Nivel educativo 1-Nunca asistió 2-Preescolar/jardín 3-Primaria incompleta 4-Primaria completa 5-Secundaria/UTU incompleta 6-Secundaria/UTU completa 7-Terciaria incompleta 8-Terciaria completa 9-Universitaria incompleta 10-Universitaria completa</p>
---	------------------------------------	----------------	---	---

<p>6. Solo para miembros mayores de 14 años de edad ¿ Actualmente trabaja en forma remunerada?</p> <p>1. Si 2. No</p>	<p>7. ¿Cuántas horas semanales trabaja considerando todos sus empleos?</p> <p>1. Menos de 20hs. 2. Entre 20 y 40hs 3. Más de 40</p>	<p>8. ¿Cuál es el ingreso total del hogar por mes?</p> <p>1. Hasta 5000 pesos 2. Entre 5001 y 10000 pesos 3. Entre 10001 y 15000 pesos 4. Entre 15001 y 20000 pesos 5. Entre 20001 y 25000 pesos 6. Entre 25001 y 30000 pesos 7. Entre 30001 y 35000 pesos 8. Entre 35001 y 40000 pesos 9. Más de 40000 pesos</p>	<p>9. ¿Cuál son tus ingresos mensuales?</p> <p>1-Hasta 5000 pesos 2-Entre 5001 y 10000 pesos 3-Entre 10001 y 15000 pesos 4-Entre 15001 y 20000 pesos 5-Entre 20001 y 25000 pesos 6-Entre 25001 y 30000 pesos 7-Mas de 30001</p>
---	---	---	---

-¿Cual es su nombre?

-¿Dónde nació? ¿En qué barrio reside actualmente?

- Estructura de la vivienda, distribución de los espacios, cuantos cuartos tiene la casa, tipo de material, casa propia o alquilada.

- Auto percepción de clase social.

- en relación a su color de la piel como se declara: blanco, afro-descendiente, amarillo, indígena, otro, no deseo declarar.

- ¿trabaja? Cual es el trabajo que realiza

Niños/as

-Edad

-Escolarización

-Actividades fuera de la escuela. (Ingles, clubes y otros) preguntar si son pagas.

-ayudan en la casa con las tareas domesticas y los cuidados infantiles de otros hermanos/as, en este caso quienes las realizan

Tiempo de cuidados infantiles

- ¿Cuánto tiempo dedica diariamente al cuidado sus hijos? ¿Con quiénes contás de tu familia para el cuidado del niño/a? ¿Con quiénes contás de tu círculo de amigos / comunidad – vecinos/as? En caso de que tú o el principal cuidador no puedan cuidar al niño/a, con quienes contás para el cuidado? ¿Qué pasa cuando el niño/a esta enfermo? ¿Quién lo cuida? ¿le pagan por el cuidado? ¿si tienen algún tipo de orientación sobre los cuidados? ¿es que toman como ejemplo de cuidados lo que hacían sus padres con ellas? Existe un acuerdo familiar de quien realiza las tareas de cuidados infantiles.

TAREAS DE CUIDADOS

	Entrevistada/o	cónyuge	Servicio Doméstico	Otros
Darles de comer				
Llevarlos a la escuela/colegio				
Jugar con ellos en la casa				
Jugar con ellos fuera de la casa				
Llevarlos a pasear				
Ayudarlo con los deberes				
Bañarlos				
Hacerlos dormir				
Reprenderlos				
Premiar				

- ¿qué tipos de medidas son tomadas cuando reprenden a los niños/as y cuáles son las medidas en la premiación, cuales son estas medidas (si están relacionadas con el tiempo libres)?

- ¿Recuerda cómo fue su infancia, quien se hacía cargo de los cuidados? Breve descripción de ese recuerdo.

Juegos

- juegos realizados según el género del adulto/a (especificar: espacio físico, tiempo aproximado, nombre de los juegos y desarrollar la explicación de los juegos por parte de las personas y su intervención o no en ella)
- ¿Le gusta jugar con las niñas/os? ¿para qué cree que sirven los juegos?
- Juegos realizados por las niñas/os solas (desde la perspectiva de las personas cuidadoras), que juegos creen que hacen en la escuela y/o, clase de educación física, en otras instituciones sociales específicos que ellas frecuenten.
- Descripción de los juegos que juega con los niños/as, nombre del juego, duración aproximada, lugar donde lo juegan, son juegos competitivos.
- Recuerdos de juegos que realizaba en la infancia, ¿Qué juegos recuerda de la infancia y con quienes los jugaba? relación con los actuales juegos.
- ¿Cuáles son los juegos que las niñas/os no pueden jugar? Juegos prohibidos
- Relación entre juegos con niños y niñas, como es la reacción del adulto cuando la niña gana o cuando el niño gana.
- Hablando de los niños y niñas, quienes juegan fuera de la casa, (ir a jugar a la plaza con amigos, remontar cometas, jugar en la vereda)

Juguetes

- Uso de juguetes por niñas/os, Tipos de juguetes (breve descripción, color, personajes, tamaño, material), Marca del juguete
- Que tipos de juguetes les piden los niños/as que compren los adultos/as y que hacen los adultos/as.
- Donde y cuáles son los criterios para comprar los juguetes, si son juguetes certificados, si está adaptado a la fase etaria.
- Juguetes compraron nuevos o usados, o son donados por otros.

Lazer (adultos/as e crianças)

- Que hacen en el tiempo libre con los niños/as.
- Preguntar por el uso de la televisión o de las redes sociales o juegos de computadoras, donde es que lo usan los niños/as, tiempo y espacio y a que juegan. (deportes, danza, lectura de libros, salida a plazas, revistas, salidas a shopping)

Alguna reflexión o algo que quieras agregar a la entrevista...

Muchas gracias por el tiempo y por la información brindada.

ANEXO C –Roteiro de entrevista 2

Entrevista a funcionarias del CAIF

Pauta de entrevista

Buenos días, mi nombre es José Alvarez, soy estudiante de maestría del PPGEF-UFSC de Brasil y estoy haciendo una investigación que tiene que ver con los cuidados infantiles y los juegos, quería hacerle una entrevista....le agradecería si me podría dar información, la entrevista tiene carácter de ser confidencial y me ayudaría mucho la información brindada para llevar adelante mi investigación.

¿Cual es su nombre, edad, cargo jerárquico dentro de la institución?

¿Cual es el equipo de trabajo del CAIF, planta docente y no docente, recursos económicos y sexo biológico de las/os funcionarias/os?

Breve historia de la institución en el barrio

¿Cual es la población de niñas/os que atiende? ¿Esta acorde con la demanda de la población?

¿Breve descripción del servicio que brindan?

¿Cual es el contexto socioeconómico?

¿Calidad del servicio?

¿Control del servicio por parte del Estado y comunidad?

¿Como definirían el servicio que brindan?

¿Como ven la oferta de servicios de 0 a 5 años en la zona?

¿El servicio de CAIF esta asociado por las personas que lo utilizan a lo pedagógico y/o al cuidado infantil comunitario?

¿Cual es la articulación con el Sistema Nacional de Cuidados?

¿En relación a los juegos y actividades que realizan con las/os niñas/os tienen una perspectiva de género u orientación en relación a una perspectiva de género?

¿En relación a los juegos infantiles cuales son los juegos que realizan las/os educadoras/es con las/os niñas/os? ¿Especificar cuales son y los cruces de género adulta-niño/a, adulto-niña-o?

¿Cuales son los juegos prohibidos, si existen hay una demarcación según el género?

¿Cuales son los espacios de juego dentro del CAIF, colores de los espacios y disposición?

¿Existe alguna normativa curricular en relación al trabajo dentro del CAIF con perspectiva de género?

Alguna cuestión que quiera aportar, muchas gracias por el tiempo y la información.